



NA PARAÍBA

Casos de infarto crescem 82%, mas número de óbitos diminuiu

Maior alta de atendimentos no ano passado foi na faixa etária de 41 a 60 anos, segundo dados do MS. [Página 5](#)

Foto: Mano de Carvalho/Secom-PB



Políticas públicas visam acolhimento às famílias migrantes

Comitê Estadual será lançado nesta semana para elaborar um plano de ajuda aos venezuelanos indígenas da etnia Warao que vivem na Paraíba. [Página 3](#)

■ “O jornal de 1950 pouco acrescentava à feitura do texto além do que se aprendera sob o fogo da 2ª Guerra Mundial. Lia-se o jornal menos pela notícia do que pela opinião.”

Gonzaga Rodrigues

[Página 2](#)

■ “A tentação de adquirir produtos caros ou em excesso reflete desafios comuns no planejamento financeiro pessoal e na gestão de desejos imediatos em face de metas futuras.”

João Bosco Ferraz

[Página 17](#)

Foto: Ortilo Antônio



Abrigos para idosos enfrentam crise

Instituições que funcionam em João Pessoa sofrem com despesas elevadas e chegam a encerrar cadastros para novos moradores. Situação preocupa gestores e aflige quem vive acolhido nesses locais.

[Página 6](#)

Desacelera a participação de mulheres na política do país

Número de candidaturas femininas continua crescendo, porém em ritmo menor desde 2018.

[Página 13](#)

Categorias de base são a força do futsal na Paraíba

Dirigente de federação destaca atuação de atletas de oito a 19 anos, mas lamenta ausência de torneios adultos.

[Página 21](#)

Foto: Edson Matos



Memórias

Paginação, setor extinto nos jornais, foi a “escola” de Ilka Soares

O trabalho era minucioso e artesanal. Ela nunca havia entrado numa Redação de jornal, mas topou o convite de um vizinho e, em poucos meses, já se apoderava da técnica.

[Páginas 14 e 15](#)



Vivências femininas

O Jornal A União circula, hoje, com uma primorosa edição especial em homenagem ao mês das mulheres. A publicação resgata histórias inspiradoras de quem driblou dificuldades, superou dores e preconceitos e agora conta suas vitórias.

Editorial

A pérola antilhana

Em João Pessoa, um trecho da Praia do Bessa, no norte da cidade, foi batizado de “Caribessa”, seguindo um velho costume nacional de se apelidar localidades e celebridades brasileiras com epítetos estrangeiros. No caso em tela, a referência exterior diz respeito ao Caribe, região associada à América Central, de alto fluxo turístico, conhecida também pela beleza de suas praias, banhadas pelo Oceano Atlântico.

É nesse paraíso chamado Caribe que está incrustada “A Pérola das Antilhas”, cognome que os franceses deram ao Haiti, terceiro maior país da região, depois de Cuba e República Dominicana. Os encantos de sua geografia, no entanto, são violentamente relativizados pela crise social e política que tem transformado aquela nação em uma das piores referências internacionais, no que diz respeito à qualidade de vida.

O Haiti tem uma população estimada em cerca de 11,5 milhões de habitantes, sendo que 60% não são alfabetizados e 80% estão sem emprego. A violência voltou a castigar o país com seus implacáveis tentáculos, principalmente após o assassinato do presidente Jovenel Moïse, em julho de 2021. Até o fechamento desta edição, temia-se que grupos paramilitares assumissem o poder, vago desde a morte de Moïse.

A miséria e a violência são duas velhas conhecidas dos haitianos, apesar do país ter sofrido duas consideráveis intervenções militares, em 1994 e 2004, a última sob a liderança do Brasil. No ano passado, o Conselho de Segurança da ONU autorizou o envio de uma força internacional, para ajudar a Polícia Nacional do Haiti no enfrentamento das gangues armadas, mas há muitas dúvidas quanto à eficácia dessa estratégia.

Estudiosos da “questão haitiana” entendem que os grupos ou gangues paramilitares cresceram em número e capacidade bélica, e, no caso de uma união mais ampla e de uma tomada de poder, será muito difícil desalojá-las. Até porque o poderio bélico das forças que devem participar da nova interferência, com, por exemplo, policiais do Quênia e do Benin, estaria muito aquém das intercessões anteriores.

A situação vivida hoje pelo Haiti encontra equivalente em outros países do globo, vários situados em regiões como a África Subsaariana, e carece de uma atenção muito mais séria das nações com poder político, militar e econômico, caso se queira, de fato, transformar esperança em realidade. A degradação de qualquer nação depõe contra a segurança do mundo, mesmo que tudo pareça distante dos centros de decisão.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

O antagonismo político de 1968 e 2018

O ano de 1968 caracterizou-se pelo fortalecimento dos movimentos de esquerda nos países do Ocidente, tanto no plano político, quanto no ideológico. Fatores históricos, culturais e políticos suscitaram um movimento social chamado de contracultura, concorrendo para emergência de novas “identidades” coletivas. Ficou conhecido como “o ano que não terminou”. Vivi essa época.

Eram atos de vontade política, com manifestações contrárias à concepção de mundo até então vivenciada, em todas as suas vertentes. Os jovens, representando esse movimento revolucionário, ocuparam as ruas desfaldando as mais diversas bandeiras: o feminismo, a luta pela paz mundial, críticas às formas burocráticas de organização social, contra o racismo, libertação nacional (nosso caso por estarmos sob o jugo de uma ditadura militar), ecologia, liberdade de expressão, direitos humanos etc.

No Brasil, as frentes de contestação política e social tiveram como protagonistas os estudantes, os operários, e uma agitação cultural promovida por intelectuais e artistas. Foi, sem dúvida, deflagrada uma onda revolucionária de ideias e costumes sem precedentes na nossa História, rebeliões sociais questionadoras da ordem reinante. O “Maio de 1968”, da França, foi diferente em nosso país. Aqui foi o ano inteiro, até o AI-5. A geração de 1968 pagou caro por ecoar o grito de rebeldia contra o sistema vigente.

1968 foi um ano mítico. Um marco simbólico. O sociólogo francês Edgar Morin diz que foi “o ano de éxtase da História”. No Brasil, foi um movimento de vanguarda, com parte da sociedade reagindo contra o ataque à democracia que a ditadura militar estava impondo, sob o argumento de que essas manifestações populares eram lideradas por militantes da esquerda, portanto seriam consideradas pelo regime como “subversivas” ou “comunistas”. Porém foi uma geração que não se acovardou. Exerceu plenamente sua consciência crítica.

Quando fazemos o paralelo com o ano de 2018, vimos o Brasil dando uma guinada para a direita, com a concordância passiva de boa parte da população, incluindo aí muitos jovens. Se em 1968 a bandeira de luta era sairmos da ditadura militar, em 2018 renasceu uma orientação política no sentido inverso.

Vitoriosos numa eleição estrategicamente municiada para levar a extrema direita ao poder, passaram a adotar medidas governamentais no sentido de negar o passado, estimulando posturas antidemocráticas, num esforço saudosista de considerar a Ditadura Militar como um regime que fez bem ao Brasil. Tentaram a todo custo tornar esquecido o grito da geração de 1968 em favor das liberdades democráticas.

O “mito” virou coisa séria, proferindo um falso discurso de anti-*establishment*, dando voz à contracultura conservadora. A inversão de 1968. Uma política que girou em torno de rótulos: “herói” ou “bandido”, entrando na curva escura do caminho. Entretanto, podemos concluir que, de 1968 a 2018, a luta não terminou para os que defendem a democracia, abrindo perspectivas de uma nova era de inclusão social e desenvolvimento econômico. Os inimigos da democracia em 1968 vestiam farda. Em 2018, eles não só vestiam fardas, mas também ternos e togas.

Felizmente, em 2022, a maioria do povo brasileiro acordou para a realidade. A democracia venceu.

“

No Brasil, as frentes de contestação política e social tiveram como protagonistas os estudantes, os operários, e uma agitação cultural promovida por intelectuais e artistas

Rui Leitão

Foto Legenda

Evandro Pereira



Lixo e poluição visual

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De volta a velhas lições

Até então aprendíamos por ouvir dizer. O jornal de 1950 pouco acrescentava à feitura do texto além do que se aprendera forçado sob o fogo da 2ª Guerra Mundial, narrada pelo rádio. José Leal e Dulcídio Moreira improvisavam verdadeira estenografia para não serem passados para trás pelo concorrente, O Norte, que terminou fechando para só retornar como porta-voz da campanha de José Américo ao governo do estado. Lia-se o jornal menos pela notícia do que pela opinião. Daí, muitos Carlos Dias Fernandes serem mais importantes do que o jornal.

Ao chegar à direção de *A União*, Juez Batista dispunha de meia dúzia de comentaristas que não davam à notícia ou a reportagem tratamento diferente. A escola de quem se metesse a repórter eram as agências de notícia, United Press, France Press e as nacionais Asapress e Meridional. Comecei a alinhar alguma notícia local quando me botaram para copiar o noticiário radiotelegráfico.

Chegava, então, José Ferreira Ramos, que andara pela redação da Tribuna da Imprensa enquanto cursava Administração no Dasp, e com espírito crítico e salutar ironia tentava conscientizar-nos de que o jornal que fazíamos era um primoroso modelo de antijornalismo. Até aí, a notícia tinha um padrão fixo que começava sempre pelo tempo (“Realizou-se ontem, às 15 horas, etc”) e terminava com a lista hierárquica das autoridades presentes a algum ato solene. Era um jornal de eventos oficiais e culturais, mingua em sua liberdade política. É José Ramos quem nos adverte para a reforma deflagrada pioneiramente pelo Diário Carioca de Danton Jobim e a Tribuna da Imprensa de Lacerda. E nos fala de lide, de abrir a notícia pelo clímax ou com o que mais de imediato possa segurar o leitor.

É nessa fase que João Manuel de Carvalho engaja-se na redação do Jornal do Brasil e passa a trabalhar, frente a frente, com Alberto Dines e Calazans Fernandes.

Foram os João Manuéis e os José Ramos os mensageiros dos jornais-escola do Rio, aos quais se associavam as figuras mitológicas de Dines, Calazans e Pompeu de Souza. Sem esquecer Carlos Lacerda, ele próprio tirando partido de seu

“

Lia-se o jornal menos pela notícia do que pela opinião

Gonzaga Rodrigues

apurado espírito crítico aplicado a um didatismo bem-humorado.

Já maduro, veterano da minha taba, soube da presença de Calazans num ciclo de palestras sobre comunicação em Recife. Minha primeira reação foi a de ir vê-lo. Conferir a imagem intensamente projetada pelos companheiros que trabalharam sob sua batuta. Mas logo me lembrei do conto “Viagem aos Seios de Duília” onde o narrador, mestre Aníbal Machado, ensina, para nunca mais esquecermos, “como fica longe o lugar do passado”. Quem me garantia se o Calazans real iria corresponder ao titã que a distância do meio e do tempo projetara em meus ares de aprendiz?

Achei melhor, então, conservá-lo de longe, como voltei a vê-lo no belíssimo perfil que Ney Lopes ofereceu em sua antiga página de “Brasília EM DIA”, registrando a morte de mais esse grande brasileiro do Rio Grande do Norte.

Um dos primeiros detentores do Prêmio Esso de Reportagem, Calazans teve seus lances de estadista sem militar efetivamente na política. Conseguiu chegar a Kennedy e obteve, com os dólares da Aliança para o Progresso, bancar o método de alfabetização de Paulo Freire na cidadezinha de Angicos. Foi dele a ideia, envolvendo o governador Aluisio Alves de então. E tinha vínculos com a Paraíba: Calazans estudou no Diocesano de Patos e era amigo dileto de Odilon Ribeiro Coutinho. Ney Lopes o definiu como “o direitista de esquerda”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762



Fotos: Manodacarvalho/Divulgação

O artesanato é uma das principais fontes de renda das famílias venezuelanas indígenas da etnia Warao que vivem em terras paraibanas

ACOLHIMENTO

Políticas públicas levam cidadania aos migrantes

Comitê será criado para elaborar plano de ajuda às famílias venezuelanas

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A Paraíba será palco amanhã e terça-feira (19) da I Conferência Estadual de Migrantes, Refugiados e Apátridas, promovida pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh) com o objetivo de elaborar propostas para a construção de políticas públicas voltadas à população migrante residente no estado.

O evento também será marcado pelo lançamento do Comitê Estadual Intersetorial de Atenção às Pessoas Refugiadas Migrantes e Apátridas da Paraíba, órgão colegiado que tem como objetivo elaborar o plano estadual para o acolhimento de refugiados e migrantes. De acordo com Eduardo Brunello, gerente operacional de promoção do acesso à cidadania da Sedh, atualmente há 450 venezuelanos indígenas da etnia Warao vivendo em João Pessoa, um movimento que começou em 2020 e só nos primeiros meses deste ano já trouxe à cidade mais de 50 indígenas.

Diante desse cenário, o Governo da Paraíba busca estabelecer um plano de atuação para garantir o correto acolhimento dessas famílias, mas não apenas isso. Além de oferecer moradia, alimentação, itens de higiene pessoal e limpeza, o plano prevê o acompanhamento social dos indígenas residentes na cidade, bem como a execução de melhorias nas unidades de abrigamento, incluindo a reforma completa das casas. Para isso, em 23 de janeiro deste ano, houve a transferência de recursos financeiros no valor de R\$ 2.699.200,00, por meio de um Termo de Colaboração, visando assegurar o correto atendimento dos migrantes estabelecidos na Paraíba.

Segundo Brunello, tudo isso também se torna possível em razão da recente parceria firmada com o Serviço Pastoral dos Migrantes, instituição escolhida para dar continuidade ao trabalho que antes era exercido pela ASA (Ação Social Arquidiocesana). E ele explica: “no final do ano passado, a Sedh foi surpreendida com Ofício enviado pela ASA, informando que não daria continuidade ao convênio de abrigamento dos indígenas venezuelanos, de forma abrupta. A fim de suprir a demanda dos abrigos, a Sedh não mediu esforços e buscou estratégias para atendimento emergencial que pudesse garantir o fornecimento regular de alimentação”.



Atualmente, existem 450 venezuelanos indígenas Warao morando em João Pessoa

Sedh ajuda na adaptação dos Warao

Mesmo com a quebra da parceria, nenhum indígena ficou desassistido, reforçando o compromisso do estado em acolher os Warao com soluções duradouras. Além disso, Brunello lembra que, embora as unidades de abrigamento em João Pessoa tenham feito parte de uma estratégia emergencial e transitória, a Secretaria de Desenvolvimento Humano tem buscado ouvir os Warao para assegurar a efetiva adaptação deles ao território paraibano, o que se configura em um de-

safio contínuo, como bem pontua o representante da pasta. “São povos originários de ambientes ribeirinhos do norte da Venezuela. Não falam português e possuem baixa escolaridade e qualificação profissional, fatores que dificultam a própria autonomia desta população”, explica.

Após o abrigamento inicial, que ocorreu no ano de 2020, tornou-se fundamental articular estratégias que facilitassem o acesso dessa população tanto às políticas públicas quanto à própria cidade.

Desde a chegada das primeiras famílias tem sido realizado o acompanhamento social dos migrantes, com a criação de fluxos para promover o acesso aos programas, benefícios e serviços socioassistenciais.

Atualmente, 113 famílias que moram em João Pessoa são atendidas pelos Centros de Referência da Assistência Social (Cras) e beneficiadas com o Bolsa Família, por exemplo. São realizados projetos para fomentar a geração de renda e a empregabilidade.

Atendimento sensível e diferenciado

Segundo o gerente operacional da pasta, os processos de escuta, convivência e construção coletiva de saberes e práticas são fundamentais para “consolidar um atendimento sensível e etnicamente diferenciado”. “Pensar a política pública como alto construído coletivamente é um grande avanço que estamos conseguindo aqui na Paraíba”, enfatiza Brunello.

A integração também

prevê a inserção de crianças, jovens e adultos nas escolas de João Pessoa. Hoje, 164 alunos estão matriculados na rede municipal de educação, sendo 89 com idade de seis a 18 anos, 33 na faixa de dois a cinco e 42 estudantes entre 18 e 60 anos.

Já no âmbito da saúde, os venezuelanos indígenas da etnia Warao são acompanhados por uma equipe exclusiva, compos-

ta por enfermeiros, técnicos de enfermagem e um médico, responsável por atendê-los em seus territórios de moradia.

A iniciativa foi resultado de uma parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa. A Sedh recebeu em 2022 o Prêmio de Boas Práticas na garantia de direitos de migrantes, reconhecimento vinculado à Agência da ONU para Refugiados no Brasil (ACNUR).

Saiba Mais

Com a crise econômica e política enfrentada na Venezuela, indígenas e não indígenas venezuelanos se deslocaram de seu país de origem em direção ao Brasil pela fronteira em Roraima – entre eles migrantes da etnia Warao.

Porém, em decorrência da superlotação em Boa Vista, muitos optaram por migrar para outros estados, como a Paraíba, em busca de melhores condições, com acesso garantido a itens fundamentais como saúde, alimentação

e trabalho. Entretanto, por serem indígenas, os Warao enfrentam o desafio diário de se adaptarem à vida urbana, tendo em vista que na Venezuela viviam em casas de palafitas às margens de rios e córregos.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

PRÉ-CANDIDATURAS A PREFEITO DE QUATRO EX-MINISTROS DE BOLSONARO NÃO DECOLARAM

Ex-auxiliares do primeiro escalão do governo Jair Bolsonaro, quatro ex-ministros são pré-candidatos a prefeito nas eleições deste ano. O detalhe é que nenhum deles está bem colocado nas pesquisas de intenção de voto, sequer figuram numa segunda colocação. Ao que parece – em que pese o fato de que a campanha propriamente dita ainda não começou – o ex-presidente não está conseguindo transferir o seu capital eleitoral para esses pré-candidatos ligados, umbilicalmente, ao bolsonarismo. Estão nessa condição o ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga (PL), pré-candidato em João Pessoa, que aparece com apenas 3,2% das intenções de voto, oscilando entre o quarto e o quinto lugares; o ex-ministro da Cidadania, João Roma, que estará na disputa em Salvador – ele está em terceiro lugar, com 6,1%; o ex-ministro do Turismo, Gilson Machado (foto, do PL), em Recife, com 5,4%, que está em quarto lugar; o ex-ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, que embora não tenha oficializado sua pré-candidatura em Porto Alegre, aparece nas pesquisas em quarto lugar, com 9,6%. E com o cerco se fechando em torno de Bolsonaro, no que diz respeito à acusação de tentativa de golpe de Estado, possivelmente essas candidaturas tenderão a não decolar.



Foto: AB/Reprodução

DEVIDO AO APOIO DA ESQUERDA

Jackson Macêdo, presidente do PT na Paraíba, tem uma tese sobre o porquê de o partido levar o debate sobre candidatura própria em João Pessoa à direção nacional. “A unidade dos partidos do campo progressista em torno da candidatura de Cícero chamou atenção”, avaliou. Ele se refere ao apoio do PSB, do PCdoB, do PV e do PDT ao projeto de reeleição do prefeito.

COM A ANUÊNCIA DE LULA

Não é somente em João Pessoa que a direção nacional do PT decidiu intervir, suspendendo as prévias, para levar a decisão sobre candidaturas próprias à instância nacional. O mesmo ocorreu no Rio de Janeiro, em Curitiba e no Recife. Com a anuência do presidente Lula.

SÓ COM SEGURANÇA JURÍDICA

Esta semana, o deputado estadual Tovar Correia Lima admitiu a possibilidade de deixar o PSDB, com o intuito de ser candidato a prefeito – ou a vice, numa possível chapa de Romero Rodrigues – mas afirmou que só levaria essa ideia à frente se tivesse segurança jurídica. É que pela legislação eleitoral, o mandato pertence ao partido, o que poderia levar a direção da legenda a reivindicá-lo na Justiça.

“NÃO TEMOS INTERESSE”

Porém, o presidente do PSDB na Paraíba, deputado Fábio Ramalho, disse que a legenda “não vai buscar o mandato dele, não temos interesse nisso”. Contudo alertou que “alguns suplentes podem reivindicar, já que o mandato pertence ao partido”. O primeiro suplente, Manoel Ludgério, entretanto, já descartou essa possibilidade. O problema é que existe o segundo e o terceiro suplentes.

“ESTÁ COM DOR DE COTOVELO”

Presidente da ALPB, o deputado Adriano Galdino defendeu Nilvan Ferreira, pré-candidato a prefeito de Santa Rita, de ataques feitos de Wallber Virgolino (PL), que tachou o radialista de “agachado, subserviente, querendo cuspir no prato que comeu” – Nilvan deixou o PL para se filiar ao Republicanos. “É ciúme de quem está com dor de cotovelo”, disse Galdino, enfatizando que “ninguém do Republicanos é submisso a quem quer que seja”.

“ESTAMOS AO LADO DO STF, DIZ PRESIDENTE DO TRIBUNAL MILITAR

Presidente do Superior Tribunal Militar (STM), o tenente-brigadeiro Joseli Parente Camelo, discorda da possibilidade de conceder anistia a pessoas condenadas pelos crimes de 8 de janeiro de 2023. “Houve a tentativa ou não houve? Tudo isso é vazamento ou são provas? Nós não estamos contra o STF; estamos ao lado e é assim que tem de ser feito: julgar de acordo com a Constituição do país”, defendeu. O tenente-brigadeiro disse que o STM está alinhado ao Supremo Tribunal Federal, cujas decisões são constantemente atacadas pelo ex-presidente Bolsonaro e seu aliados.

Talita Tavares

Gerente Executiva de Vigilância em Saúde da SES

“Em 2023 atingimos 83% na cobertura de vacinas no estado”



Foto: Roberto Guedes

Gestora ressalta campanhas e ações para fortalecer a área da saúde na PB

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Formada em enfermagem e com uma larga experiência na área da vigilância sanitária, Talita Tavares está desde 2019 ocupando a Gerência Executiva de Vigilância em Saúde (GEVS) da Secretaria de Estado da Saúde (SES). Em entrevista ao Jornal **A União**, a gestora revela em detalhes como a gerência se articula com os municípios paraibanos e fala também sobre campanhas, antecipação da vacinação contra a gripe, do movimento antivacina, Covid, arboviroses, aumento dos casos de dengue, problemas com vetores animais, prevenção e monitoramento de morte materna, além das ações que o estado realiza para fortalecer a área da saúde.

A entrevista

■ Qual é o trabalho realizado pela Gerência Executiva de Vigilância em Saúde do Estado?

A Gerência Executiva de Vigilância em Saúde é uma gerência que aborda todas as pautas voltadas aos agravos de saúde pública, sejam os agravos agudos, crônicos e que tem interface ambiental e que precisam ser monitorados, mediante à política nacional. Então, a gente trabalha com as doenças que podem gerar impacto dentro do sistema de saúde, doenças de transmissão, doenças crônicas, que precisam de organização da rede assistencial. Doenças crônicas: tuberculose, hanseníase, HIV, por exemplo. Doenças agudas: sarampo, Covid, doenças que a gente pode eliminar ou diminuir a transmissão através das vacinas. Então, tudo isso é monitorado buscando estratégias de prevenção e monitoramento dessas doenças, se assim elas voltarem ao cenário do Estado ou ao cenário nacional.

■ Nos últimos tempos, a gerência tem voltado sua atenção para alguma pauta em especial?

A Covid, porque sabemos que não podemos relaxar. Saímos de uma emergência, mas hoje é um vírus que entra no rol de vírus de sazonalidade, como a gente já escuta muito bem, anualmente, falar da influenza A, influenza B. E sempre é uma preocupação devido às alterações genéticas, às mutações. Então, Covid sempre é uma preocupação pelo cenário que a gente viveu e o número de vidas que a gente perdeu. A mortalidade, a letalidade da Covid, ela diminuiu, mas é uma doença que ainda é prevalente dentro de um cenário com casos leves. As arboviroses, também vivemos anualmente uma sazonalidade. E o Brasil há mais de 30, 40 anos, tem anualmente ciclos de aumento de casos, com a Paraíba não é diferente. Nós já vivemos em 2016 o cenário da zika. E toda vez que tem essa repercussão, não só estadual, mas uma repercussão nacional do aumento de casos, que muito está envolvido a dois fatores, nova circulação viral e condições climáticas.

■ E como é feito esse acompanhamento dessas doenças?

Tudo parte pela assistência. A gente quando sente qualquer sin-

tomias já procuramos a equipe médica para nos atender e saber o que temos. Então quando o médico ele tá sensível dentro da possibilidade de hipótese de diagnóstico de ser uma doença aguda, crônica, tuberculose, uma dengue, de acordo com os sinais e sintomas do paciente, ele precisa notificar. A gente não consegue fazer vigilância se a gente não recebe essa informação. Então fazer vigilância em saúde nacionalmente, ela é regida por uma portaria de notificação compulsória, que a gente sabe as doenças que são obrigatórias a serem notificadas. Se eu quem vou gerar uma assistência, eu preciso notificar e pedir exames para fazer a confirmação ou investigar outras doenças, aí é onde entra a nossa rede laboratorial, que no estado, o laboratório que faz saúde pública dentro desses agravos, é o Lacen.

■ Como é feito o acompanhamento desses casos de agravo à saúde, junto aos municípios?

Nós trabalhamos várias informações para detectar uma possível subnotificação. O que é uma subnotificação? É quando eu recebo um dado do laboratório, por exemplo, e não vejo a notificação. É quando eu vejo alguém morrer por tuberculose numa região, aumentar uma incidência, uma letalidade, e eu não observar a detecção desses casos, ou até mesmo o tratamento, a busca de contactantes, a ampliação de exames. Então a gente olha a notificação, ou olha os sistemas laboratoriais para ver se está sendo feito o exame. Se essa positividade aumenta e não aumenta as notificações, é uma subnotificação. Precisamos detectar qual é a fragilidade, se é a conduta mesmo assistencial, o entendimento de fluxo, a importância da notificação. O Estado tem o papel de qualificar, e para qualificar eu preciso gerar monitoramento para saber onde agir, como fortalecer.

■ Temos visto, ultimamente, uma queda muito grande da adesão das pessoas à imunização, o que tem sido feito para fazer com que as pessoas voltem a ter o hábito de vacinar-se e a seus filhos?

As coberturas vacinais, principalmente em menores de idade, já vinham em queda nacionalmente antes da pandemia. Com a pandemia, a gente precisou trabalhar uma

vacina nova. Teve as fake news, teve todo o movimento antivacina e o receio de uma nova vacina. De certa forma, quando recebemos a vacina, observamos que a tendência, e a queda dos casos, foi impactada pela vacina. Mas nossa cobertura vem melhorando, diante do cenário que foi bem difícil para a Covid. Implantamos em 2022 o Vacina Mais Paraíba, onde visitamos os 223 municípios para entender o que estaria impactando na redução de cobertura e observamos que já precisava gerar novas qualificações junto aos profissionais, trabalhar o território nas suas particularidades de acesso. Por que o Estado instituiu o Dia D? Porque a gente observava que tinha uma parte da população que por algum motivo não tinha acesso a essa vacina. Fizemos todo um movimento com a equipe, com o agente comunitário de saúde, além disso, várias ações, desde 2022, foram desenvolvidas em parceria com os municípios. E em 2023 a gente já teve dados exitosos, porque saímos de cobertura de 45%, 50% para 83%, dentro de vacinas da rotina. Porque é importante falar de movimentos antivacina? Para desconstruir, porque vacinas dentro de doenças como coqueluche, difteria, rubéola, a gente não visualiza. Eu já passei, porém, por surtos de influenza, surtos de sarampo, a gente já teve Covid, a gente já teve dengue, chikungunya. No ano passado a gente perdeu vidas por chikungunya. E nós estamos trabalhando para o próximo dia 18, amanhã, a campanha de influenza, recebemos 30% das vacinas e temos a informação de que há circulação de influenza A no Estado. Então se tem circulação do vírus e a vacina chegou é distribuir e iniciar a vacinação.

■ Estamos enfrentando um surto nacional de dengue e mesmo assim, a vacinação contra a doença segue abaixo da média em todo Brasil. Qual a situação aqui no Estado?

Para a vacina da dengue, a gente até que está numa posição boa em relação aos outros estados. Por dois fatores: nossa população alvo é menor, de 10 a 14, só são 92 mil adolescentes e crianças, em 14 municípios, e nós conseguimos executar mais de 34% das doses recebidas. Por exemplo, Alhandra já vacinou 90% daquela população. Na programação do ministério, estamos conseguindo cumprir. Agora, com dificuldades em alguns municípios, em João Pessoa e Santa Rita, onde é mais populoso, sempre vai ser mais difícil atingir a meta. Nossas coberturas vacinais sempre são melhores atingidas nos municípios pequenos, porque a população é melhor identificada, trabalhada em escolas. Em João Pessoa é mais difícil a gente identificar, ter um agente de saúde com esse levantamento fidedigno, tem zonas descobertas e com isso fica difícil atingir coberturas mais rápido.

■ Mudando um pouquinho do foco das vacinas, como está a saúde

do paraibano na avaliação da gerência executiva?

Em relação às doenças crônicas não transmissíveis, como: hipertensão, diabetes, isso vai repercutir muito nessa condição de saúde do paraibano, do ser humano, e precisam ser trabalhadas intersetorialmente. Quando a gente recebe, por exemplo, as informações do aumento de internação por condições cardiovasculares, a gente vai observar a condição de obesidade, a condição do fumante, tabagista, dentro do território. E essas ações da vigilância vão voltar para as ações preventivas. Então através dos dados de internação, faz essa caracterização do perfil, da condição desse paraibano dentro desses dados. E gera informação para gerar a prevenção e promoção da saúde nesses espaços, bem como, organizar a vida assistencial.

■ Como a gerência tem atuado nos casos de vigilância ambiental, com vetores animais? Por exemplo, aqui em João Pessoa há problemas recorrentes em áreas de praia com ratos e com caramujos africanos.

A vigilância ambiental, ela está dentro da vigilância em saúde. Dentro dos municípios, ela é exercida pelos agentes de endemia. E alguns municípios têm centro de zoonoses. Quando falamos dos caramujos é uma particularidade principal aqui do litoral, principalmente João Pessoa, e são ações dentro de uma sazonalidade. Já a questão da leptospirose é um agravo de monitoramento, temos o rato como o transmissor e a gente precisa ter sempre esse olhar e ações a serem feitas. Assim, todo agravo que tiver interface com o ambiental dentro do município, devem ser estruturadas pela Vigilância Ambiental daquela cidade e onde se tem centro de zoonoses, eles trabalham dentro desses agravos, desses transmissores para diminuir o risco do adoecer, diminuir essa população de ratos, fazendo essas ações junto a qualquer sinalização que precisa ser tomada. O papel do Estado dentro desse controle vetorial é de receber todos os insumos que o município utiliza. A questão da leptospirose dos ratos, a gente não recebe nenhum insumo e o Estado não tem repasse para os municípios. Então quando a gente tem essas ações, pela vigilância do município, eles têm que fazer as ações tanto de custeio, mas também de execução do controle dessas praguicidas.

■ Sobre os casos de doenças comuns na população e nos animais domésticos, como gatos e cachorros, como é feito o acompanhamento?

Para os animais de rua, dentro dos agravos de zoonose, o que impacta muito é a leishmaniose (calazar), e a raiva. Então temos ações de monitoramento, campanha animal para a raiva anualmente e, geralmente, no segundo semestre na Paraíba. Para a leishmaniose visceral do adulto a gente tem que trabalhar com o agravo do adulto com

o tratamento que a gente disponibiliza, medicação mediante notificação e suspeita do caso, e para o animal, fazendo a testagem. Através do Lacen a gente disponibiliza o exame para que o município teste cada animal, seja domiciliar, seja de rua, porque precisamos ter animais saudáveis para evitar aumento de doenças. Para as questões de maus-tratos e abandono, temos a Gerência Operacional da Causa Animal que vem fortalecer essa política para que dentro da possibilidade de atuação a gente diminua essa população errante. No caso dos gatos, desde 2018, a esporotricose é considerada um agravo com notificação estadual e nós temos um banco de dados de informações de pessoas que foram atendidas e que possivelmente era esporotricose. Desde 2020, esse exame está disponível para o ser humano no Lacen, através do encaminhamento normal de assistência de atenção primária ou até mesmo do HU.

■ A gerência também realiza ações na prevenção e monitoramento de morte materna, como estão os dados de mortalidade materna no estado?

Óbito materno é uma pauta de governo. E não só do governo estadual, mas nacional, para a gente ter redução dessa mortalidade, porque nós tivemos um aumento significativo, inclusive na Covid, onde impactou a morte de muitas gestantes. Nós conseguimos reduzir a mortalidade em 2022, tivemos aumento em algumas regiões em 2023 e esse ano já temos seis óbitos confirmados. Esses óbitos são analisados por um grupo técnico para extrair as informações do que está impactando o aumento dessa mortalidade materna.

■ Como é estar à frente de uma pasta tão ampla como a Gerência Executiva de Vigilância em Saúde?

É ampla, de certa forma, mas gratificante no sentido de você conseguir visualizar algo e poder compartilhar, porque eu digo muitas vezes que a gente não compartilha problemas, pelo contrário, a gente compartilha a sinalização de soluções para evitar adoecimento, para evitar portas de entrada sobrecarregadas, para evitar óbitos. Se a gente consegue trabalhar essas informações de forma clara, de trazer a consciência do porquê notificar, porque olhar o dado como algo positivo, no sentido de que ninguém quer aumento de casos. Se eu detecto no início, no cenário epidemiológico, eu consigo reorganizar ações, consigo diminuir custos e muitas vezes diminuir também, que é o mais importante, a perda de vidas. Então quando eu trabalho tuberculose, eu observo aumento de casos, amplo exames, dou a medicação de forma oportuna, eu vou evitar que outros adoecem, evito o agravamento dessas complicações. Então é toda essa forma de agir, como fazer que eu me sinto gratificada, assim, de trazer os dados de vigilância, trazer esclarecimentos.

NA PARAÍBA

Número de infartos tem alta de 82%

Registro de atendimentos hospitalares foi de 1.518 em 2022 e deu um salto para 2.767 no ano passado

Alessandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Estresse, sedentarismo, hipertensão arterial, diabetes, má alimentação. Que prejuízos esses fatores trazem ao nosso coração? A pergunta é apropriada ao analisarmos o ritmo de vida da população e o aumento de infartos agudos do miocárdio registrados na Paraíba. Dados do Ministério da Saúde (MS) mostram que, no ano passado, o estado registrou 2.767 atendimentos hospitalares referentes a essa demanda. O número é 82,27% maior do que o ano anterior, quando foram atendidos 1.518 pacientes.

Na análise por idade, o MS apontou que a incidência de casos teve maior alta na faixa etária entre 41 e 60 anos. Foram 435 atendimentos em 2022 e 838 em 2023, um crescimento de 92,64%. Em segundo lugar vêm os pacientes entre 18 e 40 anos, cujos atendimentos hospitalares chegaram a 58 em 2022 e 111 no ano passado, um acréscimo de 91,37%. (Veja dados completos no infográfico).

“A vida estressante, o tabagismo, etilismo em excesso e o sedentarismo predispõem ao aparecimento de doenças como hipertensão, obesidade e o diabetes. E essas doenças aumentam a chance de infarto”, afirmou o cardiologista Glauco de Gusmão, presidente da Sociedade Paraibana de Cardiologia.

Segundo ele, a correria da sociedade atual, sem tempo para o autocuidado, forma uma conjuntura favorável ao adoecimento. O paraibano que não deseja fazer parte das estatísticas de doenças coronárias precisa adotar um estilo de vida saudável, evitando a inatividade física, cuidando da alimentação e se afastando do cigarro, seja eletrônico ou de qualquer outro tipo.

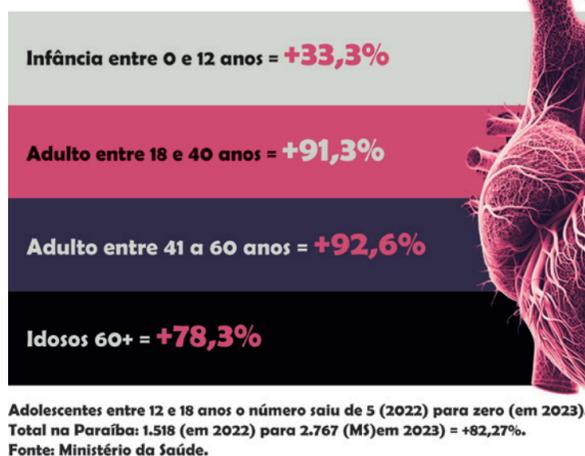
“O tabagismo aumenta muito a chance de ter infarto porque deixa todo o endotélio, que é a capinha de células que cobrem as artérias, inflamada. Essa inflamação predispõe ao surgimento de placas de aterosclerose (gordura), que com o passar do tempo, pode levar a uma obstrução das vias coronárias”, comentou Glauco.

O excesso de peso é outro fator de risco. O cardiologista explicou que a obesidade deixa o corpo em um estado inflamatório e aumenta a possibilidade de desenvolver quadro de hipertensão arterial sistêmica e diabetes. “Quem já é hipertenso e diabético deve manter o controle rigoroso dos níveis pressóricos.”

O cidadão que não faz atividade física deve repensar urgentemente sua postura, pois essa prática é vista por especialistas como uma espécie de “remédio” para o organismo, trazendo apenas vantagens para o corpo e a mente. Glauco de Gusmão afirmou que já há estudos abordando a importância do exercício físico

Confira os Números

■ Variação percentual por faixa etária no número de atendimentos hospitalares de infarto agudo do miocárdio na Paraíba



sico para tratar depressão, ansiedade e doenças coronárias, inclusive Acidente Vascular Cerebral (AVC).

A manutenção de uma postura positiva diante dos desafios da vida e a atenção à saúde mental também estão ligadas ao bem-estar geral do ser humano. “Todas as doenças têm a ver com o estado emocional de cada pessoa. De um modo geral, começam nos estados emocionais desequilibrados que baixam nossa imunidade e predispõem ao surgimento de doenças”, declarou.

Sobre o maior número de infartos no estado, o cardiologista disse que os registros também estão relacionados à

melhoria do serviço especializado na Paraíba, pois com um maior volume de pacientes se tratando, há maior notificação da demanda. Nesse aspecto, ele citou dois importantes centros de atendimentos voltados para esses pacientes: o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, unidade estadual situada em Santa Rita, e o Hospital Santa Isabel, administrado pela Prefeitura de João Pessoa. “A gente começou a acompanhar muito mais pessoas que antes não tinham esse serviço. Acho que o grande diferencial da Paraíba é isso, passamos a ter um acompanhamento melhor com essas unidades”, enfocou Glauco.

Saiba mais

Quando se fala em doenças coronárias, é comum se ver no universo digital *fake news* associando esses registros à vacina de Covid-19. Para desmistificar o assunto, o presidente da Sociedade Paraibana de Cardiologia, Glauco de Gusmão, é enfático. “Vacina só faz bem e quem divulga essa informação está prestando um desserviço”. Segundo ele, “não há qualquer instituição séria que comprove essa informação”, pois o mundo todo foi vacinado e os países só saíram da pandemia por conta dos imunizantes. “As provas estão aí, mas para quem quer ver. Não só a vacina de Covid-19, mas todas as vacinas salvam vidas.”



A vida estressante, o tabagismo, etilismo em excesso e o sedentarismo predispõem ao aparecimento de doenças como hipertensão, obesidade e o diabetes. E essas doenças aumentam a chance de infarto

Glauco de Gusmão

Mal-estar e suor frio foram sinais de alerta para servidor público

Aos 55 anos, o funcionário público federal, Adailton Oliveira da Costa, tomou um susto esse ano. Tudo começou com um mal-estar no trabalho, que foi confundido com um recorrente problema gástrico que ele tinha. Depois de uma breve pausa para tomar um pouco de água, a sensação sumiu. Cerca de quatro horas depois, no fim do expediente, ele foi buscar a esposa, que é enfermeira, no local de trabalho, mas já sentia novamente o incômodo, dessa vez mais forte.

Mesmo assim, Adailton conseguiu conduzir o carro até em casa, no bairro da Torre. “Comecei a sentir um mal-estar maior, junto com uma sensação de ansiedade, fiquei pálido e com um suor frio. Mas, não tinha dor. Quando minha esposa olhou para mim disse: ‘vamos para o hospital agora!’”.

O diagnóstico foi infarto. A internação em um hospital particular de João Pessoa ocorreu no dia 31 de janeiro e ele ficou três dias hospitalizado, sendo 24h na UTI. O servidor público fez, inicialmente, o cateterismo e depois a angioplastia. Como ele não ficou com nenhuma sequelas, como falta de ar ou cansaço, foi orientado pelo médico a começar a caminhar já nos primeiros dias após a alta.



Após infarto, Adailton passou a cuidar mais da saúde

E o ritmo de vida de Adailton? Ah, esse mudou bastante. Mesmo hipertenso e com histórico familiar de doença cardíaca, ele era sedentário e não mantinha uma alimentação muito regrada. “Agora, estou caminhando regularmente com minha esposa, tomo mais cuidado com o consumo de massa, sal e açúcar, pois mesmo não sendo diabético, isso é importante” friso

o servidor público.

As idas ao médico também serão programadas com maior atenção, bem como o uso de remédios. Além disso, ele segue vida normal. Depois de um mês após a internação, ele retornou ao trabalho.

“Claro que meu trabalho não requer esforço físico, mas há orientação médica de evitar o estresse para não haver um novo infarto”.

Registro de óbitos motivados por doença coronária cai 11,66%

Os dados do Ministério da Saúde (MS) apontam que, mesmo com o aumento no número de hospitalizações decorrentes de infartos na Paraíba, houve uma queda na quantidade de óbitos. Em 2022 foram 2.409 mortes e no ano passado, 2.128, uma queda de 11,66%.

Já no mês de janeiro do ano passado, o MS mostrou que o volume de vidas perdidas chegou a 182. Em janeiro deste ano foram 85 óbitos, uma diminuição de 53,29%. Vale salientar que os dados do ano passado e deste ano ainda são preliminares, mas a redução é significativa.

O MS ainda destacou o aumento de atendimento ambulatorial motivado por infarto. A demanda cresceu 587,3% entre 2022 e 2023, saindo de 856 atendimentos para 5.884, respectivamente. A faixa etária mais preocupante está nas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Foram 570 atendimentos ambulatoriais em 2022 e 4.141 em 2023, alta de 626,49%.

Os dados mostram que o estado está com um número maior de atendimento e com menos mortes. Nesse contexto, vale ressaltar um programa do Governo do Estado que completou um ano esse mês e agiliza o socorro às vítimas cardíacas. Trata-se do Coração Paraibano, que já realizou 10 mil procedimentos cardíacos nos últimos 12 meses. “Em 2023 iniciamos o programa

ma Coração Paraibano com o objetivo de diagnosticar e tratar rapidamente os pacientes infartados. Até pouco tempo atrás, os únicos hospitais capazes de tratar infarto se concentravam em João Pessoa. Hoje, já temos centros de hemodinâmicas em Campina Grande e em Patos, contemplando tanto os pacientes do interior quanto os que moram mais próximos do Litoral”, afirmou a cardiologista Roberta Tavares Barreto Teixeira, que atua no Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires e coordena o Coração Paraibano.

Dieta balanceada

O coração é um órgão impactado com o mau hábito alimentar. Dieta com muito sal, açúcar e gordura impactam diretamente na saúde. Por outro lado, a ingestão de produtos in natura, de forma equilibrada, traz importantes contribuições para a saúde coronária, pois auxiliam na circulação sanguínea, evitando aglomeração de placas de gordura.

A informação é da nutricionista Lais Kisly Costa Silva. “O acúmulo dessas placas viram aterosclerose, podendo ocasionar o infarto. Os alimentos podem evitar esses bloqueios”, frisou.

Na lista dos itens mais saudáveis estão verduras, legumes, frutas, ovos, grãos, carnes magras, tudo temperado com pouco sal, açúcar ou gor-



É importante consumir com frequência pratos bem coloridos e ficar atento à ingestão hídrica. A água é importante para cuidar da circulação sanguínea

Lais Kisly Costa Silva

dura. “É importante consumir com frequência pratos bem coloridos e ficar atento à ingestão hídrica. A água é importante para cuidar da circulação sanguínea”, declarou Lais Kisly.

IDOSOS

Abrigos enfrentam aperto financeiro

Instituições necessitam de doações para custear parte das despesas com abrigados e gastos fixos mensais

Emerson da Cunha
emersoncousa@gmail.com

Com 105 anos de idade, a aposentada Maria Dulce Costa, de Alagoa Grande, é a decana dos idosos e idosas que atualmente vivem na Vila Vicentina Julia Freire, na Torre. Falando pouco, baixinho, ela afirma o quanto gosta de viver na vila, mas muda de fisionomia quando perguntada sobre a situação financeira do instituto e os riscos de fechamento. “Não quero nem falar sobre isso!”. O que acontece é que a residência de D. Dulce há cerca de 15 anos corre o risco de fechar.

Já Maria Alice Celani, moradora na Vila há 16 anos, fala com surpresa sobre a situação financeira da instituição. “Nunca vi uma situação dessas em todos esses anos em que vivi aqui. A Vila é minha segunda casa, isso aqui é tudo, não quero outra coisa. O idoso quando chega certa idade é difícil as pessoas terem paciência, mas é nesse ambiente que a gente encontra carinho e dedicação da direção e dos funcionários. Não quero nem pensar. Mas tenho esperança. Estou pedindo a São Vicente para interceder!”, apela Celani.

Maria Dulce e Maria Alice fazem parte dos cerca de 60 idosos e idosas, entre 65 e 105 anos, que habitam a Vila Vicentina, instituição que completa 80 anos de existência em 2024, mas que vem passando por uma situação financeira delicada, que pode levar, inclusive, ao fechamento do local e à necessidade de remoção das pessoas que hoje vivem no espaço.

Segundo a gestora da instituição, Amanda Karoline Silva, o lugar é mantido com recurso vindo de parte da aposentadoria de quem vive na Vila, junto com doações de pessoas físicas e jurídicas. O recurso vem tanto em forma de dinheiro como doação de alimentação e higiene. Os donativos ajudam a manter não apenas as atividades institucionais, mas também garantem a prestação de serviços como odontologia e fisioterapia, além de cerca de 600 refeições por dia.

“Hoje, estamos correndo o risco de perder importantes certificações de isenção de impostos. Outra questão é o risco de não conseguir sobreviver mesmo porque, se chegar a um ponto que não tenhamos como manter a folha de pagamento, não conseguiremos superar as dívidas”, declarou Karoline.

A gestora indica que o valor gasto por cada abrigado, ou seja, tudo aquilo que individualmente eles precisam, não chega a um terço do valor que seria ideal.

Ajuda

Para mudar a situação da Vila Vicentina, a gestão da instituição está realizando uma ampla campanha de doações, em especial financeira, embora alimentos e materiais de higiene também possam ser doados. Quem desejar, pode dar qualquer valor nas chaves Pix vvfj@bol.com.br (e-mail) ou 03.307.380/0001-08 (CNPJ). Quem preferir, ainda pode ir presencialmente no endereço Rua Etelvina Macedo de Mendonça, 327, Torre. Outra opção é se tornar doador ou doadora fixa. Para isso, é só ligar nos números (83) 3224 6988 e 83 98612 0016.

Foto: Ortilo Antônio



Vila Vicentina, na Torre, acolhe cerca de 60 pessoas da terceira idade e, por causa da dificuldade financeira, pode fechar



Nunca vi uma situação dessas em todos esses anos em que vivi aqui. A Vila é minha segunda casa, isso aqui é tudo, não quero outra coisa

Maria Alice Celani

Lar da Providência suspendeu lista de espera

Logo na mesa da recepção, o cartaz impresso informa que o Lar da Providência Carneiro da Cunha não está recebendo mais novos cadastros de idosos e idosas, e nem colocando nomes na lista de espera – que já chegou a ter entre 300 e 400 pessoas cadastradas. A instituição centenária e um dos abrigos de longa duração mais reconhecido da Paraíba está localizado no Bairro dos Estados.

O local já chegou a comportar cerca de 120 idosos e idosas, com serviços de saúde, cuidado e acompanhamento para os abrigados. Porém, nos últimos quatro anos, a instituição precisou fechar duas de suas seis alas para a redução de gastos,

realocando as pessoas idosas para as demais alas, perdendo inclusive novos espaços que poderiam ser ofertados. Hoje, consegue manter apenas metade do total que pode abrigar, ou seja, 60 idosos e idosas.

“O público de João Pessoa está aumentando, está envelhecendo, as pessoas estão vindo morar aqui, ao mesmo tempo em que uma casa como a nossa vem diminuindo a sua capacidade. Porque, se aumenta o público, aumentam também as demandas, as necessidades sociais. Quando a gente vê uma casa como a nossa é de entristecer pra quem trabalha com política pública, principalmente da pessoa idosa. Todo dia a

família bate na nossa porta a procura por uma vaga”, lamenta Micheli Vasconcelos, coordenadora da instituição.

Segundo ela, há um valor que é arrecadado por meio da própria aposentadoria dos moradores e moradoras – que pode chegar a até 70%, segundo o Estatuto do Idoso – para ajudar a manter financeiramente sua permanência. Mas, como a maioria recebe apenas um salário mínimo de aposentadoria, esse valor não custeia todo o cuidado mensal dos usuários.

O complemento do dinheiro vem, principalmente, de doações, além de editais e emendas parlamentares. Porém, desde a pandemia a quantidade ofertada vem di-

minuindo. Outro ponto que piora a situação é o clima de desconfiança da população com a investigação do caso de corrupção no Hospital Padre Zé.

A irmã Raimunda Lopes assumiu recentemente o posto de diretora do Lar da Providência e tem planos para a recuperação. “A gente está tentando movimentar mais voluntários. Também é muito importante a captação de recursos através de eventos e de projetos, algo que a gente já vem realizando há algum tempo, e começamos muito bem.”

Segundo ela, há também editais do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza no Estado da Paraíba, a Fun-

cep. “Para os quais a gente tem apresentado projetos como o Acolher, que também tem dado uma ajuda, porque é um edital voltado para projetos de instituições de longa permanência. Nós temos alimentos, material de higiene, estrutura, mas vai depender também do lançamento do edital pelo estado”, coloca a diretora.

Para doar

No caso do Lar da Providência, as doações podem ser feitas em conta corrente da Caixa Econômica Federal, AG: 0904 C/C: 443-9 Operação 003, CNPJ: 06.845.408/0010-31. Mais informações podem ser acessadas pelo telefone (83) 3133-3072.

Foto: Evandro Pereira



Lar da Providência fechou duas de suas seis alas para reduzir gastos e mantém metade do total do público que comporta



A gente está tentando movimentar mais voluntários. Também é muito importante a captação de recursos através de eventos e de projetos, algo que a gente já vem realizando há algum tempo

Raimunda Lopes

CÓDIGO DE TRÂNSITO

Lei proíbe “privatização” de calçadas

Reservar vagas na frente de pontos comerciais para clientes do estabelecimento pode render multa de R\$ 1 mil

Samantha Pimentel
 samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Como forma de contornar o problema da falta de espaço para estacionar nas áreas centrais dos municípios; e garantir maior comodidade para os clientes, muitos estabelecimentos comerciais “privatizam” áreas da calçada, rebaixando o meio fio e criando estacionamentos de uso exclusivo para clientes em atendimento. Porém, essa prática desrespeita a legislação, porque limita o acesso das pessoas a um espaço público.

A Lei nº 9.503/97, que regulamenta o trânsito brasileiro, determina que os espaços urbanos como as ruas, avenidas, travessas, parques, calçadas e outros utilizados pela comunidade em geral são qualificados como bens públicos, portanto, é assegurado aos pedestres a utilização desses ambientes, que não podem ser restritos para fins particulares. Em João Pessoa, a Lei Municipal nº 63/2011 também trata dessa questão e proíbe a privatização de vagas em calçadas, mas muitos estabelecimentos seguem descumprindo a legislação.

Segundo a Lei Municipal, a prática é permitida apenas em casos de hospitais, farmácias, laboratórios e clínicas médicas e veterinárias, e com rotatividade de 25 minutos. Demais estabelecimentos ficam proibidos de “privatizar” essas áreas e não podem impedir o uso livre desses espaços por qualquer pessoa, seja cliente em atendimento ou não.

Com isso, não é permitido a esses pontos comerciais fazer uso de cones, correntes, ou mesmo placas de informação que limitem o acesso dos cidadãos e determinem que o local só pode ser utilizado por

clientes em atendimento.

Além de prejudicar o trânsito de pedestres nas calçadas, a “privatização” dessas áreas acaba também diminuindo o espaço disponível para que os demais cidadãos possam estacionar, uma vez que ficam impedidos de deixarem seus veículos nos locais onde as calçadas estão rebaixadas, pois podem atrapalhar a entrada e saída dos veículos.

Essa “privatização” de estacionamentos, segundo a lei, só pode ocorrer caso eles sejam construídos em terreno próprio dos estabelecimentos, destinados exclusivamente para este fim, e não utilizem de áreas públicas que façam parte da extensão da calçada, respeitando o livre acesso da população a esses espaços.

Segundo também trata a Lei Municipal - que é complementar a outra legislação, a Lei Complementar nº 7/1995, que instituiu o Código de Posturas do Município de João Pessoa - o descumprimento dessas determinações pode acarretar em multa administrativa para os estabelecimentos, que pode chegar a R\$ 1 mil por infração praticada. De acordo com o Procon-JP, em anos anteriores, várias campanhas educativas foram realizadas sobre essa legislação, com o objetivo de esclarecer à população sobre seus direitos, por isso o órgão costuma receber denúncias sobre o descumprimento da Lei.

Porém, segundo a diretora de Fiscalização do Procon-JP, Mariana Teixeira, as denúncias recebidas pelo órgão são encaminhadas à Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano (Sedurb), que, pela determinação da própria Lei nº 63/2011, é a responsável por essa fiscalização e aplicação de multas.



Não é permitido fazer uso de cones, correntes ou placas de informação que limitem o acesso dos cidadãos às calçadas

Sedurb faz fiscalização para coibir prática

“

A ação da Sedurb diz respeito à privatização de estacionamentos, e a maior parte das notificações é feita a partir de fiscalizações das próprias equipes da Secretaria

Nota da Sedurb

A Sedurb, em nota enviada por sua assessoria de comunicação, afirmou que o número de denúncias recebidas acerca dessa questão ainda é reduzido. “Quando um carro está estacionado na calçada, a Secretaria aciona a Semob para as devidas providências. A ação da Sedurb diz respeito à privatização de estacionamentos, e a maior parte das notificações é feita a partir de fiscalizações das próprias equipes da Secretaria”.

Para quem identificar esse tipo de prática, a Sedurb informou que as denúncias podem ser feitas através do site da prefeitura de João Pessoa, www.joaopessoa.pb.gov.br na aba Prefeitura Conectada. A Sedurb esclarece que um novo canal de denúncias está sendo elaborado e será dispo-

nibilizado em breve por meio do Aplicativo “Prefeitura na Palma da Mão”.

O gerente de uma loja de produtos agropecuários e farmácia veterinária, Elesbão Neto, informou que já recebeu fiscalização e notificação da Sedurb, porém, como o estabelecimento se enquadra nos critérios determinados pela Lei, sendo um espaço de venda de medicamentos veterinários, o estacionamento privativo para clientes pôde ser mantido. “Já recebemos notificação da Sedurb, mas comprovamos que o estabelecimento é também uma farmácia veterinária, por isso a notificação foi retirada”, afirmou.

Elesbão também cita que a frente do estabelecimento é ampla, sendo dividida entre a área de estacionamento e a

área de circulação de pedestres, e que o local paga o valor de aluguel também referente a essa área de estacionamento. “Reservamos a área para a circulação de pedestres. E se houver vagas disponíveis e alguém nos pedir para estacionar por alguns minutos para resolver algo ou fazer uma compra aqui nas proximidades, a gente permite”, relatou o gerente.

Elesbão Neto também destaca a necessidade do poder público incluir em projetos de construção e reforma de espaços como mercados públicos, uma área para estacionamento, além de retomar e organizar a zona azul, melhorando a disponibilidade de locais para estacionar nas áreas centrais do município, o que seria um ganho para comerciantes e consumidores.

Cidades regulamentam circulação de veículos

A prática de “privatizar” calçadas faz com que um espaço que é público esteja sob o controle de um sujeito privado, ou seja, o proprietário do estabelecimento comercial, que o utiliza conforme seus interesses pessoais. Essa situação fere o direito da coletividade, limitando o livre acesso a esses espaços.

Mesmo que os estabelecimentos possuam um recuo, mantendo o espaço da calçada, o fato de existirem veículos estacionados ali dificulta a circulação de pedestres, impossibilitando o livre e seguro trânsito das pessoas, uma vez que ocorre a constante entrada e saída de veículos no local, além de atrapalhar outros carros que poderiam parar ou estacionar naquelas áreas.

O artigo 68 do Código de Trânsito Brasileiro, fala sobre este aspecto e sobre a forma de utilização das calçadas. “É assegurada ao pedestre a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas e dos acostamentos das vias rurais para circulação,

podendo a autoridade competente permitir a utilização de parte da calçada para outros fins, desde que não seja prejudicial ao fluxo de pedestres”, determina.

A mesma legislação também trata sobre as normas para a circulação em vias urbanas e rurais, quando afirma no artigo 29, inciso V, que: “O trânsito de veículos nas vias terrestres abertas à circulação obedecerá às seguintes normas: o trânsito de veículos sobre passeios, calçadas e nos acostamentos só poderá ocorrer para que se adentre ou se saia dos imóveis ou áreas especiais de estacionamento”. Com isso, fica claro que o ato de estacionar veículos nas calçadas ou acostamentos, em áreas não permitidas, e por tempo superior ao necessário para embarque e desembarque de passageiros, pode estar sujeito a penalidades, como multas e remoção do veículo, e cabe ao poder público promover ações de fiscalização e controle sobre essa questão, garantindo o direito de livre circulação da população.

Cinco estabelecimentos notificados em Patos

Lusângela Azevêdo
 lusangela013@gmail.com

Em Patos, no Sertão do Estado, no ano passado, cerca de cinco estabelecimentos comerciais foram notificados por utilizar calçadas rebaixadas como estacionamento privado. “O proprietário, quando rebaixa guias e cria estacionamento para seus clientes, está ‘abrindo’ para outros motoristas aquele espaço. Porque ele está retirando o estacionamento público”, explicou o superintendente Superintendência de Trânsito e Transporte de Patos (ST-Trans), Elucinaldo Laurindo.

O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) decreta que vagas só podem ser consideradas como privativas quando forem destinadas a pessoas com deficiência física, idosos, veículos de aluguel (táxi ou transporte escolar), ambulância, estacionamento rotativo ou de curta duração, viaturas policiais ou espaço para carga e descarga.

O diretor de trânsito esclareceu a diferença entre a guia rebaixada e os estacionamentos frontais com guia rebaixada. As guias rebaixadas são aquelas em frente a residências, com espaço determi-

nado na calçada que existem para possibilitar a entrada e saída de veículos. Estas são destinadas aos proprietários do local, uma vez que o estacionamento de terceiros pode resultar em multas ou remoção do carro daquele espaço.

Já os estacionamentos frontais em estabelecimentos comerciais ou públicos são de direito de todo motorista a partir do momento em que o estacionamento paralelo à calçada deixa de existir e passa a ficar recuado. Sendo assim, não é exclusivo ao comércio e, por isso, o motorista não precisa consumir nada no local para estacionar.

Vale salientar que veículos estacionados paralelamente às guias rebaixadas estão passíveis de multa e remoção, uma vez que bloqueia a entrada/saída de veículos.

“Se já existirem veículos estacionados naquela guia rebaixada que foi recuada, não pode estacionar veículo impedindo a movimentação do que já se encontra estacionado na local. Isso é considerado uma infração de trânsito, independentemente de ter uma sinalização ou não na guia” enfatizou Elucinaldo.

De acordo com Elucinaldo Laurindo, criar um estaciona-

mento de recuo não é proibido, desde que ele tenha entrada e saída conforme os espaçamentos exigidos e aprovado pelo STTrans e a secretaria de Infraestrutura de Patos.

“O ambiente comercial antes de rebaixar a guia precisa solicitar aprovação do órgão de trânsito local e da Secretaria de Infraestrutura porque vai mexer no pavimento, calçada, destinado ao pedestre. Vale lembra que uma vez rebaixado, o estacionamento passa a ser público”, frisou.

Elucinaldo Laurindo lembrou que o recuo não caracteriza como privativo ou exclusivo a clientes, mas é preciso que haja respeito e educação por parte dos motoristas. A orientação é para que não deixem os carros estacionados o dia todo nesses locais, uma vez que podem atrapalhar a movimentação dos comércios.

“É importante que não haja abusos dos motoristas, que evitem estacionar de manhã e tirar à noite. É necessário respeito por quem vai utilizar os estacionamentos frontais, evitando, assim, conflitos com os proprietários dos comércios”, enfatiza o diretor de trânsito.

Outra irregularidade comum é colocar cones, pneus,

Exceções

Vagas só podem ser consideradas privativas quando destinadas a públicos como pessoas com deficiência, idosos, veículos de aluguel, ambulâncias e viaturas policiais

caixas de papelão e correntes como obstáculos para impedir que os motoristas utilizem o estacionamento de recuo. Esse tipo de ação é configurada como demarcação irregular de estacionamentos privativos.

Qualquer condutor, cliente ou não daquele estabelecimento, pode e deve acessar o estacionamento de recuo e utilizá-lo pelo tempo que achar necessário. Em caso de denúncias a STTrans de Patos disponibiliza do telefone (83) 3422-1019, que funciona por 24h.

MICRORREGIÃO DO CARIRI

Caturité preserva riquezas naturais

Entre os pontos turísticos destacam-se a Serra do mesmo nome, a Pedra do Tanque e a Pedra D'água



Foto: Gabriel Paiva Cavalcanti

Município tem população estimada de 4.500 habitantes, dos quais, 80% habitam a Zona Rural

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Caturité é um município paraibano, situado na microrregião do Cariri, que guarda a memória dos seus antepassados indígenas. O próprio nome do lugar significa "Catu" e "retê", que na linguagem dos povos originários significa "bom e ilustré". Os principais pontos turísticos giram em torno das belezas naturais, especificamente da Serra de Caturité, de visual imponente e que foi dividida pelos moradores da região em dois pontos de visitação - a Pedra do Tanque e a Pedra D'água.

"A Serra de Pedra D'água, como é mais conhecida por ter uma comunidade situada logo no início dela, é bastante frequentada nos fins de semana por grupos de amigos e das igrejas que, às vezes, passam a noite acampados. Tem uma vegetação muito variada, típica da região. No meio da serra existe uma fenda grande e, segundo as pessoas mais antigas, era a morada de um indígena", comentou o secretário de administração da cidade, Anderson Barbosa.

Já na Pedra do Tanque, uma continuação maior dessa unidade de relevo, ciclistas e adeptos da prática de rapel costumam frequentá-la para apreciar a vista, fazer ecoturismo e conferir as iguarias do tradicional restaurante batizado com o mesmo nome desse atrativo turístico.

Vale lembrar que no entorno da Serra de Caturité há alguns lugarejos. Segun-

do do professor de Geografia e músico, Wagner Alves Cabral, 25 anos, ela tem início numa comunidade chamada Pitombeira, à Leste da cidade, e se estende até o extremo Oeste do município, na comunidade Pedra D'Água. "Eu já consegui catalogar até 980 metros de altitude e a serra, realmente, tem dois

paraibano, o clima é quente e, geralmente, seco. "A vegetação é dominada pela Caatinga, uma vegetação xerófila, adaptada a esse clima. Nos meses de outubro a dezembro, as pessoas se deparam com uma paisagem bem acinzentada, porque é comum da Caatinga esse tipo de resiliência. E nas primeiras chuvas fica tudo verde novamente", contou Wagner.

Um dos rios importantes da região é o Bodocongó, também chamado de Rio São Pedro, que dá um importante suporte hídrico aos produtores rurais e aos empreendedores da agropecuária.

Um dado curioso é que, no entorno da Serra de Caturité, há pouco mais de um ano, foram achadas ossadas humanas em comunidades como Serraria. Na comunidade de Campo de Emas também foram encontrados esses registros humanos, próximo das terras do sítio pertencente à família de Ana Carolina Duarte.

"Nós encontramos pedaços de fósseis recentemente na Serra de Caturité, quando subimos pelo lado de Serraria. E a próxima etapa seria investigar - através de escavação -, a quantidade, e datar esses fósseis para aproveitá-los de alguma forma como potencial turístico", contou Carolina.

Como os achados ainda não foram, oficialmente, identificados e catalogados por um órgão capacitado para essa finalidade, por enquanto há a suspeita de que pertençam aos antigos indígenas.

“

A Serra de Pedra D'água é bastante frequentada nos fins de semana por grupos de amigos e das igrejas que, às vezes, passam a noite acampados

Anderson Barbosa

pontos de visitação. Esse espaço é um laboratório a céu aberto para ser estudado, do ponto de vista das ciências naturais e humanas. Já tive a oportunidade de levar alunos para aulas de campo na Serra de Caturité, que tem um grande potencial educacional", comentou Wagner, que é campinense, mas desde criança mora na cidade.

Pelo fato de o município estar situado no Semiárido

Economia é baseada na produção e industrialização do leite

Além dos atrativos turísticos que gera receita para o local, o secretário Anderson Barbosa declarou que a economia é baseada na produção leiteira, especificamente o de vaca, contando ainda com algumas fábricas de queijo, como a Lebon, que beneficia o leite para industrialização de seus produtos. Ainda vale citar a fabricação de tapetes artesanais, que gera emprego e renda aos moradores da cidade.

Fundação e religiosidade

No período em que a produção algodoeira era forte na região de Campina Grande, no início do século 19, um núcleo familiar comandado pelo senhor Manuel Nunes Cabral comprou uma bolandeira, máquina de descarocar algodão que atendia as demandas da produção da atual Caturité e região. A novidade, além de ajudar na economia local, atraiu pessoas para a realização de atividades religiosas.

"Na casa onde estava a bolandeira, famílias se reuniam para rezar as novenas e celebrar as missas", contou o professor de Geografia

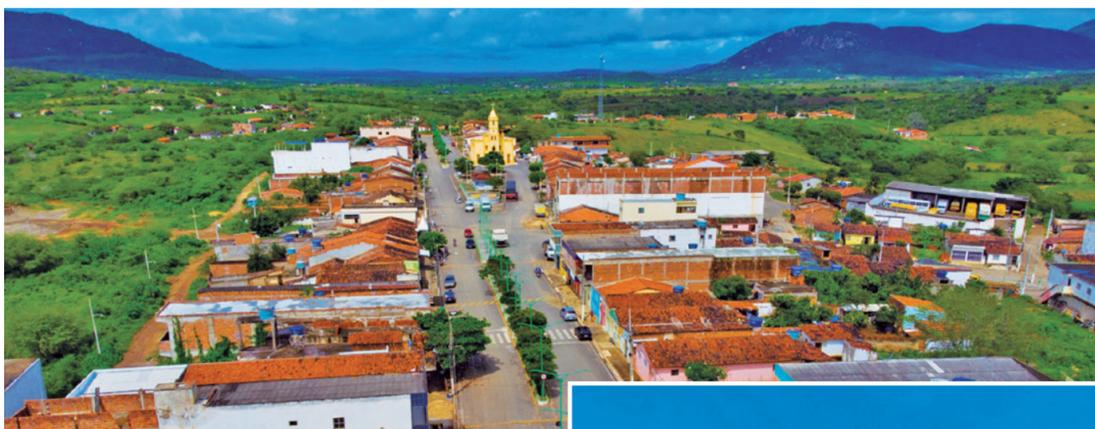
Wagner Alves Cabral.

Foi o senhor Nunes quem trouxe a primeira imagem de Nossa Senhora da Conceição para o local e, com a ajuda da população, construiu uma pequena capela, onde hoje se encontra a Igreja Nossa Senhora da Conceição. Antigamente, a antiga capela também servia para sepultar moradores da comunidade.

Lenda

Quando lembramos das origens do município, é importante ressaltar que a palavra Caturité foi o nome de um bravo guerreiro da Tribo Botopitá, que figura na lenda indígena narrada em 1892, pelo jornalista, escritor e advogado Irineu Joffily. A história diz que o guerreiro liderou toda Nação Cariri contra os portugueses invasores na época da colonização do Brasil. Vendo toda sua gente exterminada, ele ainda reuniu forças para resgatar sua filha Potira (Bonita Flor) das garras dos inimigos. E ao vê-la ferida e moribunda em seus braços, pulou em um despenhadeiro, atual Serra de Caturité.

Foto: Bruno Lira



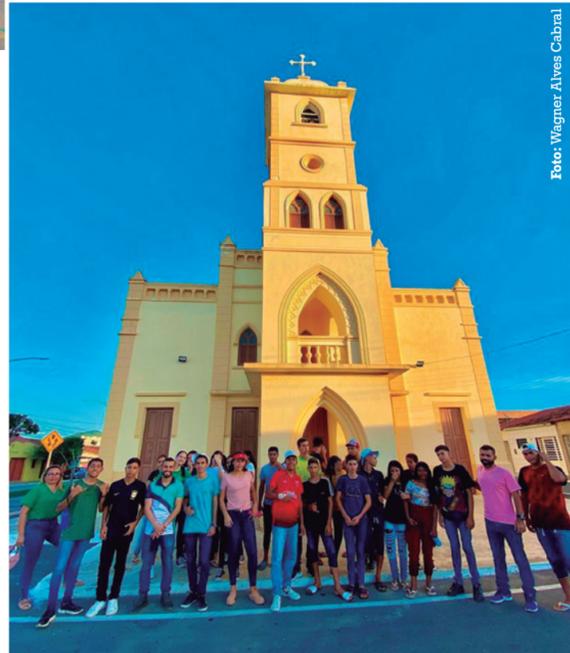
Nome da cidade remete a um guerreiro da Tribo Botopitá, da lenda indígena narrada em 1892 por Irineu Joffily

Foto: Dirinegação



Índigena liderou Nação Cariri contra os portugueses na colonização. Igreja Nossa Senhora da Conceição abrigou sepultamentos

Foto: Wagner Alves Cabral



“Gravei esse disco porque me divirto e fico feliz quando faço shows, então, eu quero mais disso na minha vida”, conta a atriz (e agora cantora) Mayana Neiva

DIVERSIDADE NA CARREIRA

Entrega musical

Atriz de cinema, teatro e TV, Mayana Neiva agora se lança também como cantora com ‘Tá Tudo Aqui Dentro’, seu primeiro álbum

Sheila Raposo
sheilamraposo@gmail.com

Beats e sintetizadores se misturam com instrumentos orgânicos e se transmutam em um som que, embora enfeitado de novidades, nasce da costura de povos que formaram o que hoje se conhece por Nordeste, Brasil, América Latina. Na voz, mais que técnica e virtuosismo: uma entrega de alma. Límpida, aberta, desnuda. Assim é o álbum *Tá Tudo Aqui Dentro*, primeira incursão da multiartista Mayana Neiva no mercado fonográfico.

Atriz, diretora, podcaster, escritora, compositora, palestrante e, agora, cantora. Com *Tá Tudo Aqui Dentro*, ela oficializa esse novo talento em 12 faixas. Mayana falou sobre essa e outras artes — as quais ela embla em um único e especial laço, a que dá o nome de “cura”.

A música sempre esteve presente no mundo de Mayana Neiva, mas ela demorou a acreditar na própria voz. Debita isso à insegurança provocada nas mulheres por séculos de opressão masculina. “Acho que todas nós sentimos isso em algum momento, né? De ter que corresponder às expectativas do mundo”, observa.

Foi então que, durante a pandemia, num momento que ela considera um dos mais importantes da sua vida, ela escreveu “Cordel da mulher paraibana”, manifesto audiovisual lançado há dois anos e que está na abertura do seu álbum. “Mergulhei tão profundo nas minhas raízes, naquilo que eu sou e no que é significativo para mim, que descobri o quanto eu precisava acreditar nisso, sabe? Quando o mundo parou, eu consegui entender que não poderia morrer sem realizar o sonho de cantar”, conta.

Não somente esse, mas outros sonhos de Mayana se realizaram: falar sobre autocuidado num podcast de meditação, in-

vestigar as raízes sertanejas, dirigir clipes na terra dos seus avós. “Eu me sinto muito feliz de estar botando tudo isso para fora. É algo que me alimenta e tem mais a ver com a artista e com a mulher que eu quero ser daqui pra frente. Tudo está interligado”, acrescenta.

Mensagem feminina

O disco foi lançado no Dia Internacional da Mulher, no *Spotify*. Uma decisão previamente pensada, segundo Mayana. “O disco abre com o manifesto ‘Cordel da mulher paraibana’, que é uma mensagem para as mulheres. No clipe, com várias mulheres sertanejas, inclusive minha mãe e minha avó, eu quis mostrar que o Nordeste é vasto, é *high tech*, tem mulheres de todas as cores, idades e origens, mulheres tatuadas, jovens, maduras... Todas com a sua força”, observa.

Para Mayana, a segunda faixa, “Flecha”, é igualmente muito feminina: “A dor de ser flecha / rasgando a carne do tempo / atravesso o vento sem perder o chão’. A mulher é essa pessoa que sente na carne tudo o que vive, né? Estou nesse fluxo, de me abrir para as mensagens que me atravessam, que queimam o meu coração”, diz. A faixa “Queima”, com Chico César, segue na mesma linha de transbordamento, de coisa viva.

E há ainda uma conexão com América Latina, em faixas como a cumbia “E agora” — que dialoga com os ritmos latino-americanos — e “Yo no escribo poesía” — que tem letra assinada por uma poeta argentina e música de Chico. “Tem ainda a dança do acordeom, que passa do tango para o forró, uma coisa sinuosa, que tem muito a ver com o feminino. Então, sim, a escolha da data foi proposital”, enfatiza.

Embora tenha sempre convivido com a música, a atriz campinense conta que nunca havia pensado nessa arte como uma pro-

fissão. “Sempre foi como um hobby, uma coisa que faço por alegria, algo que me cura. Eu gravei esse disco porque me divirto e fico feliz quando faço shows, então, eu quero mais disso na minha vida”, diz.

Em *Tá Tudo Aqui Dentro*, Mayana conta com parceiros como Mestrinho e José Manuel, Josyara, Ylana, Yuri Queiroga, Guegué, Pupillo, Juliano Holanda e Igor de Carvalho. Na produção, Naná Rizzini, MagiBatalla, Marcus Preto, Marcel e Conrado Goes. O primeiro show de divulgação desse disco será no Bona Casa de Música, em São Paulo, no dia 24 de abril. “Mas quero muito levar para João Pessoa. Como será que eu faço isso?”, pergunta, entre risos.

Nova Jerusalém

A Mayana cantora não se sobrepôs à Mayana atriz. Na verdade, como ela mesma faz questão de frisar, todas as suas artes se misturam e têm a mesma mensagem — muda apenas o formato. “A minha arte está a serviço da consciência, da cura, da comunicação a partir da essência”, diz.

Não por acaso, o seu próximo projeto cênico se relaciona diretamente com a espiritualidade: interpretar Maria de Nazaré, na montagem da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém (PE). “Não acreditei, quando recebi o convite. É um desafio muito grande!”, diz ela, que também se chama Maria (é o seu segundo nome). “Minha mãe teve rubéola, quando engravidou de mim. Os médicos a aconselharam a abortar, mas ela não aceitou e fez uma promessa para Nossa Senhora: se eu nascesse com saúde, ela me daria o nome de Maria. Imagine o significado que Maria tem para mim”, conta.

Além do álbum de música e do espetáculo teatral, Mayana segue com a série *Rotas do Ódio* e vai ter outra produção audiovisual sendo lançada no primeiro semestre de 2025, a minissérie *Guerreiros do*

Sol (Globoplay). Ela também quer trabalhar mais no Sertão paraibano. “A ideia é montar uma equipe toda sertaneja, basicamente formada por mulheres. Passar a minha mensagem por meio da música, do trabalho com atuação e das palestras é uma alegria enorme para mim. O mundo não precisa de mais gente famosa, mas de pessoas dispostas a curar”, afirma.



A capa do CD que pode ser ouvido em plataformas de áudio



Através do QR Code acima, acesse o disco de Mayana Neiva no YouTube

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre os direitos humanos

Os direitos humanos são uma invenção do Iluminismo. A sua história é relativamente longa. Remonta às revoluções burguesas e a luta contra a aristocracia e a superação do antigo regime feudal. A Declaração dos Direitos dos Homens e dos Cidadãos, de 1789, é um de seus marcos mais importantes. Pela primeira vez, um conjunto de direitos individuais e coletivos foram defendidos numa perspectiva universalista.

Eles estavam fulcrados na defesa da igualdade formal, da liberdade (autonomia da vontade) e no direito à propriedade privada, que eram pensados a partir de uma visão jusnaturalista. A ideia é que existem direitos naturais que são a expressão da essência humana e que por isso deveriam ser garantidos pelo Estado. Era uma estratégia inteligente para se opor ao velho poder aristocrático, que reivindicava sua legitimidade a partir dos deuses. Friedrich Engels viu com sagacidade que a burguesia substituiu o direito divino pelo direito humano. A Igreja pelo Estado. As instituições passaram a ter assim um caráter tereno, secular.

A argumentação, no entanto, estava fundada numa visão a-histórica, isto é, a crença em direitos naturais. Acreditava-se que a razão era o meio de demonstrar a validade de um direito, como o que acontece num teorema matemático. Essa é uma maneira de pensar que tem limitações claras.

A ideia de natureza humana é algo estranho às ciências sociais. Não há direitos fora da história. Eles são resultados de lutas políticas, sujeitos a modificações e suscetíveis às necessidades sociais. Um exemplo é o direito à propriedade que até o século 18 era considerado absoluto, o que incluía a posse de escravos. Aos poucos ele foi sendo relativizado. A nossa Constituição, por

exemplo, prevê que a propriedade cumpra uma função social como meio de garantir o interesse público. É certo que na prática isso quase sempre não acontece, mas podemos observar uma mudança histórica e formal na construção desse direito.

O relativismo que os iluministas tentaram inicialmente afastar, aos poucos foi se impondo pela força da materialidade histórica. De modo que o filósofo italiano, Norberto Bobbio, dizia que não devemos temer o relativismo, porque o reconhecimento de sua existência se tornou um bom argumento para a defesa dos direitos humanos. O fato de vivermos num mundo com milhares de religiões, por exemplo, é um dos motivos para defendermos a liberdade religiosa. Segundo Bobbio, temos hoje como tarefa civilizatória a proteção dos direitos. Acrescentaria ainda que precisamos garantir a sua efetividade e ampliação.

As discussões em busca de uma fundamentação se dirigiram gradativamente para o campo do direito positivo e ao debate político-democrático na esfera pública. O processo histórico por sua vez mostrou como são necessários outros fatores como condições econômicas, maior distribuição de poder, igualdade racial e gênero, instituições republicanas fortes, para que esses direitos se tornem de fato uma realidade substancial.

O papel dos estados nacionais é fundamental, como a construção de um direito internacional forte com organismos multilaterais. A Declaração Universal dos Direitos dos Homens, de 1948, trouxe a discussão para a esfera da governança global, inaugurando uma nova era. A experiência do holocausto contribuiu decisivamente para isso. Do ponto de vista político, temos problemas importantes para enfrentar.

Ao contrário do que aconteceu no interior dos estados nacionais modernos que se estabeleceram a partir do monopólio legítimo da violência, não construímos uma alternativa viável para enfrentar as questões em âmbito global. A ONU foi a saída encontrada no pós-guerra, mas ela se mostrou cambaleante em vários momentos. Estamos vivenciando o extermínio étnico do povo palestino, sem que nenhuma medida contundente seja tomada para evitar.

Um outro ponto crucial é que os direitos humanos podem ser contraditórios e representar interesses diferentes. Isso evidencia a sua dimensão política. A liberdade de expressão muitas vezes esbarra no direito à dignidade ou no direito à privacidade. Com a facilidade de comunicação possibilitada pela internet esses problemas ficaram mais evidentes. O fortalecimento da extrema-direita levou a uma política sistemática de ataques aos direitos humanos e ao que eles chamam de politicamente correto.

A Declaração dos Direitos Humanos nasceu depois de duas guerras mundiais e do holocausto, da necessidade de se estabelecer uma nova *pax* global. Um dos pontos centrais nessa discussão é a tentativa do estabelecimento de um senso de humanidade comum. Os estudos sociológicos vem demonstrando como os grupos sociais costumam se organizar a partir de uma relação nós x outros, de modo que essa dicotomia espelhe uma relação de compromisso moral com os iguais e de indiferença com os de fora. O sociólogo Jeffrey Alexander mostrou como o holocausto não é apenas um evento histórico. É também um produto discursivo que aos poucos foi moldando uma identidade coletiva, ao criar uma memória e uma nova sensibilidade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Poder e dominação

Os escritos políticos do jurista e economista alemão Maximilian Karl Emil Weber (1864 - 1920) explica a manutenção da vida social, mesmo que o indivíduo seja, para ele, a fonte de dados para as análises sociológicas. Seus conceitos de poder e dominação gravitam sua teoria sociológica. É a partir deles que o pensador explica a vida social em seu segundo volume de *Economia e Sociedade - Fundamentos da Sociologia Compreensiva* (1921). Neste, o capítulo 9 versa sobre o tema "sociologia da dominação".

Na sociologia weberiana, entende-se por poder a oportunidade existente dentro de uma relação social que permite a alguém impor a sua própria vontade mesmo contra a resistência e independentemente da base na qual a ocasião se fundamenta. Todas as qualidades concebíveis de circunstâncias de poder podem pôr alguém numa situação que possa exigir obediência à sua vontade. O conceito de dominação é a oportunidade de ter um comando de um dado conteúdo específico, obedecido por um dado grupo de pessoas. Para isso, deve haver a disciplina para obter-se a obediência imediata e automática de uma forma previsível de um dado grupo de pessoas, por causa de sua orientação prática ao comando.

O conceito weberiano de disciplina inclui a natureza prática da obediência em massa, sem crítica e sem resistência. O fato é que a dominação depende apenas da presença real de uma pessoa emitindo com êxito comandos a outra. Por exemplo, um chefe domina todos indivíduos impondo sua vontade. Weber (2002, p. 97-98) afirma que: "A natureza de uma associação é determinada por uma variedade de fatores: a maneira pela qual a administração se efetua; o caráter do pessoal; os objetos sobre os quais exerce controle e a extensão da jurisdição efetiva da sua dominação. Os primeiros dois fatores em particular dependem da maneira pela qual a autoridade é legitimada".

Há a relação de dominação quando uma quantidade qualquer de indivíduos obedece a uma ordem vinda de parte da sociedade, seja ela composta por uma ou por diversas pessoas. A dominação é sempre resultado de uma relação social de poder desigual, onde se percebe claramente a existência de um lado que comanda e outro que obedece. Assim, há a dominação a qualquer situação em que se encontra indivíduos subordinados ao poder de ou-



Max Weber escreveu 'Economia e Sociedade'

tros. Mas a dominação difere das relações de poder em geral por apresentar uma tendência a se estabilizar, a procurar manter-se sem provocar confrontos. Nesse caos, as relações de dominação dentro de uma sociedade se caracterizam por buscar formas de legitimação, de ser reconhecidas como necessárias para a manutenção da ordem social.

Max Weber apresentou três tipos puros de dominação legítima, cada um deles gerando diferentes categorias de autoridade. São classificados como puros porque só podem ser encontrados isolados no nível da teoria, combinando-se quando observados em exemplos concretos. Os tipos de dominação são:

- A dominação tradicional. Significa aquela situação em que a obediência se dá por motivos de hábito porque tal comportamento já faz parte dos costumes. É a relação de dominação enraizada na cultura da sociedade. Um exemplo extremamente claro é o da família patriarcal. Os filhos obedecem aos pais por uma relação de fidelidade há muito estabelecida e respeitada.

- A dominação carismática. Nela, a relação se sustenta pela crença dos subordinados nas qualidades superiores do líder. Essas qualidades podem ser tanto dons sobrenaturais quanto a coragem e a inteligência inigualável. Pode-se tomar como exemplo qualquer grupo religioso centrado na figura do profeta, que apenas por

meio de suas habilidades e conhecimentos pessoais, sem o uso da força, consegue arregimentar um grande número de seguidores.

- A dominação legal, ou seja, por meio das leis. Nessa situação, um grupo de indivíduos submete-se a um conjunto de regras formalmente definidas e aceitas por todos os integrantes. Essas regras determinam ao mesmo tempo a quem e em que medida as pessoas devem obedecer. Um exemplo ilustrativo é o do empregado que acata as ordens de um superior, de acordo com as cláusulas (regras, leis) do contrato assinado.

A teoria sociológica de Weber fundamenta a dominação em diferente fonte de autoridade. Neste sentido, a luta é a essência da política e da vida social, geralmente, nem sempre pelo poder para enriquecer economicamente, às vezes, pelas honras sociais que a posse do poder produz. A vitória daqueles possuidores de qualidades - não importa se baseadas na força, na devoção, na originalidade, na técnica demagógica e na dissimulação, as quais aumentam suas probabilidades de infiltrar numa relação social, seja na posição de funcionário público ou privado, diretor-geral, empresário, religioso ou de mandato político é chamada de seleção social. A realidade social aparece como um complexo de estruturas de dominação. A possibilidade de dominar é a de dar, ao conteúdo das relações sociais, o sentido que interessa ao agente ou agentes em conflitos. A luta pela representação no espaço social caracteriza a evolução da vida coletiva e define o conteúdo das relações sociais. As atitudes subjetivas de cada indivíduo que é parte dessa ordem passam a orientar-se pela crença numa ordem legítima, a qual acaba por corresponder ao interesse e vontade do dominante. Desse ponto de vista, é a dominação o que mantém a coesão social, também garante a permanência das relações sociais e a existência da própria sociedade.

Sinta-se convidado à audição do 461º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintonize na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida e as interpretações do celista catalão Pau Casals I Defiló (1876 - 1973).

Sua arte construiu a paz entre as nações e representa a vitória da democracia e da dignidade humana contra os regimes autoritários.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

No lago de Ypacarai

O tema de hoje veio pelo fax do Cabo do Santo Agostinho, na tarde em que a Santa de Santana chorou sangue. Pelo telefone, Júnior Barreto (autor da canção) explica o destinatário - o jornalista Petrus Souto é testemunha ocular - aí veio a pergunta que não quer calar - "tem notícia do General Osório?" A última localização marca do Paraguai, fazendo o caminho do rei magro Melchior.

Não, não, o general foi visto em Buda/Peste batendo uma bolinha com Puskás Biró na esquina das desventuras intestinais. Então, é uma cópia a que foi vista na Rua Dr. Arnaldo, em São Paulo, cantando "Recuerdos de Ypacarai"?

Por que "Recuerdos de Ypacarai"? Yes, ele escreveu um ensaio do centenário de Demétrio Ortiz, o autor da canção. Ué, Demétrio não nasceu em 22 de dezembro de 1916. Ah, é fã da morte e a morte de Quincas Berro D'Água. No rolê nesses tempos cruéis de autopiedade, tá 'craude', brô. Meu Deus! Afasta de mim essa curtição midiática.

Veio um passatempo, um redemoinho, um imêio de alguém, o contratempo, um calafrio, um PE, uma década e nunca mais um pio. Tudo melhorou quando passou a mulher de Ferenc Puskás, bonita, sambando na boquinha da noite. Onde? Na calçada da API e o suor derretendo, mas só eu vi, Petrus não enxerga mesmo muito bem e sempre diz: "K, eu estou com 79 anos". Esquece, o 69 é melhor ou.. in medias res?

Segundo João Kopke, uma espécie de puzzle, sei lá, mas rola tanto clichê que ouvimos nas rodas dos bambas e se quer não encolhemos seguir nessa viagem de vasto repertório sem, nada a dizer, noite a dentro.

Não que eu ache careta, mas quando uma pessoa passa na beira do Lago de Ypacarai, todos ficam igual Demian do Hesse, não, nunca para sempre, com suas bengalas atrevidas. Ao invés do sono, a epifania - poiszé, mas ainda não é o mané.

Vamos assobiar? Eu ouvi "Recuerdos de Ypacarai" no pisador do meu vô, na voz do Caetano Veloso - e sua voz serve as juventudes e por herança aqueles que ainda se amam, mas vocês sabem que não existe a palavra saudade em nenhum outro idioma, né? Eu não morro de saudade. Ninguém morre de saudade.

Preguiças do sábado numa caminhada longa ao lusco-fusco de tudo tão impuro da praia mais bonita do Cabo Branco, com esgotos estourados e tapurus voadores e gente duvidosa no entorno do estandarte do presidente besteiro, inclusive, tentando puxar meu colar de Oxalá, deixe disso, meu orixá é Jesus

Um candidato a prefeito desconhecido o JosyNato, que este ano não vai de vereador, eterno fã do general Golbery, acenou em piscas, com tártaros sobrando nos dentes, estilo homem valente, mas não sabe dirigir um corcel 73.

Eu não soul, nem fiz sequer a minha inscrição no bando dos boêmios quando Petrus disse - porque você não escreve um breve história de alguma coisa sobre os clássicos do vale do silício diante de seu com/pu-ador velhuscos. Olha que eu conheço essa cara, vou ali tomar um café com leite do Beco da Boemia onde conheci a escritora Onélia Gonçalves Queiroga.

Afiml quem matou, Inês?

Kapetadas

1 - A única unanimidade do mundo: A certeza de que tem razão.

2 - Tá fazendo um curso pra quando virar rainha e a matéria final era gerenciamento de crise, mas pra isso ela precisava antes gerar uma crise. Ela quem?

3 - Eu li que cada civilização teve a sua barbárie. Já o Brasil ainda não teve a sua civilização.



Estátua de General Osório, de oito metros de altura, no Rio

Alex Santos
 Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Oppenheimer’ confirmou o óbvio em aceitação

Com tantas guerras pelo mundo, tragédias não apenas no Oriente Médio, como a de Gaza, também nos países Ucrânia e Rússia, nada estranho para um cinema ter de oportunizar tais episódios ao “consumo”. Cultuando, inclusive, seus famigerados “heróis”, revenindo épocas como a da Segunda Grande Guerra e suas trágicas consequências. Quem jamais esqueceu o holocausto nuclear de Hiroshima e Nagasaki?

Sobre os conflitos e guerras aqui citados, grandes obras estiveram no páreo, concorrendo à estatueta de melhor longa ao Oscar deste ano. Além de *Zona de Interesse*, filme sobre o qual comentamos semana antes (que ganhou o Oscar de Melhor Filme Internacional), dentre os dez melhores indicados, as apostas sempre foram mais para *Assassinos da Lua das Flores*, *Anatomia de uma Queda* e o mais conceituado, *Oppenheimer*, com direção de Christopher Nolan. E, sobre este, não deu outra!

No domingo passado, com a celebração de melhor filme do Oscar 2024 para *Oppenheimer*, glorificando o criador e seu tenebroso invento (a bomba atômica), só nos restaria recorrer àquela máxima de Nelson Rodrigues: “o óbvio ululante”. Fato que bem confirma um cinema voltado, sobretudo, para a indústria da pirotecnia eletrônica, que, propriamente, para a sua essência inicial: uma arte destinada mais ao lazer, à diversão.



Ator irlandês Cillian Murphy conquistou a estatueta de Melhor Ator por ‘Oppenheimer’

Com a quantidade maior de fichas apostando em *Oppenheimer*, somado ao “holocausto” que vimos testemunhamos, todos os dias através da mídia, o resultado do Oscar deste ano não poderia ser diferente. E além das muitas esquisitices, que acompanhamos na internet, a festa do Oscar deste ano veio com muito mais surpresas. Até um cão engalanado (também ator?) e homem pelado no palco, ao que se viu, desfilaram no tapete vermelho outros fetiches para espanto de uma ululante plateia. Coisas de Hollywood...

Mas, a estrela da noite foi mesmo o diretor Christopher Nolan, que levou inclusive a estatueta de melhor direção por *Oppenheimer*. O fil-

me resgata a vida do físico e teórico americano Julius Robert Oppenheimer, participante do Projeto Manhattan, ensaio bastante polêmico na época, quando pesquisou e desenvolveu as primeiras armas nucleares. O objetivo final era bombardear Hiroshima e Nagasaki. E foi o que aconteceu, numa demonstração do poderio nuclear americano, lá pelos meados dos anos 1940, uma espécie de aviso claro dos EUA ao Japão.

Através do Oscar 2024, diante de todo esse caos mundial que hoje existe, *Oppenheimer* não poderia ser, digamos..., mais uma vez um “recado” do Tio Sam à Israel de Netanyahu? – Mais *Coisas de Cinema*, acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br

APC: Mostra de Cinema e Direitos Humanos



A Academia Paraibana de Cinema estará apoiando, a partir da próxima terça-feira (19), o Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, na abertura de sua décima terceira Mostra de Cinema e Direitos Humanos, que acontecerá em João Pessoa, até sábado.

O evento, que terá a organização local do prof. Carlos Dowling, contará com a colaboração do também professor Fernando Trevas, ambos membros da Academia Paraibana de Cinema. A exibição dos filmes da mostra, assim como as oficinas acontecerão no Cine Aruanda, no bloco do CCTA da UFPB, com entrada franca.

EM cartaz

ESTREIAS

IMAGINÁRIO - BRINQUEDO DIABÓLICO. (*Imaginary*). EUA, 2024. Dir.: Jeff Wadlow. Elenco: DeWanda Wise, Taegen Burns, Piper Bracun. Horror/ mistério. Mulher volta à casa de sua infância e descobre que seu antigo amigo imaginário é real e ameaçador. 1h44. 12 anos. CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h30, 16h, 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): dub.: 14h15, 19h; leg.: 16h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h, 22h. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 16h35, 18h40, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h35, 18h40, 20h45.

LUPICÍNIO RODRIGUES - CONFISSÕES DE UM SOfREDOR. Brasil, 2024. Dir.: Alfredo Manevy. Documentário. A vida e a obra do compositor brasileiro, conhecido por canções de dor-de-cotovelo. 1h39. 12 anos. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 22h.

UMA VIDA - A HISTÓRIA DE NICHOLAS WINTON. (*One Life*). Reino Unido, 2023. Dir.: James Hawes. Elenco: Anthony Hopkins, Lena Olin, Johnny Flynn, Helena Bonham Carter. Drama. Pouco antes da II Guerra, jovem corretor de Londres luta para resgatar crianças da Tchecoslováquia dominada pelos nazistas. 1h50. 12 anos. CENTERPLEX MAG 1: leg.: 19h20. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h15, 17h45, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h40; leg.: 18h50.

RE-ESTREIA

OPPENHEIMER. (*Oppenheimer*). EUA, 2023. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Cillian Murphy, Emily Blunt, Robert Downey Jr., Kenneth Branagh. Drama. Físico é chamado para chefiar laboratório de experiências nucleares que desenvolve a bomba atômica. Vencedor de sete Oscars, incluindo filme, direção, ator e ator coadjuvante. 3h. 12 anos. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 20h.

ZONA DE INTERESSE (*The Zone Of Interest*). EUA, Reino Unido/ Polónia. Dir.: Jonathan Glazer. Elenco: Christian Friedel, Sandra Hüller, Johann Karthaus. Drama. Durante a II Guerra, a família do diretor do campo de extermínio de Auschwitz vive tranquila ao lado do local onde minorias foram diariamente assassinadas. Vencedor de dois Oscars: filme internacional e som. 1h45. 14 anos. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 19h45.

CONTINUAÇÃO

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

José Octávio, um organizador

José Octávio de Arruda Mello não é só o historiador incansável da Paraíba, o pesquisador atento à multiplicidade dos fatos e à diversidade dos atores que se notabilizaram ao longo do tempo pelas ações, presença, ideias e obras. É, sobretudo, um organizador da cultura, e, como tal, um militante inquieto e ativo face às ofertas do conhecimento e dos dados que possam servir de objetos de estudo.

Observo, sempre pautado pelo desafio cognitivo, sua atuação junto a instituições, academias, jornais, eventos, convicto de que observo um ser visceralmente envolvido com a pauta das informações históricas, porém, um ser que nunca abdica de seu chão e do seu entorno, para deles extrair o contributivo essencial, a compor o matizado e rico legado de nossa memória.

Além das narrativas históricas, da análise e da interpretação de perfil acadêmico, a exemplo de *A Revolução Estatizada: um Estudo sobre a Formação do Centralismo em 30* (1984), decerto seu estudo de maior fôlego e profundidade; além da exegese e da descrição configuradas em livros pontuais, mas de sugestivo interesse, como *João Pessoa Perante a História: Textos Básicos e Estudos Críticos* (1978) e *Os Coretos no Cotidiano de uma Cidade: Lazer e Classes Sociais na Capital da Paraíba* (1990), ou ainda, além do compromisso didático-pedagógico, explorado com clareza e concisão, em *História da Paraíba: Lutas e Resistências* (1994) e em tantos outros títulos de temáticas e assuntos variados, vejo em José Octávio a figura imprescindível do organizador.

Quer em função do papel significativo de alguma personalidade do universo político, social, econômico e cultural; quer na sondagem de temas específicos a serem abordados em perspectiva plural; quer no destaque e no realce que promove em torno de certos episódios, ocorrências e feitos relevantes de nossa história, o estudioso põe em prática sua metodologia de características ordenadoras, no sentido de demonstrar o movimento vivo da história. Sim, porque para ele, a história não se confunde com o mostuário inacessível dos arquivos mortos.

Nesta vertente de sua compleição intelectual, poderia citar diversas obras, programadas e realizadas, que trazem o selo decisivo de sua sensibilidade e de sua inteligência, compartimentando a realidade cognoscível em diversificados objetos de estudo, ao mesmo tempo em que tendem, devido à riqueza e à pluralidade dos conteúdos apresentados, a abrir perspectivas de debate e estimular a consciência crítica dos leitores.

José Américo de Almeida, não o escritor de ficção nem o cronista de variedades, mas o homem de feição científica, preocupado com as condições sociais e econômicas da Paraíba, aparece em *José Américo e a Cultura Regional* (1983), obra coletiva introduzida e organizada por ele e com participação de diversos colaboradores. Na mesma linhagem, ainda centralizando a figura do autor de *A Bagaceira*, temos o recente *A Paraíba e Seus Problemas: Volume 1 – Reedições da Fortuna Crítica* (2023), auxiliado pela historiadora Lúcia Guerra e com um leque diferenciado de novos analistas, rastreando os motivos e as matérias discutidas neste livro emblemático, que veio a público em 1923.

Uma Cidade de Quatro Séculos: Evolução e Roteiro (1985), em colaboração com Wellington Aguiar; *Capítulos de História da Paraíba* (1987), juntamente com Wellington Aguiar, Evandro Nóbrega e Gonzaga Rodrigues; *O Jogo da Verdade: Revolução de 64, 30 Anos Depois* (1994), com Nonato Guedes, Sebastião Barbosa, Carla Mary S. Oliveira e Evandro Nóbrega; *A Paraíba por Si Mesma* (2012); *Folclore, Imaginário e Cinema* (2018), este com Hildeberto Barbosa Filho, e *O Movimento de 64 na Paraíba: Origens, Assalto ao Poder e Repressão* (2021), com a coautoria de Victor Raul da Rocha Mello, são alguns dos exemplos que comprovam a intensa e constante intervenção de José Octávio na constituição e variedade de um acervo bibliográfico ao qual os estudiosos e, sobretudo, as novas gerações não podem ficar indiferentes.

Sua contribuição, assim, me parece inestimável. Historiador de todas as horas, pesquisador sempre tocado pela luz da curiosidade, intelectual aberto às críticas e aos debates, causer flexível e bem humorado, presença quase ubíqua na cena cultural do estado, José Octávio de Arruda Mello é referência incontornável na história e na historiografia paraibanas, sobretudo se o assunto são os anos 1930, a revolução e João Pessoa.

Prolífero, não para de pensar nem de escrever; sempre com um novo projeto em vista; sempre atento às produções locais, à organização de seminários, aos lançamentos, aos fatos e fenômenos da vida cultural, José Octávio produz, questiona, reflete, problematiza, estimula, ensina, organiza. A história é o seu DNA. A história que nos ajuda a compreender melhor a vida.

CINEMA/CRÍTICA

Sinais indiretos do horror nazista

De volta aos cinemas, 'Zona de Interesse' exige atenção do espectador sobre a "banalidade do mal"

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Um desavisado talvez demore a perceber por que *Zona de Interesse* mostra o cotidiano idílico de uma família alemã, em sua bela casa, com um jardim bem cuidado e uma piscina onde recebe os amigos. No longa vencedor de dois Oscars (filme internacional e som) e que voltou a entrar em cartaz esta semana nos cinemas de João Pessoa, o espectador acompanha esse dia a dia, mas os mais atentos (e conhecedores de história) logo entendem o que está por trás daquilo (ou do muro).

Em algum momento, a mulher (Sandra Huller) curte um novo casaco de peles ou novos perfumes que ganhou. Ou precisa tirar do varal as roupas para que não sujem com as cinzas que caem. A vida tranquila não se abala com tiros e gritos ouvidos ou a coluna de fumaça no céu.

A questão é que a casa fica ao lado do campo de Auschwitz e a família em questão é a de Rudolph Hoss (Christian Friedel), comandante do campo. Do lado "de cá" do muro, está uma vida feliz e pacífica, alheia a qualquer drama de consciência. Do outro lado, o máximo de horror do nazismo.



Neste ano, o longa-metragem foi o vencedor de dois Oscars: melhor filme internacional e som

O diretor e roteirista Jonathan Glazer se inspirou em parte do livro escrito por Martin Amis para ressaltar uma situação específica. E decidiu não mostrar em nenhum momento o outro lado do muro. O holocausto nos chega apenas pelos sinais já citados: a fumaça e os sons (não por acaso, o filme ganhou o Oscar da categoria).

Zona de Interesse acaba sendo um contraponto interessante a um dos filmes definitivos sobre o holocausto: *A Lista de Schindler*. Em 1993, Steven Spielberg dirigiu seu filme para contar a história do homem que salvou vários judeus da morte, mas também fez questão de mostrar em detalhes a vio-

lência e o horror dentro de campos de concentração nazista (no caso, o de Plaszow e o de Auschwitz, ambos na Polônia).

De fato, os dois filmes acabam se complementando. *Schindler* tem por missão expor a maldade, os nazistas na tela são a representação definitiva disso e o filme tem uma narrativa movida por um objetivo final a ser alcançado: a salvação daqueles judeus ajudados por Schindler.

Zona de Interesse vai por outro lado, menos direto: os nazistas na tela são mostrados como eles se veem, não como nós os vemos. Surgem como pessoas "normais" vivendo suas vidas e fazendo seu trabalho. Para Hoss,

o extermínio é basicamente uma burocracia a cumprir, onde procura melhorar seu desempenho (como na cena em que avalia o desenho e a funcionalidade de uma futura nova câmara de gás). Um estudo sobre a banalidade do mal, de Hannah Arendt, algo perturbador.

O filme de Glazer também não possui uma narrativa baseada num objetivo a ser alcançado no final. É um filme de situação, que se esmiuça sobre ela - Glazer espalhou câmeras pela casa-cenário para captar a naturalidade dos atores, mesmo se eles não soubessem se estavam ou não sendo gravados. Se havia um objetivo para aquela família, seria continuar naquela vida.

'GISBERTA'

Peça encerra celebração de aniversário de teatro

O espetáculo *Gisberta - Basta um Nome para Lembrarmos de um Ódio* será apresentada hoje, às 19h30, com entrada gratuita, no Teatro Santa Catarina (Avenida Pastor José Alves de Oliveira, Camalaú, Cabedelo), que completou 37 anos na última quarta-feira. A apresentação da peça é parte das comemorações elencadas pela Fundação Espaço Cultural (Funes), que administra o espaço. A classificação indicativa é 16 anos e a distribuição de senhas começa com uma hora de antecedência.

Uma realização do Cara Dupla Coletivo de Teatro, *Gisberta - Basta um Nome para Lembrarmos de um Ódio* é protagonizado pela atriz Letícia Rodrigues, que traz à vida a história de Gisberta Salce Jú-

nior, vítima de transfobia em 2006, na cidade do Porto, em Portugal. O trabalho mistura passado e presente, entre Brasil e Portugal dos últimos anos, construindo, num tom de denúncia, uma narrativa acerca da transfobia em ambos os países.

Fundado em 13 de março de 1987 possui capacidade para 167 lugares, sendo cinco adaptados para pessoas com necessidades especiais. Ele surgiu da ideia de construir um local para as apresentações do grupo de Teatro Experimental de Cabedelo, criado no final dos anos de 1970. Na época, a companhia era formada por mais de 30 pessoas, e dirigida pelo teatrólogo e folclorista brasileiro Altimar Pimentel, falecido em 2008.



Foto: Divulgação

Letícia Rodrigues interpreta o monólogo como personagem real vítima de transfobia em Portugal

CELEBRE A LITERATURA FEMININA

Compre qualquer livro de autoria feminina e aproveite um desconto exclusivo de 10%!

VISITE NOSSA LOJA E APROVEITE!

[Válido de 8 a 31 de março de 2024]



NAS ELEIÇÕES

Participação de mulheres desacelera

Número de candidaturas femininas continua crescendo, mas em ritmo bem inferior ao registrado até 2018

IngresonDerze
ingreson.jornalista@gmail.com

Embora a participação das mulheres na política venha aumentando a cada eleição no Brasil, esse crescimento tem desacelerado nos últimos anos. Nos pleitos eleitorais mais recentes ocorridos pelo país, as candidaturas femininas registraram aumento, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Porém, enquanto o aumento foi de 60,6% de 2010 a 2014, e de 13,3% de 2014 a 2018, nas últimas eleições gerais ocorridas em 2022, o crescimento ficou em 2,2% em comparação com as eleições de anos anteriores.

Para tentar manter a presença das mulheres na política e evitar a redução das candidaturas foi criada a Lei de Cota de Gênero. Uma medida que contribuiu para ampliar o espaço das mulheres no cenário político. O estímulo à participação feminina através da cota de gênero está previsto na legislação brasileira desde 1997, na Lei das Eleições: Lei nº 9.504/1997. Ela define que cada partido ou coligação deve preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo nas eleições para Câmara dos Deputados, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Portanto, os partidos precisam lançar 30% de candidaturas femininas, regra que passou a ser obrigatória a partir de 2009.

No entanto, a principal ferramenta de inclusão das mulheres na política vem sendo alvo constante de fraudes eleitorais. Diversos partidos para atender as exigências da legislação eleitoral com base na cota de gênero, criaram candidaturas femininas fictícias para atingir o número mínimo de candidatas femininas. Desta forma, uma avalanche de cassação de mandatos pela Justiça Eleitoral ocorreu nos últimos anos em todo o país. Na Paraíba, um dos casos mais emblemáticos ocorreu na Câmara de Vereadores de Campina Grande. Quatro vereadores, sendo uma mulher, foram cassados por fraude à cota de gênero.

De acordo com dados do Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem uma população de 203.080.756. Deste total, 104.548.325 (51,5%) são mulheres e 98.532.431 (48,5%) são homens. O que significa que existe um excedente de 6.015.894 mulheres em relação ao número de homens. A vantagem numeral feminina em todas as regiões do Brasil não é semelhante ao número de mulheres ocupando os cargos políticos de vereadoras, deputadas, prefeitas e senadoras. Na Paraíba, as mulheres também são maioria, totalizan-



Enquanto o aumento ficou em 60,6% de 2010 a 2014 e 13,3% de 2014 a 2018, nas últimas eleições gerais de 2022 a variação foi de apenas 2,2%

do mais de dois milhões, enquanto que o número de homens é de pouco mais 1,9 milhões.

Apesar disso, o número de candidatas mulheres ainda está longe de espelhar a sociedade. Segundo um levantamento produzido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), demonstrando as candidaturas na última eleição para deputado federal, o estado da Paraíba contou com 89 candidaturas femininas, no entanto, nenhuma candidata foi eleita para composição do Parlamento federal. Já na disputa regional, 161 mulheres disputaram as eleições por uma vaga na Assembleia Legislativa, contudo, apenas seis tiveram sucesso, sendo que o Parlamento estadual conta com 36 cadeiras. Já para o Senado, a única concorrente acabou derrotada nas eleições, a exemplo da candidatura feminina ao Governo do Estado. A situação dessa triste realidade da presença de mulheres é evidenciada na Câmara Municipal de João Pessoa, que conta apenas com uma mulher no Parlamento, a vereadora Eliza Virgínia (PL).

“Infelizmente, eu sou a única mulher eleita no parlamento mirim em João Pessoa, na Câmara Municipal. Saímos de quatro para um. Isso é muito feio, isso é muito ruim. Então, assim, é muito ruim porque as mulheres são a maioria da população em João Pessoa e do mundo e a representatividade lá embaixo. Eu espero realmente que, nas próximas eleições, tenham mais mulheres na política. “Espero, sim, que nas próximas eleições nós tenhamos mais mulheres no poder, mais mulheres no Parlamento. Nós temos uma visão um pouco mais diferenciada do do homem, porque nós somos diferentes de homens, apesar de que podem ter certeza que legislação para a mulher é que não falta. E a maioria das legislações feitas para mulheres na Câmara Municipal é feita por homens”, enfatizou Eliza Virgínia.

Famup defende ampliação nas cidades

A Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) defende a participação feminina no processo eleitoral deste ano. De acordo com um levantamento produzido pela instituição, a Paraíba conta com 223 municípios, sendo que apenas 40 mulheres estão ocupando a administração dos municípios. O presidente da associação, George Coelho, defende a ampliação das mulheres na política, ocupando os espaços no poder na contribuição das políticas públicas. Além disso, o presidente da entidade critica a violência de gênero contra mulheres, um obstáculo que afeta diretamente a presença das mulheres em cargos eletivos.

“A Famup defende a participação de mais mulheres nas eleições desse ano e se coloca à disposição das prefeitas para apoiá-las no que for necessário nas suas administrações. É importante termos mais mulheres disputando cargos eletivos e ocupando espaços de poder. É fundamental ainda que os homens se unam contra a violência política de gênero na nossa Paraíba. O direito e a participação é igual para todos”, disse o presidente da Famup, George Coelho.

Um levantamento produzido pela Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), demonstra que nas eleições municipais ocorridas em 2020, na Paraíba, a participação de candidaturas femininas ao cargo de vice-prefeita cresceu 21% em comparação às eleições de 2016 e o pleito de 2020. A informação foi elaborada com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e representa mais do que o dobro do aumento de participação feminina registrado na

■ Paraíba conta com 223 municípios, sendo que apenas 40 mulheres estão ocupando a administração das cidades

disputa para prefeituras e Câmaras Municipais de Vereadores juntas. Já as chapas compostas apenas por mulheres disputando os cargos de prefeita e vice-prefeita correspondem a pouco mais de 2% do total de chapas registradas. Nas últimas eleições municipais, as chapas em que as mulheres assumiram a disputa para prefeitura, mas com um homem como vice, corresponderam a 11% do total. Foram 2.140 candidaturas nessa situação.

Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou em pesquisa divulgada recentemente sobre participação feminina entre os parlamentares eleitos para as Câmaras de Vereadores na Paraíba, durante o pleito eleitoral em 2020, foi de apenas 16,2%, uma vez que, do total de 2.245 cadeiras existentes, somente 364 foram ocupadas por mulheres. A proporção paraibana foi aproximada da média do país (16,1%) e ligeiramente inferior à da região Nordeste (16,9%).

Entre os principais obstáculos encontrados pelas mulheres na participação do cenário político é a violência de gênero. Na condição de candida-



Raimundo: caminho ainda é longo para a mulher

tas, as mulheres sofrem violência política de gênero, principalmente por ameaças à candidatura, interrupções frequentes de falas em ambientes políticos, impedimento para usar a palavra e sinalização clara de falta de respeito, desqualificação e alegação à crença de que a mulher não possui competência para a função a que ela está se candidatando ou para ocupar o espaço público onde se apresenta, além disso, elas sofrem com violação da sua intimidade, por meio de divulgação de fotos íntimas, dados pessoais, montagens, difamação da candidatura. Outro ponto negativo bastante destacado é o desvio de recursos de campanhas das candidaturas femininas para as masculinas.

Já para as mulheres, a situação sobre a violência de gênero permanece quando uma mulher é eleita e ocupa um cargo político, seja no legislativo ou no Executivo. As principais queixas e denúncias são referentes à não indicação como titulares em comissões, nem líderes dos seus partidos ou

relatorias de projetos importantes, as constantes interrupções em seus lugares de fala, exclusão de debates, questionamentos sobre sua aparência física e forma de vestir, além das graves insinuações sobre suas vidas privadas como relacionamentos, sexualidade e maternidade.

Para o cientista político Raimundo França, as mulheres ainda têm um longo caminho quando o assunto é autorrepresentação na esfera da política institucional brasileira, pois a composição do atual Congresso Nacional, por exemplo, não alcançou sequer 20% de congressistas eleitas no pleito de 2022, mesmo as mulheres sendo a maioria da população. “Diante disso, muitas questões se impõem para quebrar estas barreiras quanto à representatividade das mulheres nos espaços de poder/institucional como, por exemplo, a visão patriarcal da política, o machismo, as estruturas partidárias oligárquicas, o imaginário de que política não é coisa de mulher”, disse Raimundo França.

Foto: Ascom/TSE

Foto: Reprodução/Internet

Memórias

A União

Ilka Soares

Convite no jardim despertou o interesse de trabalhar na oficina do jornal

Vizinho que trabalhava no fotolito perguntou se havia interesse em trabalhar na paginação, área que não tinha a menor ideia do que seria, onde toda a montagem é feita, o que acabou em dedicação, profissionalismo e amizades

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

Ilka Soares não fazia a menor ideia do que seria trabalhar em um jornal. Tanto é assim que, ao ser perguntada se gostaria de trabalhar na paginação, respondeu com outra pergunta: “E como vou trabalhar se não sei de nada?” Mas não rejeitou o convite e, em três meses, dominava o setor, colocando as matérias no lugar e corrigindo erros até de revisão. E foi assim durante 14 anos, como Ilka Soares revela nessa conversa com o Memórias A União. Ilka também tem uma história paralela com A União: foi casada com o articulista e cronista Otávio Augusto Sitônio Pinto e, nos últimos anos de vida do companheiro, Ilka ajudou-o a escrever, ouvindo e digitando as histórias. Ilka conta que tem o maior ciúme do que Sitônio escreveu e faz uma revelação: há vários livros inéditos, que ela espera publicar assim que resolver algumas pendências que ficaram com a morte dele. Em relação ao jornal A União, ela acredita que o impresso ainda vai durar muito.

Entrevista

Como foi que começou a sua história com o jornal A União?

Começou em 1979. Eu estava no jardim da minha casa, quando passou um colega e perguntou: “Ilka, tu tens experiência em jornal?” Como é que eu tenho experiência de jornal se eu nunca fui em um jornal? Ele continuou: “A minha irmã trabalha lá. Você quer trabalhar? Respondi: estou disposta.

Mas, foi assim mesmo?

Foi assim, de uma hora para outra. Eu tenho condição de entrar num negócio desses, que eu nunca tive experiência? Ele disse: “É fácil, Fátima te ensina. Dois dias depois, ele chegou e perguntou: você vai com Fátima hoje para lá?

Quem era Fátima?

Fátima Marques. Ela trabalhava na paginação junto com Carol. Na época, quem era o chefe da oficina era Seu Lourival. Ele disse: vá, entra aí! Fica aí do lado de Fátima, que ela vai lhe ensinando. Fátima foi me ensinando como se paginava, passava a matéria na cola, cortava tudo e colocava na página. Pronto, concluí. Aí chegou Seu Coló, que era do setor de fotolito, a última arte.

Isso tudo ocorreu em 1979?

Em 1979, sim, tanto que eu estudava à noite. Como fui trabalhar à noite, tive que fazer transferência no colégio para a tarde. Eu estava no Ensino Médio. Fui falar com o diretor e ele disse: “Interessante, todo mundo chega aqui para estudar à noite, só você que quer trocar da noite para o dia.

Foi uma experiência fácil?

Foi mais fácil. Com três meses, já estava quase craque, mas, eu vim pegar mesmo a parte profissional com um ano depois, porque eu não tinha muita segurança. Era muita coisa, muito melindrosa.

Qualquer bobagem é um erro? Você tem que estar com o olho

mais marcada dentro de um quadrinho.

Aí, tudo isso seguindo aquelas orientações gráficas para evitar um deslize?

Trabalhávamos com lápis preto para fazermos a parte mais grossinha. Depois, a parte fininha dentro daquele quadrinho. Era uma verdadeira arte.

Tudo no friso bem direitinho?

Era tudo artesanal. O que o diagramador pedia no espelho, a gente tinha que fazer.

O que alimentava o trabalho da paginadora?

Vinha a matéria composta já da revisão para a emenda. Se precisasse de alguma correção, uma falta de um “a”, de um “e”, uma letra a mais, se riscava, tirava e os meninos na emenda consertavam. Depois é que a gente pegava essa matéria. Quando os meninos estavam muito cheios de matéria, às vezes, o computador dava problema. Quando chegava, era muita matéria e eu pensava: Eu vou ajudar! Vou colocar na página! Vejo o que é que está errado e, na página mesmo, faço a emenda.

Era possível fazer essa emenda na página?

Eu fazia. Não tinha problema nenhum porque eu não tinha prática de fazer a emenda. Quando eu cortava demais, às vezes, cortava só letrelinha. Um exemplo: um “a” com circunflexo, consigo tirar o acento e colocar o agudo.

Um trabalho minucioso?

Depois que as meninas pediam na revisão e, estava errado, mandavam para a composição de novo só para fazer a emenda. Aí, vinha aquela materiazinha só com um pedacinho. Assim, café

Chegada

“Na época, quem era o chefe da oficina era Seu Lourival. Ele disse: vá, entra aí. Fica aí, do lado de Fátima que ela vai lhe ensinando. Em três meses, aprendi o trabalho”

muito fixo na cor para não sair nada torto e para colocar a matéria. A primeira página, que é mais perigosa, que tem no jornal, aí vem, vamos lá! Vamos revisar! Então, todo mundo revisava, inclusive, o chefe da paginação. O pessoal do fotolito também revisava. No outro dia, sai coisa errada. Diga-me como é que faz?

É coisa de jornal mesmo?

Como aconteceu uma vez: a gente botou um título bem pequeno, três linhas em uma coluna sobre algo que tinha começado lá em fevereiro. Todo mundo leu. Foi a última matéria que chegou para nós. Todo mundo leu fevereiro. Só que, no outro dia, saiu “favereiro” na primeira página do jornal.

Muita gente não sabe como era a paginação de jornal porque hoje em dia é tudo no computador. Mas, antes era um papel um pouco maior do que o tamanho do jornal, como um diagrama e, ali, tinha um espelho que era como o diagramador pensava que a página deveria ser apresentada e ia para a paginação. E naquele outro diagrama, todo em branco, você iam fazer a montagem?

Na montagem, riscávamos tudo direitinho porque tinha matéria com três colunas, com uma só, uma pequenininha de duas com composição mais larga; uma que chamava a atenção, que era



Fotos: Edson Matos

Ilka diz que chegou ao jornal sem saber nada e aprendeu com colegas que foram muito solícitos e a ensinaram os segredos

acentuado - isso aqui não dá para emendar com a caneta, bota a letra, a palavra completa.

Por que tinha que ver como é que se encaixava para fazer a emenda?

Bem direitinho, tamanho nove, tamanho oito no espaço da matéria e, muitas vezes, quando estourava, passava do diagrama, a gente tinha que fechar e, quando fechava, e ficava péssimo, mandava de volta.

Porque fechava manualmente, cortando linha por linha e apertando...

Quando estava com esse problema, não dava. Ia ficando muito feio, isso aqui aberto e isso aqui pouco fechado. Principalmente na página de artigos, que Gonzaga, Natanael escreviam. Tinha que mandar voltar para poder fechar: está muito aberto, vai estourar demais e quando estourava, que não tinha mais como fechar porque já estava no tamanho exato do corpo, que se chama fonte. Quando a fonte estava já no limite, que não dava mais para fechar, aí tinha que chamar o editor da página para poder cortar. Aí, não pode cortar em todo canto porque, muitas vezes, tiramos o sentido do assunto da matéria.

Ainda pegasse a linotipo?

Teve uma época que foi difícil. O povo antigo, que já estava aposentado, mas que continuou porque fazia livros. Eles sabiam como produzir os livros, com material do linotipo, no chumbo.

Mas, a paginação não era diferente?

Eles faziam e colocavam lá para a gente. Meu Deus, eu ia perguntar quando eu estava do lado do pessoal.

O ambiente de trabalho era muito bom?

Era tudo uma amizade, um discutir com conversa. A única pessoa que tinha lá no setor da gente, uma criatura que eu não sei o que era, acho que o proble-

Escola

“Estudava à noite. Como fui trabalhar à noite tive que fazer transferência no colégio para a tarde. Estava no Ensino Médio e o diretor estranhou porque sempre ocorria o contrário”

papel mesmo e tinha que passar cola com bastante carinho para poder não borrar a tinta que estava na frente. É tanto que quando foi na época que A União tinha problema com a parte de computação, o que acontecia muitas vezes? A gente vinha para o Distrito e ia trabalhar com a linotipo.

Ainda pegasse a linotipo?

Teve uma época que foi difícil. O povo antigo, que já estava aposentado, mas que continuou porque fazia livros. Eles sabiam como produzir os livros, com material do linotipo, no chumbo.

Mas, a paginação não era diferente?

Eles faziam e colocavam lá para a gente. Meu Deus, eu ia perguntar quando eu estava do lado do pessoal.

O ambiente de trabalho era muito bom?

Era tudo uma amizade, um discutir com conversa. A única pessoa que tinha lá no setor da gente, uma criatura que eu não sei o que era, acho que o proble-

E o friso?

O friso quem fazia era a gente, tanto o azul quanto o vermelho. A régua tinha que ser retinha porque senão - a régua da gente era comida de tanto passar o estilete. Então, tinha que ter uma régua retinha para a gente fazer esse friso com caneta preta, mesmo que fosse de cor diferente porque quem dava a cor aqui era Domício, que fazia a policromia. Mas, o friso era com lápis preto. Quando queriam algo especial na página, por exemplo, a edição de 100 anos, houve muita coisa especial - em cores. Falaram com Domício, que preparava tudo. Começamos esse trabalho dos 100 anos de A União no mês de novembro do ano anterior. O aniversário é no dia 2 de fevereiro. Eu fiz o jornal todinho desse ano, a paginação todinha...

Teve dia de trabalhar além do horário por muito tempo?

Não, de jeito nenhum. No dia normal, enquanto esperava uma matéria já ia trabalhando no caderno. Já tava tudo certo.

Você passou quanto tempo em A União?

Trabalhei durante 14 anos. Sempre nesse setor, mas, quando faltava algum coisa, eu corria para a revisão para adiantar, principalmente, a edição do final de semana.

O famoso “pescoção” da sexta-feira?

Isso. Na revisão eram Fátima Guedes, Antônio Moraes, Dalva e Luis, que depois passou até a ser digitador. É Paulo Roque. Paulo chegou depois e trabalhou na montagem ou na gravação de chapa, no retoque com a tinta guache para poder não sair aquelas manchas na impressão. Ele

Você chegou a trabalhar aqui no Distrito?

Não, só vinha, eventualmente, quando o computador quebrava. Nonato Guedes que trouxe A União para cá. Eu não consegui ficar porque morava longe demais e trabalhava à noite. Não dava para mim. Fiz todo o jeito para conseguir uma vaga na Secretaria de Ação Social e fui para a Ação Social. Fui liberada porque também tinha terminado Enfermagem. Então, queria exercer a profissão, aí fui para dentro da ação social, para as creches ser enfermeira pediátrica. No caso, mais berçário.

Mas voltando aqui para A União, para os frisos e estiletes, como era que vocês faziam a paginação com cor?

Não. Quem fazia a policromia no Distrito era Domício Córdula.

trabalhava numa mesa em que o vidro era transparente e tinha uma luz porque quando saía era negativo da página.

Você tinha preferência por algum trabalho em especial?

O que eu mais gostava, sabe, era o dia do vestibular. Quando chegava o dia, já vinha o aviso: “Você vai ter que trabalhar”. Rapaz, eu tenho prova hoje, eu não tenho condições, falava com o professor para fazer a prova depois. Senão, é zero, eu não posso fazer nada.

Voltando aos 100 anos de A União. Foi o maior trabalho que você pegou? Quantas páginas foram?

Foi o maior trabalho, mas não lembro quantas páginas foram porque, meu amigo, foi muita coisa: artigo de todo mundo se referindo ao jornal A União, a escola, o museu A União, estúdio. Inclusive teve até uma parte que deu problema sério porque a gente não encontrava a matéria. Quando tirava a matéria da fotocompositora só era a continuação anterior. Foi um corre-corre. Deu-me um medo!

E você ainda tinha esse cuidado também de ler e perceber?

Tinha. Pelo menos, comigo, todas as matérias que eu ia colorar lia o início. A gente não entendia a letra do diagramador, mas, eu corria na revisão e pegava a matéria para ler o começo e ter certeza que era essa daqui mesmo. Havia uma caixa com todas as páginas, onde se coloca toda matéria. Parecia um armário. Tinha o original e a fotocomposição, que era após a digitação.

E o Diário Oficial?

Era outro paginador. O editor era Walter de Souza. Às vezes precisa mudar um decreto, a redação, alguma coisa, ou então, suspender mesmo porque aquilo não deveria sair agora. Coisas do governo.

Mas, eu queria conversar com você também agora sobre o trabalho que você desenvolveu junto a Otávio Sitônio Pinto. Você foi casada com ele e quando ele adoeceu foi você que assumiu aquele trabalho de fazer a interlocução com a redação?

Trinta e um anos de casados. No final, ele não conseguia controlar e passou a ditar a matéria.

Você voltou às origens, só que não imaginava na sua digitação?

Voltei a digitar, só que eu tenho muita dificuldade de digitar porque eu era craque na paginação. No caso de Otávio Augusto foi isso: quando ele começou a ter dificuldade - era “dedógrafo”, ele ditava e eu digitava. Mas, veio o desequilíbrio com as mãos e os dedos. Começou assim, depois da doença, continuei. Na

Vestibular

“O que eu gostava mais era o dia do vestibular. Quando chegava o dia, já vinha o aviso: ‘Você vai ter que trabalhar’. Era aquele corre-corre, mas valia a pena o esforço”

evolução da doença, ele também estava com dificuldades na fala. Para entender o que ele estava dizendo ficou difícil. Eu fazia o quê? Eu escrevia tudo que ele dizia sempre pela manhã - era melhor horário para falar porque ele amanhecia com a voz melhor. E passava palavra por palavra.

E depois você o mostrava como tinha ficado?

É que com a evolução da doença ficou difícil entender o que ele falava. Não entendia o vocabulário dele e, muitas vezes, eu ia para o dicionário para ver se a palavra existia mesmo. Então, digitava e ia mostrar a ele.

Otávio e você guardaram o acervo todo do que ele escreveu?

Está tudo guardado. Inclusive, seis livros inéditos. Estou só esperando resolver o resto, das coisas que ficaram depois do falecimento dele, que maltratou bastante porque eu estava ali direto com ele todo dia, a lembrança das coisas dele, que tenho muito ciúme. Tenho muito ciúme, tanto, que teve uma vez que ele já estava na metade na doença, disse: “Tem uma crônica de um livro aí que eu separei para botar em A União. Fui procurar e parece que é um livro da seleção Luz Celestial. Era a mulher “achadeira”. Mandei para vocês. Você acredita que no outro dia o telefone começou a tocar. A menina que trabalhava lá em casa, que cuidava dele também junto comigo, disse: Aqui tem um senhor procurando pelo senhor. Segundo ela, ele disse: “Eu quero saber que mulher é essa que Sitônio conheceu? “Espera que eu vou”. Era Kubistchek Pinheiro: “Rapaz, onde foi que você encontrou essa mulher?” A mulher todo domingo ia para feira, passava o dia todinho lá, e quando chegava em casa dizia que tinha achado muita coisa, só que era tudo presente que ela ganhava do amante.

Coisa da imaginação solta dele?

Coisa do interior mesmo. Chegava da feira com o fardo de carne de sol e o marido perguntava: “Comprasse isso tudo?”, ao que ela respondia: “Eu encontrei barato”.

Alguma dificuldade que você sentia nele além dessa de se expressar no final? Você disse que tinha dificuldade às vezes de entender uma palavra, mas a parte criativa continuava fértil?

É tanta história que, muitas vezes, ele ficava parado dentro de casa pensando sobre o que conversar. “Eu estava pensando aqui, não sei o quê. Pega o papel”, dizia. E começava a criação dele e eu ia escrevendo. No outro dia dizia: “Não lembro mais nada do que escrevi ontem”. Você vai se lembrar agora. Eu pegava o papel e lia todinho para ele, que dizia: “Continua aí assim, assim”. Era desse jeito. Eu senti muita falta com a morte dele por conta disso.

Isso o mantinha produtivo e você ali na atenção...

Eu não queria deixar de jeito nenhum que ele parasse de escrever, mesmo naquela dificuldade. Era uma coisa que ele gostava, sempre gostou, amou. Ele amava escrever.

Alguma saudade de A União?

Demais, mas só que agora no momento tudo mudou. Antigamente a turma era muito boa. Não estou dizendo que a de hoje não é boa, que eu não conheço ninguém. O pessoal mudou muitos. Tudo novo aqui, mas aquela minha época, aquele meu tempo, foi muito bom.

Como é que você avalia esse patrimônio de 131 anos, que tanta história já tem aqui dentro e você que fez parte dela? Você acredita ainda que haja algum espaço para continuar a existir impresso?

Pena que os outros fecharam porque em qualquer maneira era uma concorrência. Se bem que a maioria dos jornalista trabalhava em quase todos eles. Mas acontece que cada jornal tinha sua característica. Um falava mais de política, o outro falava mais de cultura, como sempre foi A União continua de pé, não vai fechar.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORIAÇÃO: Paulo Sérgio

EM PERNAMBUCO E NO PIAUÍ

Educação terá quase duas mil vagas

Candidatos interessados devem ter nível médio ou superior e os salários podem chegar até R\$ 8.507,29

Alinne Simões
alinesimoesjp@gmail.com

A Secretaria de Educação de Recife (Seduc), em Pernambuco, e a Secretaria Municipal de Educação de Teresina (Semec), no Piauí, estão com inscrições abertas para diversos cargos. Juntas, as duas secretarias somam aproximadamente duas mil vagas, sendo exigidos que os candidatos tenham nível médio ou superior de escolaridade. E as inscrições encerram ainda esse mês.

Para a Seduc, estão abertas 400 vagas nas funções de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil e Nutricionista Escolar. Para o primeiro cargo são 300 vagas, sendo 180 para ampla concorrência, 30 para pessoa com deficiência (PCD) e 90 para negros e indígenas. Já para Nutricionista Escolar, o edital oferta 40 vagas, das quais 24 são para ampla concorrência, quatro para PCD e 12 para negros e indígenas.

Os profissionais devem exercer as funções em jornadas de 40 horas semanais, com remuneração mensal variando entre R\$ 2.137,80 a R\$ 4.596,27, acres-

Secretaria

Considerado o maior concurso da história da Educação de Teresina, o edital da Semec está com 1.526 vagas abertas para diversos cargos

cido de benefícios. As inscrições podem ser feitas até as 14h do dia 25 de março pelo site da banca organizadora, o Instituto AOCP (institutoaocp.org.br) e a taxa cobrada é de R\$ 75.

As provas objetivas e discursivas serão realizadas no dia 28 de abril e deverá cobrar 50 questões que envolvem as áreas de língua portuguesa, raciocínio lógico e matemático, legislação municipal e conhecimentos específicos. Além disso, os candidatos também serão avaliados com prova de títulos.

Considerado o maior concurso da história da Educação de Teresina, o



Foto: Joao Pedrosa

As provas objetivas e discursivas da Seduc serão realizadas no dia 28 de abril e terão 50 questões

edital da Semec está com 1.526 vagas abertas para diversos cargos, com salário inicial chegando até a R\$ 8.507,29, dependendo do cargo pretendido. O certame será organizado por duas bancas, sendo a Fundação Universidade Estadual do Piauí (Fuespi) responsável pela elaboração e aplicação da prova para pedagogos e psicopedagogos efetivos, enquanto o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultu-

ral e Assistencial Nacional (Idecan) ficará encarregado pelo processo seletivo da área técnica-administrativa e para professores do primeiro ciclo (Educação Infantil e 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental) e do segundo ciclo (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) e auxiliar educacional.

As inscrições poderão ser feitas até o dia 22 de março, através dos sites das bancas, a Idecan (idecan.org.br) e a Fuespi (nucepe.uespi.br),

ao custo de R\$ 120,00, para os cargos de nível médio, e R\$ 140,00, para os de nível superior. Os candidatos serão avaliados por meio de provas objetivas de múltipla escolha, prova discursiva e prova de títulos. A prova para pedagogo e psicopedagogo será realizada no dia 7 de abril, para professor no dia 20 de abril e para os cargos administrativos, no dia 21 de abril.

Vale lembrar ainda que há dois concursos na área

Em Teresina, o concurso será organizado por duas bancas: a Fundação Universidade Estadual do Piauí (Fuespi) e o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan)

de educação que estão sendo muito esperados na Paraíba, o da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB) está com previsão de lançar em breve edital para o cargo de magistério, tendo previstas duas mil vagas. E o da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, que deve abrir mais de 800 vagas e já tem banca definida, o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan).

Braço direito do professor nos cuidados com as crianças na escola

Uma profissão que se destaca dentro dos editais da Seduc-PE e Semec-PI é a de Auxiliar Educacional ou Auxiliar de Desenvolvimento Infantil. As denominações apesar de diferentes fazem referência ao mesmo profissional, uma pessoa com diferentes funções e de fundamental importância para a escola, principalmente se esta for de educação infantil.

De acordo com Márcia Vieira, diretora pedagógica da Letrar e Formação Continuada, um canal para aprimoramento de profissionais da educação infantil, berçários e creches *on-line*, dependendo da escola e das concepções sobre a educação de crianças que ela adota, bem como, dependendo da idade das crianças que a auxiliar vai trabalhar, essa função pode ter diferentes denominações: berçarista, cuidadora, assistente, babá, monitora, tia. Mas, mais importante que a denominação é a responsabilidade que essa profissional tem como educadora. Assim, quanto menores as crianças com quem ela trabalha, maior deve ser a sua capacitação e o seu comprometimento.

“O trabalho de uma auxiliar em educação infantil é bastante abrangente e não se limita somente a ajudar e cuidar de crianças. De forma reduzida, podemos dizer que a fun-

No concurso da Seduc-PE, a carga horária para função é de 40 horas semanais, enquanto no da Semec-PI é de 30 horas

ção de uma auxiliar de desenvolvimento infantil pode ser dividida em quatro grandes grupos”, afirma Márcia Vieira.

O primeiro deles é em relação às crianças, recebendo cordialmente elas nos horários de entrada, auxiliando na rotina estabelecida para o dia, atendendo a criança em suas necessidades básicas de higiene e alimentação, visando o desenvolvimento da autonomia delas, zelando pela segurança e bem-estar, auxiliando nas brincadeiras e aprendizagens orientadas pelo professor, providenciando os materiais com antecedência e organizando os diferentes ambientes onde as atividades acontecem. E organizando todos os materiais pessoais das crianças antes do horário de saída da escola.

Um outro grupo de funções, segundo a diretora, diz respeito a professora da sala e as atividades. Trabalhar em parceria, tro-

cando experiências em busca de uma sintonia, colaborando para o bom andamento da rotina escolar, auxiliando a professora com relação a materiais, dando assistência às crianças, cumprindo o planejamento. Desenvolver as atividades programadas se a professora precisar se ausentar da classe, além disso, colaborar para execução e bom andamento de atividades festivas como: exposições, apresentações culturais e reuniões. E registrar as atividades relevantes, para que esses registros fundamentem os relatórios de desenvolvimento das crianças.

“E sobre a coordenação e direção das escolas e à formação em carreira, o profissional deve demonstrar espírito de equipe, não deve competir com a professora, ser colaborativa e pró-ativa e buscar aprimoramento constante, mantendo-se atualizada e com disposição de sempre aprender”, ressalta.

No concurso da Seduc-PE, a carga horária para função é de 40 horas semanais, enquanto no da Semec-PI é de 30 horas. Em ambos, a única exigência é de que os candidatos sejam maiores de 18 anos e tenham ensino médio completo. No certame pernambucano a remuneração inicial é de R\$ 2.137,80 e no piauiense, de R\$ 1.584,15.

Memórias A UNIÃO



Foto: Edson Matos/Marketing EPC

Neste domingo (17/03), uma conversa com **Ilka Soares**. Ela estava cuidando do jardim quando recebeu o convite para trabalhar no jornal. Foi paginadora, fez amigos e também considera A União uma escola.

Acesse nosso canal no YouTube



Selic

Fixado em 31 de janeiro de 2024

11,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,22%

R\$ 4,997

Euro € Comercial

+0,21%

R\$ 5,442

Libra £ Esterlina

+0,08%

R\$ 6,366

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Dezembro/2023 0,56

Novembro/2023 0,28

Outubro/2023 0,24

Ibovespa



REDES SOCIAIS

Profissionais investem na web para ampliar alcance

Estar presente na internet pode ajudar a fazer novas conexões e bons negócios

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Mesmo com o dia a dia corrido, um usuário médio de internet no Brasil passa três horas e 37 minutos por dia em redes sociais, de acordo com dados do Digital 2024: Global Overview Report. Profissionais liberais vêm encontrando nesse hábito uma oportunidade de se fazerem presentes onde os potenciais clientes estão, e vender.

“98% a 99% dos meus clientes vêm do Instagram e Facebook”, afirmou o corretor de imóveis Bruno Souza. “Esse ano, tive dois clientes que foram indicação, todo o resto veio das redes sociais”. Para ele, a influência da rede social é fundamental nas vendas.

“Eu sou novo na profissão, tenho menos de um ano como corretor e quando conversei com colegas mais antigos, vejo que, com a ajuda das redes, consegui nesse tempo o que eles demoraram quase 10 anos fazendo as coisas à moda antiga. Antigamente, o corretor de imóveis entregava cartão de visita, panfleto. Hoje você tem que vender para as pessoas que estão dentro de casa com o celular na mão, numa folguinha do trabalho, na hora do almoço”, comentou.

Bruno contou que tem um designer que ajuda a melhorar a aparência de suas postagens, tornando-as mais profissionais e organizadas e que também paga por anúncios nas redes sociais para ter um alcance maior. Quando perguntado se o investimento vale a pena, a resposta vem rápida: “Sem dúvida”.

Já a tatuadora Dini Carvalho contou que só investe dinheiro em anúncios esporadicamente, mas procura divulgar seu trabalho na internet quase todos os dias. “Agora a rede social tem sido importante a ponto de você sentir uma queda se não usar como recurso”, disse. Ela afir-

mou que aproximadamente 70% dos clientes chegam por meio do Instagram.

Trabalho paralelo

Dini Carvalho explicou que, embora as redes sociais sejam ferramentas muito baratas de divulgação, é necessário investir tempo para produzir bons conteúdos e atrair os clientes. “Eu tenho percebido que, quando eu comecei no Instagram, lá em 2014, você postava uma foto, botava uma legenda legal e OK. Hoje você tem que fazer reels, com a música do momento, fazer uma passagem de uma imagem pra outra legal, contar a história e tem que ser rápido, se demorar muito você perdeu a atenção do cliente”.

Ela contou que ganhou um tripé de uma cliente para ajudar com os vídeos e que chega a demorar uma hora legendando e editando vídeos para as redes. “Eu estou aprendendo agora a botar legenda nos vídeos, não é difícil, mas eu vi que é uma coisa que você tem que estar se renovando a cada semana. A cada semana tem uma novidade no Instagram. Você não pode ficar parada e isso eu acho que é a maior dificuldade das pessoas”.

A frequência das postagens também é importante. “A cada dois, três dias eu procuro estar postando, se não eu caio no esquecimento”, afirmou.

Ela revelou ainda que, a princípio, não sabia bem como usar as redes, mas percebeu a importância da ferramenta e se esforçou para aprender. “Eu fui relutante, mas aí comecei a fuçar, fui no YouTube, falei com a minha amiga que é social media”, contou.

“Eu acho que a rede social foi o grande boom da tattoo, no sentido de a gente melhorar o nosso trabalho porque começou a ver o trabalho dos colegas. Eu lembro quando eu comecei a ver trabalhos de colegas que eu nunca veria pes-



Foto: Roberto Quevedes

Dini: “É necessário investir tempo para atrair clientes”



Rede social não vende. O que vende são as pessoas, a credibilidade, as conexões

Lula Carvalho

soalmente, que são de outros países e eu disse ‘nossa, isso é incrível’, e a partir dali você aprender também com aquilo”, comentou Dini.

Somente on-line

A taróloga Wilka Barbosa começou o negócio on-line durante a pandemia de Covid-19. Ela divulga pelo Instagram serviços como consulta de tarô, limpeza energética e realinhamento de chakras. Este último é realizado por chamada de vídeo, enquanto os outros ocorrem pelo Whatsapp.

“Eu diria que 80% dos

meus consultantes (como ela chama os clientes) vêm do Instagram. Os outros 20% vêm de indicação de alguém que já se consultou comigo”, afirmou Wilka. Além do Instagram, ela também possui um site e contou que, recentemente, está expandindo para o YouTube. “Eu mando fotos das cartas, áudios, assim a pessoa pode consultar depois caso esqueça algo que falei”.

“Quem quer vender on-line tem que expandir para outras redes, tem que ser visto em todas elas se você quer que seu negócio chegue a mais gente”, comentou.

Wilka explicou ainda que, embora as redes sociais sejam seu principal canal de vendas, ela não se preocupa em produzir conteúdo diariamente. “Posto com frequência, mas não todos os dias”, contou. Além disso, o tarô não é o único assunto abordado por ela em suas redes sociais. “Sou doutora em Sociologia e um dos pontos que eu venho tratando com a minha audiência é justamente as nossas relações sociais através do afeto”.

Não se vende sozinha

O publicitário e corretor de imóveis Lula Carvalho destacou que as redes sociais funcionam como uma vitrine, chamando a atenção dos clientes para os produtos ou serviços ofertados, mas não garantem a venda. “O que vende são as pessoas, a credibilidade, as conexões. Rede social não vende, rede social é meio”, atestou.

Ele disse que a presença nas redes sociais é imprescindível, mas o profissional precisa saber finalizar a venda. “É importante estabelecer conexões e puxar o cliente para o ambiente físico, convidar para visitar o imóvel”, aconselhou.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

A saúde e o ovo da Páscoa

“A saúde e o ovo de Páscoa” desdobra-se em um contexto em que o consumo de ovos de Páscoa se torna um símbolo para discutir conceitos mais amplos de saúde física, financeira e a importância do planejamento financeiro. Vamos explorar como esses elementos se entrelaçam e as lições que podem ser extraídas dessa analogia festiva.

O simbolismo dos ovos de Páscoa. Os ovos de Páscoa, tradicionalmente feitos de chocolate, são mais do que simples confeitados; eles representam renovação e celebração. No entanto, por trás de seu apelo festivo, esconde-se uma dualidade significativa: o prazer imediato e as consequências de longo prazo. Assim como o consumo exagerado de chocolate pode afetar a saúde física, o gasto impulsivo em ovos de Páscoa pode refletir um padrão mais amplo de comportamento financeiro que necessita de avaliação e ajuste.

O chocolate, componente central dos ovos de Páscoa, é conhecido por seus benefícios à saúde, como a melhora do humor e a oferta de antioxidantes. No entanto, o consumo excessivo pode levar a problemas como ganho de peso, diabetes tipo 2 e doenças cardíacas. Essa ambiguidade ressalta a necessidade de moderação e conscientização sobre nossas escolhas alimentares, traçando um paralelo com a forma como devemos gerenciar nossos recursos financeiros.

Inflação e o impacto financeiro dos ovos de Páscoa. O preço dos ovos de Páscoa, frequentemente influenciado pela inflação, pode variar significativamente de um ano para outro. Isso serve como um microcosmo da economia maior, onde os preços dos bens e serviços flutuam, afetando o poder de compra. A aquisição de ovos de Páscoa torna-se, assim, uma janela para entender a inflação e seu impacto no orçamento familiar, exigindo planejamento e adaptação às condições econômicas em mudança.

O ato de comprar ovos de Páscoa pode representar um dilema maior entre gratificação imediata e bem-estar financeiro de longo prazo. A tentação de adquirir produtos caros ou em quantidade excessiva reflete desafios comuns no planejamento financeiro pessoal, como a gestão de desejos imediatos em face de metas futuras. Assim, o consumo consciente desses produtos sazonais ilustra a importância de um orçamento equilibrado e de decisões de compra ponderadas.

Estratégias para um equilíbrio saudável.

Para navegar com sucesso entre os prazeres e as armadilhas que os ovos de Páscoa representam, algumas estratégias podem ser adotadas:

Orçamento e priorização: Determine antecipadamente quanto pode ser gasto em ovos de Páscoa, considerando outras despesas essenciais. Priorize a qualidade em vez da quantidade, optando por opções mais saudáveis e sustentáveis.

Comparação de preços e ofertas: Busque ofertas e compare preços antes de fazer compras, aproveitando promoções e descontos para obter o melhor valor.

Alternativas caseiras: Considere fazer ovos de Páscoa em casa, o que pode ser mais econômico e proporcionar uma experiência significativa e personalizada.

Conscientização sobre consumo: Reflita sobre o significado do consumo de ovos de Páscoa e como ele se encaixa em um estilo de vida mais amplo e saudável.

O consumo de ovos de Páscoa encapsula uma série de considerações sobre saúde física e financeira, bem como a necessidade de planejamento financeiro. Ao equilibrar o desejo de celebrar a tradição com a responsabilidade de manter a saúde e a estabilidade financeira, podemos extrair lições valiosas dessas práticas sazonais. Assim, a Páscoa não é apenas um momento de celebração, mas também uma oportunidade para praticar o consumo consciente e o planejamento estratégico, garantindo o bem-estar em todas as facetas da vida.



Foto: Ortilio Antônio

Bruno: “Consegui em um ano o que eles demoraram quase 10 fazendo à moda antiga”



Foto: Freepik

Profissionais têm discutido a regulamentação da relação com os apps: aprovam o ganho de direitos, mas discordam das taxas a pagar e limites de horas que podem trabalhar

MOTORISTA DE APP

TRT recebe mais de 1,4 mil processos

Desembargadora diz que trabalhadores cobram verbas rescisórias e explicações por bloqueio das empresas

De acordo com dados registrados no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba - 13ª Região (TRT-13), foram recebidos na primeira instância em 2023, 807 processos contra a "Uber" e 652 contra a "99 Táxi". A situação de litígio entre os motoristas e as empresas de aplicativo vem aumentando.

Segundo a desembargadora e vice-presidente do TRT-13, Hermenegilda Leite Machado, houve um aumento entre os anos de 2022 e 2023 das ações contra essas empresas. "Os principais pedidos eram ou de reconhecimento de vínculo com pagamento das respectivas verbas rescisórias ou mesmo um pagamento das verbas, mas nenhum pedido explícito de reconhecimento do vínculo", pontuou.

Além desses, também existem algumas outras situações em que os motoristas pedem a reconexão deles com a plataforma, uma vez que foram desligados do programa de maneira unilateral, "muitas vezes eles são cortados", explicou a desembargadora.

A assinatura do Projeto de Lei (PL) que regulamenta o trabalho realizado por motoristas de aplicativo, aconteceu no início do mês e o texto tem o prazo de 45 dias para ser analisado pela Câmara dos Deputados.

O número de motoristas de aplicativos está entre 15 mil a 20 mil, segundo o vice-presidente do Sindicato dos Motoristas de Transporte Individual de Passageiro por Aplicativo da Paraíba (Simtrapli-PB), Brenno Gomes.

Opiniões

O motorista de aplicativo e presidente do Conselho Municipal dos Entregadores e Moto Úbers de João Pessoa e Região Metropolitana (CME-JP), Leo Martins, revelou que sente a necessidade de uma regulamentação, mas não apoia todos os pontos previstos no PL assinado no início do mês pelo Governo Federal.

Ele acredita, por exemplo, que a regulamentação possa solucionar questões como

■ **Motoristas têm se mostrado insatisfeitos com o limite de horas de trabalho previsto**

o bloqueio sofrido por muitos condutores pelos aplicativos e a falta de amparo em casos de acidentes. "Muitos pais e mães de família, hoje, são prejudicados porque são bloqueados do nada. A gente não tem uma resposta do aplicativo. Nesses casos, precisamos recorrer judicialmente", explica.

Por outro lado, Leo discorda da limitação na quantidade de horas da jornada de trabalho proposta para ser de 8 a 12 horas. "Muita gente está achando ruim porque querem um dinheiro a mais e têm disponibilidade para rodar por mais horas. Com a limitação determinada, vão ficar impedidos de trabalhar o tanto que quiserem".

No entanto, a taxa de contribuição para Previdência é que tem sido o ponto mais comentado do projeto. Para o presidente do CME-JP, é um valor muito alto a ser pago pelos trabalhadores dos apps. A resolução diz que o prestador pagará 7,5% sobre "salário de contribuição", enquanto a empresa pagará 20%.

Ele também acredita que o valor pago pelos apps será descontado de alguma forma nos consumidores e motoristas, acarretando em corridas mais caras e menores taxas de repasse aos condutores.

Brenno Gomes criticou a forma como a hora trabalhada é contabilizada. "A partir do momento que o motorista liga o aplicativo ele já está à disposição da plataforma - e não quando o passageiro está dentro do carro. Pode demorar uma, duas horas para entrar um passageiro no carro, vai depender da plataforma", reclamou o sindicalista.

Proposta garante pacote de direitos

O Projeto de Lei Complementar 12/24 regulamenta o trabalho de motorista de aplicativo para transporte de passageiro. O objetivo, segundo o Poder Executivo, é garantir aos motoristas de aplicativos um pacote de direitos trabalhistas e previdenciários sem interferência na autonomia que eles têm para escolher horários e jornadas de trabalho. A proposta não inclui entregadores que prestam ser-

viço por aplicativo.

A remuneração mínima para os trabalhadores, pelo projeto, é proporcional ao salário mínimo atual, de R\$ 1.412. Foi fixada em R\$ 32,10 por hora trabalhada, entendida como o período das corridas e não aquele "em espera". Desse total, R\$ 8,03 são referentes aos serviços prestados. Os outros R\$ 24,07 serão para cobrir custos (celular, combustível, manutenção do veículo, seguro, etc).

Assim, um trabalhador que trabalhar 8 horas por dia em 20 dias no mês receberá, no mínimo, R\$ 5.136. Os valores serão reajustados mediante a valorização do salário mínimo por meio de aumentos reais vinculados ao Produto Interno Bruto (PIB, conforme Lei 14.663/23). As empresas não poderão limitar a distribuição de viagens quando o trabalhador atingir a remuneração horária mínima.

■ **Hora trabalhada é entendida como o período das corridas e não conta com o tempo "em espera"**

Saiba o que prevê o Projeto de Lei 12/24

Pela proposta, os motoristas passam a ser enquadrados como contribuintes individuais para fins previdenciários e serão classificados como "trabalhador autônomo por plataforma". O texto institui contribuições previdenciárias dos motoristas e das empresas operadoras de aplicativos, equivalentes a 7,5% (motoristas) e a 20% (empresas) do salário de contribuição (R\$ 8,03/hora). As operadoras ficarão responsáveis pelo recolhimento de ambas contribuições. Mulheres

motoristas de aplicativo terão direito a auxílio-maternidade.

Atualmente, o motorista de aplicativo que quer algum benefício previdenciário tem que pagar o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) como Microempreendedor Individual (MEI). Porém, essa contribuição não é obrigatória.

Jornada

A jornada de trabalho será de 8 horas diárias, podendo chegar ao máximo de 12 horas em uma mesma plataforma. A proposta não prevê acordo de exclusividade. O motorista poderá trabalhar para quantas plataformas desejar e terá autonomia para organizar o tempo e horários de trabalho. Pode continuar conciliando atividades profissionais com outras responsabilidades, sem abrir mão de direitos e benefícios.

Transparência

Os motoristas receberão relatórios mensais com detalhes de horas tra-

balhadas, remuneração total, pontuação, suspensões ou exclusões. As informações deverão ser claras e acessíveis, incluídos dados sobre como a remuneração é calculada. A proposta também indica que os trabalhadores só poderão ser excluídos pelas empresas de forma unilateral em casos de fraudes, abusos ou mau uso da plataforma, garantido o direito de defesa.

Sindicato

Os motoristas serão representados por sindicato nas negociações, assinatura de acordos e convenção coletiva, em demandas judiciais e extrajudiciais. Atualmente, não há uma mesa de negociação entre as partes que permita a apresentação de reivindicações coletivas da categoria.

Benefícios ou direitos não previstos na proposta, como plano de saúde, seguro de vida ou horas extras, poderão ser negociados no acordo coletivo. Além disso, o que for acordado em convenção coletiva não poderá ser

desfeito por meio de acordos individuais.

Motoristas

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, o país tinha 778 mil pessoas trabalhando em aplicativos de transporte de passageiros, o equivalente a 52,2% dos trabalhadores de plataformas digitais e aplicativos de serviços.

Grupo de trabalho

A proposta de projeto de lei é resultado de grupo de trabalho, criado em maio de 2023, com a participação de representantes do Governo Federal, trabalhadores e empresas, e que foi acompanhado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Ministério Público do Trabalho (MPT).

Próximos passos

A proposta será examinada em regime de urgência constitucional. Assim, ela passará a impedir a análise de outras propostas caso não seja votada até 29 de abril.

Autônomo

Motorista poderá trabalhar para quantas plataformas desejar e terá autonomia para organizar o tempo e horários de trabalho

PROJETO DE PESQUISA

ONU usará plataforma criada na PB

Inteligência Artificial voltada ao acesso a energia sustentável será produto piloto para iniciativa internacional

Márcia Dementshuk
Ascom Secties

Um projeto de pesquisa científica financiado pelo governo da Paraíba por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties/Fapesq-PB) e realizado no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolve a construção de uma plataforma de inteligência digital voltada ao acesso de uma energia justa e sustentável. A plataforma Enetrix é idealizada por pesquisadores paraibanos e será o produto piloto para um projeto internacional do Instituto das Nações Unidas para Treinamento e Pesquisa (Unitar/ONU).

O secretário da Secties, Claudio Furtado, declarou que o Governo da Paraíba tem investido no potencial dos seus pesquisadores e na capacidade na área de ciência, tecnologia e inovação. O esforço faz com que ações como a da Enetrix possibilite o desenvolvimento na Paraíba de uma plataforma que faz o levantamento de todos os projetos na área de energia, acordos, legislação, que estão em desenvolvimento



Fotos: Mateus de Medeiros/Divulgação

Coordenador-geral do projeto, Iure Paiva (à esquerda), da UFPB, destaca que iniciativa entende a “globalidade do mundo”

ou já foram desenvolvidos no Nordeste, no Brasil, e está sendo ampliado para outros países. “Isso é muito importante para a questão de pesquisa: foi reconhecido pela sociedade como trabalho extremamente importante, sendo incorporado pelo Unitar, pela ONU. Isso mostra que investir em boas

ideias de pesquisadores no estado tem retornos imediatos”, afirma Furtado.

De acordo com o secretário, foi investido em bolsas de pesquisa científica e auxílio a pesquisadores cerca de R\$ 500 mil, efetivado por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba. Um investimento

voltado ao tratamento de um problema tão fundamental na atualidade que é a questão da energia.

Segundo Iure Paiva, do departamento de Relações Internacionais da UFPB e coordenador-geral do projeto, o governador João Azevêdo, ao lado do secretário da Secties,

Cláudio Furtado, examinou a perspectiva de desenvolver uma tecnologia que interessa à Paraíba, mas de utilidade para o mundo.

“É, de fato, não estar preocupados apenas com as questões locais, mas entender a globalidade do mundo”, afirma Iure Paiva.

“
Isso é muito importante para a questão de pesquisa: foi reconhecido pela sociedade como trabalho extremamente importante, sendo incorporado pelo Unitar, pela ONU. Isso mostra que investir em boas ideias de pesquisadores no estado tem retornos imediatos

Claudio Furtado

Projeto vai ser lançado em Nova York, no Data Diplomacy Academy

A Paraíba está construindo um protagonismo na diplomacia energética internacional. No dia 26 de março o projeto será lançado no “Data Diplomacy Academy (DDA)” na ONU, em Nova York. O evento trata sobre o desenvolvimento de soluções tecnológicas, publicação de estudos, cursos de capacitação, eventos temáticos e estabelecimento de parcerias, com envolvimento da ONU.

Será criado um espaço permanente na ONU voltado a promover soluções em ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento da diplomacia multilateral. A ação será coordenada e executada em conjunto com o Unitar, parceiro estratégico internacional da plataforma Enetrix, que participa na execução e disseminação mundial do projeto, com a UFPB e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

“O projeto interessa ao Unitar porque o mesmo engarrega que com essa ferramenta as negociações internacionais no âmbito de energia tem a capacidade de avançar um outro patamar. Antes as informações estavam perdidas, complicado para reuni-las; agora estarão acessíveis e acessáveis de forma inteligível”, explica Paiva.

A justiça é exemplificada em um caso dado como exemplo, da representatividade do país de Fiji (Oceania), que tem apenas três representantes diplomáticos para trabalhar na ONU, enquanto os Estados Unidos têm mais 150.

Para obter uma informa-

Estudos
Evento aborda o desenvolvimento de soluções tecnológicas e inclui publicação de estudos e cursos de capacitação, com envolvimento da ONU

ção estratégica, Fiji teria que destacar muitos recursos humanos, muito tempo e recurso financeiro. Com a plataforma, tanto o Estados Unidos como Fiji terão acesso em nível de igualdade. Esse é um componente de justiça; vai trazer maior equilíbrio para o conhecimento para as negociações internacionais.

“É uma visão de impacto porque não é uma questão de apenas dar acesso à informação, no sentido de ter transparência, mas também criar uma condição para acompanhar o desenvolvimento da nossa diplomacia”, considera Paiva.

Cooperação energética

A plataforma Enetrix integra o projeto científico “Soluções em Data Diplomacy aplicadas ao desenvolvimento da cooperação energética na Paraíba e no Mundo”. Foi destaque na 1ª Conferência Livre: Soluções em ciência, tecnol-

ogia e inovação aplicadas ao desenvolvimento da diplomacia energética brasileira e internacional. O evento ocorreu na última semana em João Pessoa (PB) e é preparatório para a 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação.

É uma ferramenta que está se expandindo para o mundo, porque assim como se tem acesso às fontes dos acordos do Brasil é possível buscá-los em outros países. Um dos apoios dados pelo Unitar é articular os contatos nos países para compreender o sistema de informação aberta gerado pelo país e trazê-lo para a plataforma.

Segundo Paiva já foram mapeados mais de 40 países nos cinco continentes. Portanto, haverá informações globais a partir de dados abertos. Há um compromisso com a transparência, com o acompanhamento das políticas e sua eficácia, conforme observa o pesquisador: “Nós temos o compromisso com uma diplomacia inclusiva, justa e sustentável. A aplicação desses elementos na sociedade será detectada pela ausência ou pela presença. A ferramenta vai permitir observar se nós temos esses elementos presentes ou não”.

Paiva explica que é uma tecnologia libertadora e transformadora. O que representa a diplomacia energética está na atitude de como os estados dialogam entre si, organizações internacionais e outros atores de modo que a gente consiga vislumbrar como os países e as organizações se comportam.

IA ajuda a melhorar interatividade das máquinas com o ser humano

A parte de desenvolvimento digital é realizada pelo laboratório de inteligência artificial Aria, também da UFPB. Segundo a pesquisadora Yuska Aguiar, do Aria, por mais que o público-alvo final seja especializado, a plataforma não é restritiva a esse público; e mesmo esse público vai ter demandas diferentes. Por isso, é necessário conhecer as demandas.

Rafael Magalhães, pesquisador no Aria, salienta que o grupo de pesquisa identificou outros interessados na busca como informações, além da gestão pública: “A indústria tem interesse nessas informações para direcionar os investimentos, abrir mercados; o terceiro setor, organizações da sociedade civil terão um olhar mais atento à necessidade humana e social. E a inteligência

artificial trata esse conjunto todo de informação”.

Os pesquisadores tentam identificar esses perfis e moldar a interação, com possibilidade de configuração de personalização, e guiando o usuário para os seus objetivos. “A gente vai estar numa tendência muito voltada para as interfaces naturais, esclarece Yuska, “é utilizar os recursos que os humanos usam: conversar com a ferramenta, por exemplo. Como é que eu uso a minha linguagem natural para fazer uma pergunta? A resposta que a ferramenta me dá é útil? ela se apresenta de uma forma fácil de compreender de correlacionar as informações?”

A acessibilidade também passa pelo aspecto mais abrangente, como por exemplo incluindo recur-

sos de leitores de tela para as pessoas não videntes e recursos de libras para as pessoas não ouvintes.

O desafio é garantir que o dado seja seguro do ponto de vista de confiabilidade. E Yuska Aguiar retoma o fato de que existe uma diferença muito grande entre o dado ou a informação estar disponível e acessível. A inteligência artificial começa a atuar na consolidação de diferentes repositórios fazendo cruzamento dos dados para obter a informação. “É o que vai dar a possibilidade de auxiliar na tomada de decisão mais assertiva. A inteligência artificial vem permitir essas flexibilizações dentro de conjunto muito grande de dados. E a plataforma vai se expandir conforme for ampliando para outros países”.



Yuska Aguiar e Rafael Magalhães, do laboratório de inteligência artificial Aria, da UFPB

AQUECIMENTO GLOBAL

Cresce risco de doenças provocadas por insetos

Altas temperaturas ocasionam reprodução desordenada em áreas urbanas

Anderson Lima
Especial para A União

Os desequilíbrios ambientais, provocados pelas mudanças climáticas e pelas ações humanas, estão entre os maiores desafios enfrentados pela humanidade, ameaçando, inclusive, sua própria existência. Desempenhando papéis cruciais no equilíbrio do ecossistema e na promoção da biodiversidade, alguns grupos de insetos – como borboletas, besouros, entre outros – já sentem os impactos das altas temperaturas.

A movimentação de borboletas, que ocorreu recentemente em diversos pontos de João Pessoa, é um exemplo disso. Embora possa fazer parte da migração sazonal da espécie, o processo pode ter sido reforçado pelos extremos climáticos, como explica o professor do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alexandre Pereira Colavite.

“Algumas possíveis considerações incluem migração sazonal. Assim como acontece com outras espécies, as borboletas amarelas (da família *Pieridae*), realizam migrações sazonais em busca de condições ideais para reprodução, alimentação e sobrevivência ou, ainda, por aumento na densidade populacional em desequilíbrio, provocado pelos extremos climáticos, com o aumento das chuvas e das temperaturas”, analisa o professor da UFPB.

Alessandre Colavite ressalta, ainda, que o aquecimento global e as altas temperaturas impactam diretamente os hábitos dos insetos, gerando sua expansão em áreas incomuns. “As mudanças climáticas ocasionam, principalmente, a expansão de insetos em novas áreas, uma vez que as temperaturas elevadas criam ambientes propícios para a sua proliferação. Além disso, o aquecimento causa a extinção de faunas

locais que não se adaptam às novas condições. Em geral, os grupos de insetos têm a sua capacidade reduzida de migrar para novas regiões”, alerta.

Outra questão que tem afetado os hábitos dos insetos é o crescimento desordenado das cidades e a expansão das construções, facilitando, cada vez mais, a aparição de insetos, dos mais diversos, no ambiente urbano. “O crescimento da cidade facilita o aparecimento de insetos que são característicos de ambientes antropizados, isto é, que foram modificados pelo homem, ou antropofílicos, que têm tendência a se alimentar de humanos, a exemplo do mosquito da dengue (*Aedes aegypti*)”, complementa Colavite.

Em João Pessoa, há diversas áreas de preservação, com uma variedade de insetos que podem trazer benefícios e malefícios para a sociedade, dependendo do ambiente. Alexandre Colavite explica que os polinizadores, predadores, de-

compositores, parasitoides e parasitas coexistem nessas áreas sem oferecer riscos para a população. Mas, para que isso aconteça, é necessário que o meio ambiente esteja em harmonia.

Já em ambientes desequilibrados, os insetos se reproduzem de forma desordenada, aumentando os riscos de transmissão de doenças. “Os insetos mais comuns na matriz urbana, excluindo-se as matas, são os insetos que apresentam elevados valores de sinantropia: mosquitos transmissores de doenças, moscas, formigas, baratas e algumas borboletas e mariposas, sobretudo as que agem como pragas, como lagartas”, conclui o professor.

Prejuízos à saúde e à agricultura

Em um ambiente desequilibrado, os insetos modificam seus hábitos e passam a se proliferar de forma desordenada e, algumas vezes, perigosa, com consequências para a agricultura e para a saúde pública. “O aumento das temperaturas pode acelerar o ciclo de vida, a aceleração da maturação e, conseqüentemente, a taxa de profleração, interferindo nos padrões sazonais de reprodução e causando um desajuste no ecossistema”, destaca o chefe da Divisão de Fauna da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Leandro Silvestre.

Ele ressalta ainda, que as alterações das temperaturas podem expandir áreas adequadas para sobrevivência de espécies, aumentando, assim, as oportunidades de reprodução. Em contrapartida, as mesmas condições climáticas podem impactar no sentido de diminuição de reprodução e sobrevivência das espécies,

o que também acomete desequilíbrio no ecossistema, a exemplo do mosquito transmissor dengue, zika e chikungunya.

“Os insetos participam ativamente da polinização, decomposição da matéria, dispersão de sementes e produção de alimentos, como o mel, ao mesmo tempo em que participam das cadeias tróficas de outros animais. Quando o meio ambiente está em desequilíbrio, diversas espécies, que viviam em harmonia, tornam-se prejudiciais ao homem. O próprio *Aedes aegypti*, por exemplo, vem causando a morte de centenas de pessoas, todos os anos. Recentemente, mariposas do gênero *Hylesia* foram associadas a um surto de lesões de pele que provocam coceira”, resume.

A Sudema atua nos processos de licenciamento de empreendimentos que possuem grande potencial poluidor, onde é necessária a realização de um le-

vantamento de artrópodes, que são bichos que possuem patas articuladas, uma carapaça protetora externa, que também inclui os insetos. Segundo Leandro Silvestre, o estudo desses grupos é necessário para identificar espécies sensíveis e relevantes para a saúde pública.

Biólogo alerta para ações emergenciais

Para o biólogo da Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), Cláudio Almeida, uma das saídas emergenciais para o controle dos insetos é sua eliminação da vida urbana. Mas, antes, é preciso levar em consideração alguns fatores. “Depende do tipo de inseto, do risco que ele representa para a saúde pública, sua interferência nas atividades humanas e seu impacto no ecossistema local. No caso do mosquito da dengue e de outros insetos vetores de doenças, o controle de sua população pode ser crucial para a saúde pública”, explica.

Claudio defende, ainda, ações urgentes contra o desmatamento, paralelamente aos investimentos em reflorestamento. “Em áreas desmatadas, esses insetos migram para as habitações humanas. Por outro lado, as áreas verdes são ambientes propícios para hábitos equilibrados de reprodução, criando, assim, habitats diversificados que mantêm esses insetos sob controle, já que há predadores naturais para eles. Isso reforça a necessidade de manutenção de áreas verdes em ambiente urbano”, reforça o profissional.

Acervo digital de borboletas

Um projeto de extensão da UFPB tem incentivado o estudo dos hábitos dos insetos e suas espécies. Liderado pelos professores do curso de Biologia, Alexandre Colavite e Antônio Creão Duarte, desde outubro de 2023, o Lepidoptera da Mata Atlân-

tica tem como foco a criação de um acervo digital de borboletas. Para tanto, os estudantes exploraram o Laboratório de Entomologia e armazenam as informações na Coleção Entomológica da universidade.

O estudante de Biologia, Eduardo Vasconcelos Tavares, é um dos pesquisadores do laboratório que trabalha na organização da coleção de borboletas. Para ele, compreender as espécies e seus hábitos pode ajudar a entender o meio ambiente. “Algumas borboletas da família *Pieridae*, que são as tradicionalmente brancas e amareladas, movimentam-se em grupos, por exemplo. Essa movimentação excessiva está associada a ciclos migratórios e ao nascimento sincrônico desses bichos, que é natural e está ligado ao período do ano e aos ciclos de chuva”, resume o estudante.



Gigante

Encontrado na Amazônia, o besouro *Titanus giganteus* é o inseto mais pesado

“

Quando o meio ambiente está em desequilíbrio, diversas espécies, que viviam em harmonia, tornam-se prejudiciais ao homem

Leandro Silvestre

No início deste mês, as borboletas amarelas “invadiram” diversas áreas de João Pessoa, em busca de ambiente propício para reprodução

BOSCO CRISPIM

Futsal paraibano se orgulha da base

Dirigente mostra dificuldades que a modalidade enfrenta e lamenta a não realização de torneios adultos no estado

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

O futsal paraibano tem muito do que se orgulhar de sua base. Times do estado sempre trazem títulos nacionais nas categorias entre 8 e 19 anos. A tradição de nomes como o Cabo Branco, Apcef, AAPB e Campestre atravessa as fronteiras dos estados e chega em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e todos os cantos do Brasil. No entanto, esse poderio do futsal de base paraibano parece não vingar. As categorias adultas não sustentam o viço da base, e a Paraíba não é lembrada como a potência que poderia ser.

Esse não cumprimento do potencial do esporte no profissionalismo sempre incomodou Bosco Crispim. Há mais de 20 anos dirigindo a Federação Paraibana de Futsal, Bosco se ressentia da falta de destaque, em nível nacional, do qual o estado sofre, e que, segundo ele, se reflete para toda a região. “O Nordeste é desprezado. Não temos campeonatos nacionais adultos na região. A gente traz muitos torneios de base, mas o adulto, não”, afirma.

Nas categorias de base o problema parece não existir. Só neste ano, os campeonatos brasileiros do sub-8 e sub-14 acontecem em João Pessoa. “O sub-8 vai ser em julho e o sub-14 em setembro. A gente corre atrás, sempre, para fazer isso acontecer. Eu tenho uma influência muito positiva dentro da Confederação, e acredito que posso usar isso a favor do Nordeste como um todo, não só da Paraíba”, afirma o dirigente.

Talentos internacionais

Com todas as dificuldades de visibilidade, o estado continua fazendo bonito no esporte. Hoje 42 atletas paraibanos, entre 8 e 12 anos, estão espalhados nas bases de grandes clubes brasileiros. Cruzeiro, Palmeiras, São Paulo, Fluminense são alguns dos destinos dos jovens paraibanos. A maioria deles não segue nas quadras. O destino final destes talentos acaba sendo os gramados.

Este foi o destino, por exemplo, de Matheus Cunha, que, hoje, joga a Premier League pelo Wolverhampton e compõe a Seleção Brasileira de Futebol. Começou no futsal paraibano e, hoje, brilha no mundo todo.

“Não só ele. Tem o Otávio também, que jogava nas nossas quadras e hoje divide o campo com Neymar no Al-Hilal e com Cristiano Ronaldo, na Seleção Portuguesa. Este é o caminho natural dos melhores jogadores. Você pode ver. Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Neymar. Todos eles começaram no futsal e se tornaram ídolos no campo”, enumera.

A quadra oferece aos jogadores um cenário perfei-

“

O Nordeste é desprezado. Não temos campeonatos nacionais adultos na região. A gente traz muitos torneios de base em diversas categorias, mas o adulto, não

Bosco Crispim



Bosco Crispim, além de presidente da Federação Paraibana de Futsal, comanda a Associação das Federações Esportivas

to para o desenvolvimento de capacidades e características que o campo não vai conseguir desenvolver. Por ser um cenário muito menor, e com uma dinâmica muito mais rápida, o nível de exigência dos jogadores acaba sendo maior. A necessidade de ser inventivo, rápido, criativo é muito maior.

“Por isso mesmo os jogadores são formados com mais talento. A adaptação da quadra para o campo gera atletas com mais capacidade de driblar, fintar, com chute mais forte, tomada mais rápida de decisão. A quadra ensina o campo, e forma os melhores jogadores sempre”, explica Bosco, que já foi campeão mundial no futsal, e aqui na Paraíba.

Copa do Mundo

Em 2000, a cidade de João Pessoa sediou a Copa do Mundo de Futsal Universitário. A competição reuniu representantes de 11 países e a grande final aconteceu no Ginásio Ronaldão. Para manter a tradição em grandes competições mundiais, um Brasil x Itália, daqueles cheios de história e rivalidade. Bosco era o técnico da seleção brasileira, e sabia muito bem o que estava fazendo.

Até ali já eram 26 anos de história no futsal, 11 deles como jogador. Os outros 15 como técnico. Naquela final ele estava em seu ápice, seu maior momento como atleta. “Eu sempre fui um técnico mais silencioso. Não sou de gritar em quadra. Meus

atletas sabem muito bem o que precisam fazer no campo. Eu os treinei, preparei para todas as situações. Eles só precisam fazer o que sabem”, afirma o técnico.

A disciplina ensinada durante os treinos deu certo e o Brasil se sagrou campeão daquela edição, com um 6x2 sobre os italianos. “Foi um grande momento, que eu guardo no coração. O Brasil tem uma dominância no futsal mundial, como sempre teve no campo. Ainda hoje somos uma das grandes referências internacionais”, afirma o ex-treinador.

Dirigente

Desde 2006 ele se dedica exclusivamente ao trabalho como dirigente do fut-

sal paraibano. Já está em seu quarto mandato à frente da Federação, e no segundo mandato à frente da Associação das Federações Esportivas, uma entidade que reúne as direções de federações do estado, com o intuito de agilizar fechamento de contratos com o poder público.

“A gente consegue evitar, com a associação, uma série de burocracias que poderiam gerar casos de corrupção. Para os Jogos Escolares, por exemplo, conseguimos contratar com o Estado para que o trabalho seja integrado. São muitas modalidades, e o estado é obrigado a fazer licitações onde o preço às vezes sobrepuja a expertise que as federações oferecem.

Então, com a associação, a gente consegue fechar estes contratos de forma mais direta com estado, prefeituras e Governo Federal”, explica.

À frente da Federação Paraibana de Futsal, com mais de 50 anos de história no esporte, títulos nacionais e internacionais, Bosco é considerado uma referência na Confederação Brasileira de Futsal. “A experiência pesa. As pessoas conhecem a história da gente, e sabem do nosso compromisso com o esporte. Eu quero muito que o futsal brasileiro cresça. Espero que haja, a partir de algum momento, um olhar para o Nordeste, para que possamos fazer surgir grandes talentos aqui na nossa região”, concluiu.



Segundo presidente da FPF, os campeonatos nacionais Sub-7 e Sub-8, este ano, vão acontecer na cidade de João Pessoa, entre julho e setembro

DIREITO DE IMAGEM

Jogador recebe até 40% do salário

Valor é considerado adicional, pago “por fora”, ainda que previsto contratualmente, tudo regido pela CLT



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Jogadores de futebol profissional têm o direito de receber, além do salário registrado na carteira de trabalho, um adicional pelo uso da imagem em jogos dos mais variados campeonatos

Agência Estado

Dívidas por não pagamento de direitos de imagens costumam figurar no noticiário esportivo. São valores acertados em contrato entre jogador e clube. Eles envolvem participação de atletas nos lucros obtidos pelo uso da imagem deles. O direito sobre a própria imagem é assegurado pela Constituição Federal e tem o uso sem autorização proibido por meio do Código Civil. Historicamente, diferentes leis e decisões judiciais mudaram a compreensão sobre o tema.

A quantia, mesmo que acertada em contrato, não se

trata de salário. É considerada um valor adicional, pago “por fora”, ainda que previsto contratualmente. A contratação e remuneração dos jogadores são regidas pelo regime CLT, com carteira assinada

Isso é pago diretamente ao atleta enquanto pessoa física. A Lei Geral do Esporte prevê que um jogador pode receber, no máximo, 40% do salário em imagem. Um jogador que recebe, por exemplo, R\$ 1 milhão pode, então, receber até R\$ 400 mil pelos direitos de imagem

Os valores costumam ser recebidos por uma empresa (pessoa jurídica). O CNPJ ser-

ve de intermediário e é permitido que a pessoa jurídica transfira o dinheiro para o jogador, enquanto pessoa física. Isso impacta na tributação.

O Imposto de Renda pode cobrar até 27,5% do salário de um trabalhador. Já a cobrança de empresas por exploração de imagem tem taxa de 14,53% do total faturado. Porém, pessoas físicas não sofrem cobrança de rendimentos por direitos de imagem. Se o valor for transferido da pessoa jurídica ao jogador, portanto, não há cobrança de imposto.

A Receita Federal já se posicionou contra essa prática.

O entendimento é que o direito de imagem não pode ser explorado por uma pessoa jurídica e considera que esse pagamento constitui pagamento salarial, já que é relacionado ao vínculo trabalhista de atletas com os clubes. O Fisco entende que a operação é uma simulação, que omite rendimentos tributáveis por parte da pessoa física, como se os rendimentos salariais estivessem “disfarçados”.

Neste sentido, a Advocacia-Geral da União (AGU) já alegou que a prática era “dissimulação” da verdadeira relação de emprego para driblar as obrigações tribu-

tárias. Em julgamento de dezembro de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou, por 8 votos a 2, a prática como constitucional, o que possibilitou que atletas continuassem a receber por direitos de imagem por meio de pessoas jurídicas.

A relatora foi a ministra Cármen Lúcia, que argumentou que a relação de clubes com empresas que representam jogadores deve ser compreendida como outros vínculos jurídicos entre prestadores de serviços e empresas, com mínima interferência na li-

berdade econômica. Isso não permite, contudo, que todas as atividades de atletas possam ser intermediadas por pessoas jurídicas a fim de evitar tributos pessoais. Trata-se apenas da regularização da forma que os direitos de imagem são negociados

Em 2023, o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf) passou a compartilhar desta compreensão. Até então, o órgão tinha histórico de posicionamento contrário à possibilidade de transferência desses valores entre empresas e pessoas físicas e era favorável à tributação.

Direito é intransferível e inalienável, de acordo com a Constituição Federal

Agência Estado

Antes mesmo da compreensão esportiva, direitos de imagem são previstos na Constituição Federal e Código Civil. A Lei Pelé, instituiu, em 1998, a propriedade do atleta sobre seu nome e apelido utilizado no meio esportivo. Em 2011, uma alteração na lei passou a prever que o uso da imagem pode ser cedido ou explorado.

A Constituição Federal e o Código Civil colocam o direito de imagem como “intransferível” e “inalienável”. Uma interpretação do Direito defende que seja impedida a venda, renúncia ou cessão dos direitos de imagem de uma pessoa. Outra, pelo contrário, defende o licenciamento a terceiros para exploração econômica, como acontece entre jogadores e clubes.

O Superior Tribunal Judiciário (STJ) abordou a discus-

são em um caso marcante. Foi o pedido de indenização de dois filhos de Garrincha sobre o uso da imagem do jogador no filme Isto É Pelé, lançado em 1974, com produção da TV Globo e direção de Eduardo Escorel e Luiz Carlos Barreto. Em 2000, uma decisão concedeu aos dois herdeiros 10% dos ganhos obtidos com o filme em exibições e reproduções em te-

levisão ou cinema. O processo teve idas e vindas entre recursos no STJ e no Tribunal de Justiça do Rio.

O jogador não é obrigado a negociar os direitos de imagem. Neymar, por exemplo, não recebia valores do Paris Saint-Germain. Tudo que era pago referia-se ao salário do brasileiro. Isso não acontecia nos clubes anteriores, Santos e Barcelona. Ele manteve, assim, a gestão autônoma dos direitos de imagem, por meio de empresas ligadas ao pai. Marcas que queriam contar com o brasileiro precisavam negociar diretamente com essas companhias

Indenizações

Em 2021, uma editora foi condenada a pagar uma indenização de R\$ 10 mil ao atacante Otacílio Neto, que defendeu o Corinthians entre 2008 e 2012. Ele ingressou com ação no Tribunal



Foto: Divulgação/PSG

O atacante Neymar não recebia valores por direito de imagem do PSG, pois tudo que era pago referia-se ao salário do brasileiro, diferente de outros clubes

de Justiça de São Paulo por uma foto em um álbum de figurinhas do Corinthians, chamado de O campeão dos campeões, lançado em 2016

O caso foi julgado na 10ª Câmara de Direito Privado. O ex-palmeirense Alex também teve um caso contra a editora apreciado por esta Câmara. Ele pediu R\$ 25 mil em indenização pela publicação de sua imagem em um álbum de figurinhas que comemorava os 100 anos do Palmeiras.

O pedido foi negado. O entendimento dos desembargadores é de que o ex-jogador assinou um contrato

em que autorizou o uso da imagem no álbum de figurinhas até agosto de 2016. Alex alegou que o álbum continuou à venda após o prazo, o que careceu de provas no processo.

Casos contra a editora já envolveram outros atletas. Arce e Amaral também cobraram indenização pelo álbum O campeão dos campeões. David Braz, atualmente no Fluminense, já processou a editora quando ele ainda jogava pelo Flamengo. A editora alega que as imagens são dos atletas cumprindo funções previstas com os clubes.

Dívidas e punições

Quando um clube não cumpre com o pagamento, os jogadores também podem buscar a Justiça. Outro caminho é ingressar com processo na Fifa. Nesta última situação, uma punição possível é o transfer ban, medida que impede a inscrição de novos atletas por clubes inadimplentes até o pagamento da dívida. Há, ainda, possibilidade de o período de punição continuar por mais tempo, mesmo com o pagamento, a depender da interpretação da Fifa.

Vitória

Filhos de Garrincha ganharam uma ação pelo uso indevido da imagem do pai no filme Isto é Pelé, lançado no ano de 1974

ATLETAS MAIS RICOS

Cristiano Ronaldo já figura no Top 3

Lista é encabeçada pelo ex-jogador de basquete Michael Jordan, que tem um patrimônio de R\$ 18,6 bilhões

Agência Estado

Os aportes do Fundo de Investimento Público da Arábia Saudita (PIF, na sigla em inglês) no futebol do país mostram resultados em cifras e nos astros que chegam para tornar o campeonato local mais atraente. Cristiano Ronaldo foi um dos primeiros a fazer o movimento, quando se transferiu para o Al-Nassr.

Menos de um ano depois, ele saltou para o terceiro lugar do ranking de atletas mais bem pagos da história. A lista foi atualizada pelo Sportico, portal especializado em negócios do esporte, no último dia 7, e aponta apenas homens no Top 10.

O golfe saudita também recebeu impulsionamentos na LIV Golf, liga do país e uma das que mais paga no mundo. Três atletas do Top 10 da Sportico são golfistas. Tiger Woods é o segundo na

classificação geral, com fortuna de US\$ 2,66 bilhões (R\$ 13,23 bilhões). Além do golfe e do futebol, há atletas de basquete, tênis e boxe nos dez primeiros.

A lenda do basquete Michael Jordan ocupa o topo da lista. O ex-atleta assinou com a Nike em 1984, quando foi *draftado* pelo Chicago Bulls. Isso mudou o destino dele e da marca. Jordan acumula fortuna de US\$ 3,75 bilhões (R\$ 18,6 bilhões). Aposentado há 20 anos, ele continuou a faturar e chegou a ganhar ainda mais anualmente do que recebia enquanto jogador. Os valores de todos os ganhos dos atletas foram corrigidos pela inflação.

Nos 15 anos em que jogou, Michael Jordan só foi o jogador mais bem pago da NBA em duas temporadas. Durante a carreira nas quadras, ele acumulou US\$ 94 milhões (R\$ 467 milhões na cotação atual). O

astro ainda mantém parcerias com parceiros de longa data, como Gatorade, 2K Games, Five Star Fragrances e Upper Deck. A Nike é o principal, com estimativa de pagamentos em US\$ 250 milhões (R\$ 1,2 bilhão) por ano.

Anualmente, apenas Cristiano Ronaldo o supera, com faturamento de US\$ 275 milhões (R\$ 1,3 bilhão). Todos os 50 atletas que melhor recebem são de nove diferentes esportes e 17 países. Eles ganharam um total combinado de US\$ 50 bilhões (R\$ 248 bilhões) quando ajustado pela inflação.

Serena, única mulher

Neymar é o único brasileiro com posição na lista. O jogador do Al-Hilal está em 16º, com fortuna avaliada em US\$ 1,01 bilhão (R\$ 5,02 bilhões). Na última temporada, o camisa 10 pouco jogou. Quando iniciou-se o ca-

lendário, na metade de 2023, ele ainda estava em recuperação de uma lesão no tornozelo. Em outubro, já saudável, machucou o joelho, o que lhe obrigou a fazer uma cirurgia que o tira dos gramados até agosto deste ano.

A única mulher da lis-

ta é a ex-tenista Serena Williams. Aposentada em 2022, ela tem a fortuna avaliada em US\$ 630 milhões (R\$ 3,1 bilhões). No ano passado, a lista também tinha apenas ela de mulher, mas em 38ª. Serena venceu 23 Grand Slams e lidera o ranking de

premiações entre tenistas mulheres, com US\$ 95 milhões (R\$ 472 milhões).

Assim como Jordan, ela tem boa parte da fortuna oriunda de acordos comerciais. Os principais parceiros são Nike, AT&T, Beats, Ford Motor, Gatorade e Subway.

Top 10

- 1º - Michael Jordan (basquete): US\$ 3,75 bilhões (R\$ 18,6 bilhões)
- 2º - Tiger Woods (golfe): US\$ 2,66 bilhões (R\$ 13,23 bilhões)
- 3º - Cristiano Ronaldo (futebol): US\$ 1,92 bilhão (R\$ 9,55 bilhões)
- 4º - Arnold Palmer (golfe): US\$ 1,76 bilhão (R\$ 8,75 bilhões)
- 5º - LeBron James (basquete): US\$ 1,7 bilhão (R\$ 8,46 bilhões)
- 6º - Jack Nicklaus (golfe): US\$ 1,67 bilhão (R\$ 8,31 bilhões)
- 7º - Lionel Messi (futebol): US\$ 1,67 bilhão (R\$ 8,31 bilhões)
- 8º - David Beckham (futebol): US\$ 1,5 bilhão (R\$ 7,46 bilhões)
- 9º - Roger Federer (tênis): US\$ 1,49 bilhão (R\$ 7,41 bilhões)
- 10º - Floyd Mayweather (boxe): US\$ 1,48 bilhão (R\$ 7,36 bilhões)

Fotos: Reprodução/Instagram



Cristiano ainda está em atividade no futebol, assim como Tiger Woods no golfe; Michael Jordan já se aposentou, mas segue ganhando dinheiro; Messi é o sétimo e Federer, o nono colocado

CATEGORIA SUB-21

Endrick lidera a lista dos centroavantes mais promissores

Agência Estado

O atacante Endrick, do Palmeiras, foi colocado como o centroavante sub-21 mais promissor do mundo em ranking organizado pelo Observatório do Futebol, grupo de pesquisa do Centro Internacional de Estudos Esportivos (CIES). Aos 17 anos, ele tem a companhia de outros dois brasileiros no top-10 organizado pela instituição: Vitor Roque, de 19, do Barcelona, que está em segundo lugar na lista, e Marcos Leonardo, de 20, do Benfica, o décimo colocado.

Entre o barcelonista e benfiquista estão o irlandês Evan Ferguson, do Brighton, o chileno Damián Pizarro (Colo-Colo), o argentino Jerónimo Domina (Unión de Santa Fé), o sérvio Milis Lukovic (FK IMT), o nigeriano George Ilenikhena (Real Antuérpia), o esloveno Benjamin Sesko (RB Leipzig) e o argentino Santiago Castro (Bologna). O Brasil,

portanto, é a nação com mais representantes no top 10, à frente da Argentina, que tem dois atletas.

Único jogador do ranking que atua no futebol brasileiro, Endrick é o segundo mais jovem da lista, um mês mais velho do que Ilenikhena. A despedida do Brasil, contudo, está próxima. O atacante palmeirense vai se transferir para o Real Madrid em julho deste ano, quando completa 18 anos. Sem disputar boa parte do Paulistão porque estava defendendo a seleção sub-23 no Pré-Olímpico, ele tem um gol em cinco jogos nesta temporada.

A ideia é de que o jovem esteja junto com a delegação do clube merengue na pré-temporada 2024/2025. O local escolhido pelo Real Madrid para esse período foi os Estados Unidos. No último ano, o atacante visitou a Espanha e conheceu Florentino Pérez, presidente do clube de Madrid, além do seu novo treinador,

Carlo Ancelotti

Em 2022, Endrick foi comprado por 35 milhões de euros fixos (R\$ 198 milhões na cotação da época), além de 25 milhões de euros (R\$ 141 milhões) em bônus, dos quais 10 milhões já foram atingidos. Um desses adicionais é ativado a cada cinco gols marcados em sua carreira. Até o momento, desde que foi comprado pelo Real Madrid, ele soma 15 gols, o último registrado em clássico com o Corinthians.

Vitor Roque e Marcos Leonardo estão no início de suas jornadas na Europa. O ex-atacante do Athletico-PR ainda briga por espaço no Barcelona e vem sendo utilizado apenas pontualmente pelo treinador Xavi Hernández. Em dez partidas disputadas até aqui, marcou dois gols. Já o ex-centroavante do Santos, embora não seja titular, tem mostrado potencial no futebol português e anotou cinco gols em 11 partidas.



Foto: Fabio Menotti/Palmeiras/By canon

O atacante do Palmeiras vai se transferir para o Real Madrid em julho deste ano

30 ANOS DE PAIXÃO

Aldeone diz que não vive sem o Sousa

Presidente do clube sertanejo comemora a boa fase na temporada com projeção nacional, através da Copa do Brasil

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

“Eu não vivo sem o Sousa. O clube é parte de mim, sem ele seria como se minha razão de viver não tivesse sentido”. O depoimento é de Aldeone Abrantes, presidente do Sousa e dirigente mais longevo do futebol paraibano. À frente da equipe sertaneja há três décadas, ele vive o seu ápice junto da própria história do time e faz o clube ganhar notoriedade a nível nacional com a histórica campanha na disputa da Copa do Brasil.

Pela primeira vez na história de seus 32 anos, o Dinosauro chega para uma disputa na terceira fase da Copa do Brasil, em sua sexta participação na competição. Isso, depois de ter eliminado o Cruzeiro-MG, maior campeão do torneio nacional com seis títulos, na noite histórica de 21 de fevereiro, no Estádio Marizão, em Sousa, quando venceu por 2 a 0. Na sequência da disputa, o clube ainda despachou o Petrolina-PE, depois de ter vencido por 1 a 0, também jogando como mandante.

Para chegar a um dos momentos mais marcantes de sua história, muito se deve a Aldeone Abrantes. Figura marcante nos bastidores do clube, ele comemora as conquistas, mas sem deixar de contextualizar todas as adversidades que teve de superar para transformar a agremiação numa das atuais forças do futebol paraibano.

“Poucos sabem o que tive de passar durante todo esse período à frente da diretoria. Tive de conviver com a desconfiança, enfrentar momentos críticos de saúde, penhorar bens e até fazer empréstimos para cumprir com as obrigações financeiras, tanto parti-

culares como as do clube, tudo por amor ao Sousa. Mas sem deixar de sempre andar lado a lado com a resiliência, superamos todos os desafios, e como consequência, jamais chegamos ao ponto de termos sido rebaixados desde do momento que passamos a disputar a 1ª divisão do futebol estadual, além de tão bem representarmos o futebol paraibano nas disputas das principais competições do calendário do futebol brasileiro”, destacou.

Não à toa, o grande momento vivido pelo time reflete nas questões relacionadas à arrecadação financeira. Afinal, o Sousa já conquistou R\$ 3,9 milhões de premiação por chegar à disputa da terceira fase da Copa do Brasil. No entanto, deste montante, 10% foi direcionado ao pagamento de direitos trabalhistas junto ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) e a Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (FENAPAF). Parte do valor recebido, também foi destinado R\$ 540 mil como bônus aos atletas e comissão técnica pela inédita classificação no torneio nacional.

Subtraído os valores, a diretoria projeta investimentos na infraestrutura do clube com a construção do tão sonhado centro de treinamento, bem como, na questão esportiva, pensando na disputa da sequência da Copa do Brasil e também no Campeonato Brasileiro da Série D. De acordo com a cúpula souseense, a ideia é iniciar a construção do CT, já no segundo semestre deste ano.

“O Sousa carrega a história de um povo guerreiro e resiliente a qualquer desafio. Tanto, que empresários e profissionais liberais montaram uma força-tarefa para que possamos iniciar a tão sonhada cons-

trução do Centro de Treinamento. De forma voluntária, foi nos disponibilizado o projeto técnico e a doação de alguns materiais. Apesar de estarmos vivendo este momento ímpar, o nosso foco atual é a disputa do Campeonato Paraibano, pois é ele que nos possibilita a qualificação para a disputa nas grandes competições do calendário esportivo do futebol brasileiro e, consequentemente, a arrecadação de valores com cotas de premiações. No segundo momento, a ideia é de que possamos iniciar as obras com a construção do CT, a partir do segundo semestre deste ano”, disse destacou Aldeone, antes da última rodada do Estadual.

Em meio ao sucesso na questão esportiva, vale ressaltar o compromisso com a responsabilidade administrativa do Sousa. Com uma média orçamentária de custo no valor de R\$ 250 mil, o clube cumpre com todas as suas obrigações financeiras, tem suas contas equilibradas, ao ponto de não ter sequer de enfrentar ações trabalhistas em toda a sua história. Apesar do sucesso também na saúde financeira, Aldeone Abrantes não descarta a possibilidade de transformar a agremiação numa Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

“Já houveram sondagens no sentido de transformar o clube numa SAF. Mudamos de patamar, temos estrutura de um time mediano, nossa saúde financeira vai bem, obrigado! Com a evidência esportiva, passamos a ser vitrine para empresários investidores e para atletas, o que acaba gerando o interesse em defender nossas cores. Evidente que a última palavra é a do presidente, mas antes de qualquer situação, haverá de ter um consenso coletivo com



Aldeone não descarta a possibilidade do clube virar SAF

toda a diretoria. Havendo uma proposta oficial, ela será avaliada, dentro de uma realidade que possa gerar benefícios para o clube”, revelou.

Inevitavelmente citar Aldeone é remetê-lo à figura de um dirigente respeitado pela torcida do Sousa, admirado e ao mesmo tempo, “odiado” por outras torcidas. Nos holofotes de momentos polêmicos, onde o dirigente prefere tratar como “coragem e irreverência”, ele recentemente protagonizou fatos que repercutiram nas redes sociais Brasil a fora, ao cantar músicas como “Caboclo Sonhador” e parodiar a canção “Petrolina, Juazeiro”, em respostas às provocações

de parte da imprensa mineira e a um dirigente do Petrolina-PE, depois de ter eliminado as duas equipes da Copa do Brasil, além do famoso bordão “faz o PIX, meu amigo Ednaldo”, com o tom de brincadeira em alusão à cobrança de pagamento das cotas de premiação ao presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ednaldo Rodrigues. “Não sou polêmico. Eu apenas tenho a coragem de bater de frente com quem quer que seja para defender os interesses do Sousa, e quando acabo conseguindo, incomoda a muita gente que não tem a mesma coragem. Em relação aos cânticos, só respondi à altura as

“
Poucos sabem o que tive de passar durante todo esse período à frente da diretoria. Tive de conviver com a desconfiança, enfrentar momentos críticos de saúde, penhorar bens e até fazer empréstimos

Aldeone Abrantes

provocações que foram feitas ao clube, dentro de um respeito sadio que não pode transcender o futebol, ao mesmo tempo que resgatei e matei a saudade quando era cantor de seresta, nos velhos tempos de faculdade”, brincou. Entre classificação, premiação, saúde financeira e história, o clube segue com a sua programação de atividades e aguarda a definição de seu próximo adversário na disputa da Copa do Brasil, sem deixar de se apegar ao passado marcado por separações, para pensar no futuro com metas administrativas e esportivas, ainda nesta temporada, que sejam capazes de tornar o clube ainda mais forte.

VALORIZAÇÃO

CBF aumenta as cotas para a disputa do Brasileiro da Série C

Danrley Pascoal
danrley.p.c@gmail.com

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) informou ao Botafogo e as demais equipes integrantes do Campeonato Brasileiro da Série C de 2024 que repassará a cada clube, por sua participação na primeira fase, o valor de R\$ 1,2 milhão, divididos em quatro parcelas de R\$ 300 mil. A quantia é 50% maior que à edição anterior, quando as 20 equipes receberam R\$ 800 mil, cada. O montante foi informado durante a reunião do Conselho Técnico realizada na última quinta-feira (14), através de videoconferência.

Conforme o presidente do Belo, Roberto Burity, o dinheiro deve ajudar na manutenção da equipe para a disputa da competição nacional. O dirigente ressalta que seguirá o mesmo planejamento dos outros anos: “O Botafogo vai fazer o que sempre fez. O objetivo é pagar em dia os jogadores que já estão no clube e equalizar o grupo com contratações pontuais, à medida em que se faça necessário, para alcançarmos uma posição entre os oito melhores da primeira fase”, disse.

Em 2023, a equipe para-



O Botafogo, do capitão Rodrigo, vai estreiar no Campeonato Brasileiro da Série C contra o Floresta, fora de seus domínios

Jogos de hoje

■ **Alagoano**
17h
ASA x CSE

■ **Baiano**
16h
Vitória x Barcelona

■ **Carioca**
16h
Nova Iguaçu x Vasco

■ **Cearense**
17h
Fortaleza x Maracanã

■ **Gaúcho**
16h
Juventude x Internacional

■ **Mineiro**
19h
América x Atlético-MG

■ **Paranaense**
19h30
Maringá x Coritiba

■ **Paulista**
16h
Bragantino x Inter de Limeira
18h
São Paulo x Novorizontino
20h15
Santos x Portuguesa

■ **Pernambucano**
16h
Retrô x Náutico

■ **Potiguar**
16h
América x ABC

baína recebeu uma cota total de R\$ 1,04 milhão, por ter disputado a primeira e a segunda fase da terceira divisão. Foram repassados pela CBF, R\$ 800 mil na primeira fase e mais R\$ 240 mil pela classificação para o quadrangular de acesso, que terá neste ano uma cota de R\$ 312,5 mil.

Nos últimos anos, a CBF tem aumentado os investimentos na Série C do Brasileiro. Este ano serão R\$ 26,5 milhões, R\$ 8,6 milhões a mais que em 2023, quando foi distribuído aos clubes R\$ 179 milhões. A entidade máxima do futebol brasileiro também garante o custeio das viagens e hospedagens das delegações. Neste ano, o torneio terá oito times do Nordeste: ABC (RN), Botafogo (PB), Confiança (SE), CSA (AL), Ferroviário (CE), Floresta (CE), Náutico (PE) e Sampaio Corrêa (MA).

Brasileiro Série C

O Campeonato Brasileiro Série C tem início previsto para o dia 20 de abril, com a primeira fase se estendendo até o dia 25 de agosto. A fórmula de disputa das últimas edições será repetida neste ano. O Belo estreia contra o Floresta, fora de seus domínios.



Laboratório dentro do Museu da UEPB tem o maior acervo de material arqueológico e paleontológico do estado e é a única reserva técnica da Paraíba, com uma coleção de mais de 50 mil

Pela História Natural

Em Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba está à frente de museu que preserva a diversidade natural da região, além de possuir o único Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Na área central de Campina Grande, encontra-se um verdadeiro tesouro científico e cultural do estado. O Museu de História Natural da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) é um espaço rico, não apenas por preservar a diversidade natural da região, mas também por oferecer experiência educacional aos visitantes. São cerca de 700 peças expostas. No local, estão materiais geológicos, paleontológicos, arqueológicos, faunísticos e florísticos.

O equipamento, que foi criado em 2009, abriga urnas funerárias, ossos humanos, louças, rochas e minerais, além de fósseis de animais da megafauna gigante da região.

Ele está localizado no Centro da cidade, funcionando dentro do antigo Museu de Artes Assis Chateaubriand, no Parque do Açude Novo. Ao entrar, as pessoas são transportadas para uma jornada através do tempo e da natureza. O museu abriga uma vasta coleção de espécies desde exemplares de animais nativos até botânicos raros, além de modelos da flora e fauna locais, destacando-se a rica biodiversidade da região. Cada exposição é cuidadosamente preparada para fornecer uma visão abrangente.

Só que o local não é apenas as salas de exposição. "Ligado ao museu, nós temos o único Laboratório de Arqueologia e Paleontologia do estado, que fica aqui no subsolo. Temos ainda a única reserva técnica do estado da Paraíba com mais de 50 mil peças. Todo material arqueológico, paleontológico e os demais, são provenientes de escavações, salvamento, de doações e de achado de maneira fortuita. Hoje, esse local é o maior acervo de material arqueológico e paleontológico da Paraíba, e um dos grandes acervos do Brasil", disse o professor Juvandi de Sousa Santos, administrador do equipamento.

A criação e a implantação do Museu de História Natural da UEPB tiveram como principal mote o estabelecimento de um espaço interativo e permanente de produção, dispersão e popularização do conhecimento, envolvendo o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap), visto que a divulgação do trabalho é compreendida como uma forma de aproximação do conhecimento científico e a comunidade.

As peças do museu são oriundas de todas as regiões do estado, fruto das atividades de pesquisa dos professores, bolsistas e estudantes. "Muitos materiais chegam também pelas mãos de outros arqueólogos e paleontólogos contratados por empresas que estão por fazer grandes empreendimentos, visto que hoje, nas construções, por exemplo, de



Segundo o administrador Juvandi de Sousa Santos, o Museu abriga uma vasta coleção de espécies, desde exemplares de animais nativos até botânicos raros, além de modelos da flora e fauna locais



São cerca de 700 peças: materiais geológicos, paleontológicos, arqueológicos, faunísticos e florísticos, como urnas funerárias, ossos humanos, louças, rochas, minerais e fósseis de animais

uma rodovia, de um açude, usinas fotovoltaicas, a legislação determina que haja o acompanhamento arqueológico, paleontológico. E quando existe esse achado aqui, no estado, eles trazem para cá, onde é feito o salvamento e tombamento. Todas as peças existentes nesse espaço estão devidamente tombadas", explicou Santos. No local, ainda estão materiais provenientes de outros estados que chegam por meio de trocas e doações.

Uma dessas doações é um fóssil de uma calda de baleia gigante, ocorreu por parte da polícia, após uma ação de combate ao tráfico. Ela é datada de pelo menos 35 mil anos, e estava sendo embarcada para Europa, quando foi encontrada em um navio, no Porto de Cabedelo.

Peças de destaque

Entre as peças que mais chamam atenção dos visitantes estão as pontas de lanças de flechas produzidas e usadas pelos antigos indígenas. Uma delas foi encontrada no município de Cuité, na região de um aldeamento dos tarairiús. "Ela encanta bastante por ser difícil de ser feita, é rara e bonita. A ponta foi encontrada durante uma escavação arqueológica nossa em 2007, e é datada de 450 anos", afirmou o professor Juvandi de Sousa Santos.

Outra peça alvo de admiração é um trilobita, artrópodes que viveram há pelo menos 550 milhões de anos. O objeto veio da França, comprada pelo próprio administrador do museu, no período em que esteve fazendo um pós-doutorado. "Lá nós temos a oportunidade de comprar de forma legal materiais paleontológicos, com nota fiscal, tudo registrado. E o trilobita foi um animal que viveu por volta do período devoniano, até o Carbonífero, há 500 milhões de anos, e se assemelha a uma barata gigante. Esses bichos foram completamente extintos. No planeta Terra só temos o seu registro fóssil", explicou ele.

De destaque no Museu também está um iconofócio, a marca de urina fossilizada de um dinossauro da bacia sedimentar do Rio do Peixe, datado de cerca de 140 milhões de anos.

Urnas funerárias indígenas mudam a compreensão da História da Paraíba

Ao transitar no Museu de História Natural da UEPB é possível observar muitas urnas funerárias de diversos tamanhos e formatos, utilizadas por povos indígenas. Conforme o administrador Juvandi de Sousa Santos, a pesquisa e o encontro de algumas desses objetos podem alterar uma parte dos registros da História do estado sobre a ocupação indígena.

"Temos livros que afirmam que o povo tupi habitou apenas o Litoral paraibano e proximidades. Mas, de cinco anos para cá, nós começamos a encontrar sítios arqueológicos com aldeamentos tupis no interior", explicou o coordenador. "Hoje, já temos registros de pelo menos 22 sítios com a presença tupi no interior, como em Areia, Alagoa Grande, Bananeiras, Borborema, Cuité, Bernadinho de Batista e Serra Grande, já no Alto Sertão da Paraíba, dentre outros. Dessa forma, hoje, quando formos falar em ocupação indígena do território paraibano, é preciso citar dois grupos que antes não eram falados como habitantes do interior, que são os povos tupi e aratu".

Por essas descobertas significativas, um livro foi produzido sob a autoria do

professor e será lançado até o final do mês. Intitulado *A Ocupação Tupi no Interior da Paraíba*, a obra tem cerca de 500 páginas e pretende mostrar fatos que corrijam essa distorção.

Visitação

A visitação ao Museu de História Natural da UEPB pode ser feita de segunda a quinta-feira, no horário das 8h às 11h30, e das 13h30 às 16h30.

Para a visitação de grupos de estudantes, a administração solicita um agendamento, visto que antes de conhecer a parte física do Museu, eles passam por uma sala de aula, onde recebem algumas informações dos materiais expostos. O contato para agendamento é através do número (83) 99983-8198.

O equipamento também tem a parte itinerante. As prefeituras e instituições podem solicitar o serviço. A administração levará kits com peças arqueológicas, paleontológicas, geológicas, que contam períodos da história de forma a ampliar o conhecimento dos que visitarem a exposição. Além disso, são dadas palestras, distribuição de folhetos explicativos.

Fotos: Valdívia Costa



Antes, afirmava-se que o povo tupi habitou apenas o Litoral paraibano e proximidades; atualmente, com a descoberta das urnas, já se tem registros de pelo menos 22 sítios com a presença tupi no interior do estado



Waldomiro Ferreira dos Santos

Câmera fotográfica na mão com foco nas habilidades interpessoais

Joel Cavaleanti
cavaleanti.joel@gmail.com

Se o repórter fotográfico estiver no lugar certo, seguramente ele terá ali a sua presença indesejada. Saber registrar acontecimentos em lugares para onde não foi convidado exige talento com a câmera e habilidade interpessoais nos meandros das interações cotidianas. Waldomiro Ferreira dos Santos, o Cabeção, possuía ambas qualidades. Construindo sua carreira acompanhando homens do poder de grande influência e de tratos autoritários, o pessoense entrou para a história do jornalismo paraibano que até hoje, 23 anos após sua morte, ainda é lembrada.

Para dominar além do diafragma, do obturador e do ISO, há que se entender também sobre composição de vaidades e exposição de egos. “Cabeção era sábio. Era especialista em elogiar o nó de gravata. Quando ele encontrava um político com a gravata com o nó bem dado, ele dizia: ‘Quem deu esse nó para o senhor? O senhor mesmo? Meu Deus, parabéns!’”, ilustra com humor o jornalista José Euflávio. Ainda menino, Euflávio conheceu Waldomiro Ferreira em Santana dos Garrotes, no dia da padroeira Nossa Senhora Sant’Ana. Um encontro que anteciparia uma amizade que ia ser reencontrada muitos anos depois, no jornal *Correio da Paraíba*.

Nessa época, o fotógrafo já carregava sobre si o apelido de Cabeção. A alcunha que o seguiu por toda a vida, roubando-lhe o nome de batismo, foi dada aos 12 anos pelo paraibano Robert Stuckert, repórter fotográfico referência na imprensa brasileira e conhecido por seu trabalho com o ex-presidente João Figueiredo. Depois de trabalhar ainda criança lavando banheiros na escola, ele conseguiu uma chance no estúdio de Stuckert. Um dia, viu os negativos que estava para ser re-

velados, mas o laboratorista não havia aparecido para trabalhar. Cabeção, então, revelou as fotos sozinho e, para surpresa de todos, deu certo. Quando Stuckert chegou, teve a reação definitiva: “É um cabeção mesmo!”.

Autodidata em quase tudo que fazia, Cabeção estudou só até o ensino médio. Aos 17 anos, já havia conseguido se aproximar de um homem influente, o empresário e ex-deputado federal Teotônio Neto, fundador do jornal *Correio da Paraíba*. Assim, Cabeção compôs a equipe que inaugurou o periódico paraibano justamente como laboratorista, em 1953. O trânsito fácil com os governantes e o prestígio conquistado com a qualidade de suas fotos, Cabeção também teve passagens pelo jornal *A União*. Entre os políticos com quem mais teve afinidade estão os ex-prefeitos de João Pessoa, Hermano Almeida e Damásio Franca; e os ex-governadores João Agripino, José Américo de Almeida e Dorgival Terceiro Neto, entre muitos outros. Nenhum grande político até a década de 1980 escapou da convivência com Cabeção.

Casado com Daura de Souza Santos, Cabeção teve cinco filhos. O primogênito é o político pessoense Tavinho Santos, que se lembra da agenda sempre imprevisível do pai. “Ele ficava muito tempo longe de casa, mas sempre só para realizar as atividades de trabalho mesmo. Meu pai era uma pessoa muito presente, muito família”, lembra Tavinho. “Ele tinha um carisma muito grande e conversava, sobretudo, com muita sabedoria, falava a linguagem da política. Ele falava alto e numa redação ninguém falava mais alto do que ele. Então, ele chamava atenção por isso também”.

Além de ser conhecido por ser um homem muito irreverente e brincalhão, com a câmera ele era preciso. Em uma época anterior ao digital, era imperativo que se

economizasse os rolos de filme. A contingência exigiu o aprimoramento da técnica. Era comum Cabeção só fazer uma foto por evento, mas a que ele fazia era o melhor registro entre os jornais.

A profissão

Em um desses casos em que um clique foi suficiente, Cabeção se envolveu em uma de suas maiores polêmicas de sua carreira. Na década de 1960, ele fotografou o então governador, João Agripino, deitado em um banco do aeroporto, vencido pela espera e pelo cansaço. O flagrante indiscreto ganhou as páginas do jornal e a população considerou que o governante decubito estava sofrendo de ressaca. O secretário de Comunicação da época teria pedido a cabeça de Cabeção, afirmando que ele havia tentado ridicularizar o governador.

O caso foi comentado pelo próprio Cabeção no livro *Perfis do corpo inteiro* (1983), do jornalista Abmael Morais. “Perdi um toco no Palácio. Eu ganhava mil cruzeiros lá, para dar cobertura aos eventos oficiais. O governador depois me convidou para voltar, mas não voltei. Sei lá o que estava aprontando pra mim”, afirmou Cabeção em entrevista. José Euflávio dá mais detalhes sobre essa conversa com João Agripino, que teria dito a ele: “Não ligue para esse povo que presta serviço ao governo. Eles nem sabem fazer as coisas e criticam os que fazem. Você fez seu papel. Encontrou o governador deitado no banco do aeroporto e é uma excelente foto”.

Mas nem sempre um só clique é suficiente. Uma cobertura marcante para



Ilustração: Tonio

Autodidata em quase tudo que fazia, Cabeção também passou pelo jornal *A União*

Cabeção foi a da tragédia na Lagoa do Parque Sólton de Lucena, em 1975, quando uma balsa do Exército naufragou no Centro da cidade, resultando na morte de 35 pessoas. “Ele ia saindo do *Correio da Paraíba* para ir para casa, no Róger. E o caminho dele era exatamente esse, pela Lagoa. Quando ele ia passando, estava a tragédia. Ele ia com a máquina, fotografou e voltou para o jornal. Ele foi um dos primeiros a chegar ao local e fotografou à vontade, gastou uns três ou quatro filmes lá. Cabeção era um profissional assim, mesmo na folga dele, teve o senso de fotografar e voltar para o jornal. Ele não se desligava de ser um repórter fotográfico”, remonta Zé Euflávio.

Outros fatos eram contados com orgulho por Cabeção, como um conflito de terras em Mari que lhe valeu o primeiro furo jornalístico. Quando chegou ao local conflagrado, ele afirma ter fotografado um verdadeiro mar de sangue. Do intenso tiroteio, Cabeção teria sido o único a registrar a morte de 14 pessoas. “Comecei aí, também, a me credenciar pela afoiteza e pela coragem”, contava ele. Outro episódio foi quando ele quase foi preso pela segurança presidencial de Jânio Quadros. Cabeção teria invadido uma área restrita e recebeu ordem de prisão de um coronel que comandava a segurança. “A sorte é que, quando estava nessa situação, o presidente desceu do avião e o Hino Nacional tocou. O homem me soltou para se perfilar e eu aproveitei para fugir”.

A política

A irreverência de Cabeção muitas vezes o ajudava a romper com a formalidade e a conseguir fotos de uma pessoa ou situação de forma única. Ele soube capitalizar isso politicamente e se tornou um líder comunitário no bairro do Róger, onde passou toda a vida. Da casa de taipa onde a família morava, ele foi para a Casa Napoleão Laureano e se tornou vereador em João Pessoa, em 1982. “Na vida, só acredito em dinheiro e na inteligência dos homens. Em três oportunidades seguidas, tentei chegar à Casa de Napoleão



Cartão-postal da capital, Hotel Tambaú nas lentes de Cabeção

Laureano - finalmente cheguei”, dizia Cabeção, que recebeu quase 1.500 votos para ser eleito.

Com acesso a tantos empresários e governantes, Cabeção usava dessa facilidade e de sua insistência muitas vezes impacientes para levar melhorias à comunidade que morava, desde um calçamento de rua, um ginásio ou cestas básicas para as famílias. “95% do bairro do Róger fui eu quem ajudei a construir”, dizia ele. Já ideologicamente, Cabeção era um simpatizante da ditadura civil-militar. “Ele era mais governo militar mesmo. Ele não era militar, mas ele estava bem de todos os lados. Não tinha nada de ideologia com ele, não”, confirma o filho Tavinho Santos.

Estar no espectro político à extrema direita e apoiar a ditadura eram motivos de muitas discussões entre ele e o amigo José Euflávio. “Eu era militante do Partido Comunista e dizia, ‘Cabeção, tu tem cuidado, que nós vamos chegar ao poder, viu? E você vai estar f’ com a gente. Quando o Partido Comunista chegar ao poder, nós vamos lhe f’”. Ao que ele respondia:



Tocando em Frente

Os conjuntos vocais VIII

Namorados da Lua – Advindo do conjunto Anjos do Inferno, onde adquiriu as nuances própria dos conjuntos vocais, o cantor Lúcio (Ciribelli) Alves, mineiro de Cataguases-MG (1927), foi o idealizador do grupo Namorados da Lua, cuja criação, pode-se dizer, foi um produto exclusivo da dedicação dele.

O grupo Namorados da Lua foi organizado no Rio de Janeiro, em 1941, quando Lúcio Alves estava no início da juventude – 14/15 anos. A primeira aparição em público aconteceu naquele mesmo ano, em programa de calouros, comandado por Ary Barroso, na Rádio Tupi (Rio), quando foi laureado com um primeiro lugar. No disco, o pontapé inicial aconteceu ainda no primeiro ano de existência, quando gravaram para o Carnaval a marcha ‘Nós, os Carecas’ (Arlindo Marques/Roberto Roberti).

Em sua curta existência, o grupo passou por várias formações, porém todas lideradas por Lúcio Alves, como crooner, arranjador e violonista. Curiosamente, conforme depoimento do jornalista e crítico musical Tárk de Souza, “Lúcio [já] era capaz de fazer arranjos na hora, sem saber música...”.

No período de seis anos, de 1942 a 1947, passaram pelo grupo, em momentos distintos, cerca de, pelo menos, 14 componentes, dentre os quais alguns chegaram a seguir carreira/solo, como aconteceu com o pandeirista Milinho (Milton Santos de Almeida), futuro crooner da Orquestra de Djalma Ferreira.

Enquanto conjunto, os Namorados da Lua foram contratados pelos Cassinos Atlântico

e Copacabana, e gravaram 19 fonogramas, na RCA Victor e Continental, dentre os quais merece destaque o samba ‘De conversa em conversa’ (de Lúcio Alves e Haroldo Barbosa), que foi gravado com a participação de Isaurinha Garcia e que, inclusive, mereceu uma versão estilizada para bossa-nova feita por João Gilberto.

O auge da popularidade de Lúcio Alves veio quando dos primórdios do movimento

da bossa-nova, tomando-o um dos mais populares cantores do rádio e do disco, embora alguns audiófilos, ou até cronistas/críticos, considerassem o movimento um tanto quanto elitista. A comprovação desta afirmação veio com a gravação de ‘Teresa da Praia’ (Tom Jobim/Billy Blanco), em que ele fez dueto com Dick Farney; ‘Sábado em Copacabana’ (Dorival Caymmi/Carlos Guinle) e ‘Valsa de uma Cidade’ (Ismael Neto/Antônio Maria).

Nos dizeres de Aloysio de Oliveira, que com ele havia participado também do conjunto Anjos do Inferno, Lúcio, quando da criação da gravadora Elenco (1963-1964), foi uma espécie de carro-chefe da bossa-nova. Para ele, Lúcio Alves “...continuava a ser o cantor mais completo e mais arejado [daquele] momento”.

Como referenciado, o conjunto se desfez em 1947.



Foto: Reprodução

Grupo foi organizado no Rio de Janeiro, em 1941, e gravou 19 fonogramas, dentre os quais o samba ‘De conversa em conversa’

Angélica Lúcio

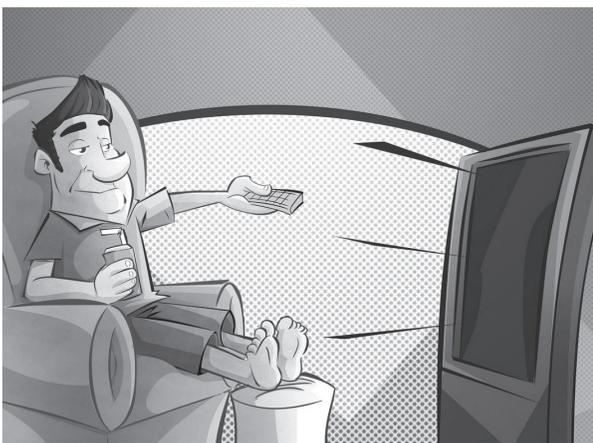
O risco do “falso equilíbrio” adotado pelo jornalismo

O livro *Pós-verdade – A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, de Matthew D’Ancona, foi lançado no Brasil em 2018. Após isso, enfrentamos a pandemia de Covid-19 e um governo negacionista que nos deixou um rastro de 700 mil mortes decorrentes de omissão, necropolítica e anticiência. Tudo isso em um ambiente de incertezas, explorado por quem não teve o mínimo pudor de usar a emoção, a crença e a ideologia da população.

Infelizmente, a pós-verdade está cada vez mais entre nós: com apoio das *big techs* e da mídia. Na Paraíba, por exemplo, o médico e ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga (que atuou no governo Bolsonaro durante a pandemia) ganhou amplo espaço no Sistema Arapuan de Comunicação, recentemente, ao suscitar dúvidas sobre a vacinação de crianças contra a Covid-19.

Queiroga, que é pré-candidato a prefeito na capital paraibana, ajudou a engrossar o caldo de desinformação a respeito da imunização contra a Covid-19, ao ser entrevistado no programa *Rede Verdade*, da TV Arapuan. Na ocasião, o médico criticou a vacinação obrigatória de crianças contra a Covid-19, relacionando-a a possíveis óbitos decorrentes de efeitos adversos.

Tal discurso, sem a devida fundamentação científica, objetiva criar controvérsia e explorar o medo das pessoas. O propósito é semear dúvidas mesmo. Importante: ao ser entrevistado, Queiroga



“Informações incompletas ou deturpadas podem impactar a compreensão do público, especialmente quando se tratam de veículos de grande audiência como a TV e o rádio”

não indicou nenhuma prova para suas afirmações e tampouco foi interpelado por quem o entrevistava.

O livro *Pós-verdade* tem um trecho que me leva diretamente a esse episódio. “O truque é propiciar entretenimento disruptivo como distração da ciência laboriosa”, diz D’Ancona. E acrescenta: “A mídia, sobretudo os canais de notícias que ficam 24h no ar, está constantemente sedenta por confrontação, o que, muitas vezes,

cria a ilusão de uma luta entre posições igualmente legítimas, o que Kingsley Amis denominou ‘neutralidade perniciososa’”. A ascensão do negacionismo científico, aliás, também é abordada por D’Ancona, inclusive com referências a campanhas contra vacinação. “O poder de a liderança carismática solapar a ciência é um fenômeno rotineiro”, aponta.

Felizmente, há quem esteja de olho em discursos que alimentam a pós-verdade

angelicalucio@gmail.com



Eita!!!

Índice de Empoderamento das Mulheres

Um estudo realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pela ONU Mulheres revelou, em 2023, que as mulheres são capacitadas para alcançar, em média, apenas 60,7% do seu pleno potencial, segundo o pelo Índice de Empoderamento das Mulheres (WEI).

Menos de 1%

Segundo os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), menos de 1% das mulheres de todo o mundo vive em um país com alto índice de empoderamento feminino.

Medição

O índice mediu o empoderamento feminino de 114 países em cinco dimensões do desenvolvimento humano: vida e boa saúde; educação, desenvolvimento de competências e conhecimento; inclusão laboral e financeira; participação na tomada de decisões; e liberdade da violência. Para cada dimensão, o cálculo levou em conta diferentes indicadores de cada nação, como nível de escolaridade entre mulheres, número de representantes femininas em cargos políticos e taxas de violência contra mulher e feminicídio.

Brasil no "ranking"

Pelo ranking, a Suécia foi considerada o país onde as mulheres tem um maior índice de empoderamento, alcançando 0,828. Islândia (0,816) e Austrália (0,805) destacaram-se em segundo e terceiro lugar. Na classificação, o índice de empoderamento do Brasil ficou em 0,637, o que o coloca entre as nações de médio-baixo empoderamento, ocupando o 41º lugar.

Os piores

Os países com pior resultado, com um índice de empoderamento feminino classificado como "baixo" pela ONU: Iêmen (0,141), Nigéria (0,307), Paquistão (0,337), Iraque (0,363), Líbano (0,372) e Congo (0,399).

Desenvolvimento humano

Pelo levantamento da ONU, mulheres alcançam, em média, 72% do que os homens alcançam em dimensões-chave do desenvolvimento humano, refletindo uma lacuna de gênero de 28%. O empoderamento das mulheres varia entre 43,2% do seu potencial total em países com baixo desenvolvimento humano e 73,4% em países com desenvolvimento humano muito elevado. No Norte de África e na Ásia Ocidental, a região com o menor empoderamento das mulheres, as mulheres são capacitadas para alcançar apenas 45,8% do seu pleno potencial.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - moedas; 2 - moedas; 3 - rabo de gato; 4 - machos do gato; 5 - barba; 6 - flores; 7 - olho no quadro; 8 - parede; 9 - Dr. Audaci (no diploma)

DIA DO PI

Data é uma celebração de entusiastas matemáticos

Número pode ser encontrado em fórmulas e no cotidiano de diferentes maneiras

Rariane Costa
Agência Estado

No último dia 14 de março, entusiastas da Matemática e das Ciências Exatas celebraram o Dia do Pi. O número é uma constante representada pela letra grega "π", que dá nome a ele. Essa data foi escolhida para a homenagem em função do modelo norte-americano para representação de datas. Lá o mês aparece primeiro que o dia, dessa forma, a data 3/14 mostra o padrão inicial da sequência de Pi: 3,14.

O número Pi é a razão entre o comprimento de uma circunferência e seu diâmetro, aproximadamente igual a 3,14. O número Pi aparece em diversas fórmulas e pode ser encontrado no cotidiano de diferentes maneiras, desde obras da engenharia até cálculos da astronomia, isso porque se trata de um dos algoritmos mais importantes da matemática.

"Ele é usado, por exemplo, para calcular áreas de círculos, volumes de esferas, perímetros de circunferências, e em equações que descrevem fenômenos físicos envolvendo movimento circular", explica Daniel Ferretto, matemático pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Pi é um número irracional e infinito, o que significa que sua representação decimal não termina nem se repete. "Até o momento,

os cálculos mais precisos alcançaram trilhões de casas decimais, demonstrando a extensão e complexidade desse número", comenta.

É por esse motivo que o valor de Pi pode ser representado de inúmeras maneiras, não há uma definição exata. Depois do 3,14 há, literalmente, uma infinidade de outros números que nem mesmo computadores foram capazes de precisar.

■ Dia marca eventos relevantes, como o aniversário de Albert Einstein e a morte de Stephen Hawking

O matemático explica que a origem do número é voltada à antiguidade, com evidências de cálculos aproximados por egípcios e babilônios por volta de 1700 a.C. Na Grécia antiga, Arquimedes também teria adicionado contribuições significativas para entender o Pi.

De acordo com Ferretto, se relacionando à geometria das circunferências, o conceito foi refinado ao longo da história da Matemática, atingindo na sua representação moderna como uma constante fundamental nas Ciências Exatas.

A data em comemoração ao número foi registrada pela primeira vez em 1988, em uma iniciativa do físico Larry Shaw com o intuito de promover a Matemática entre os norte-americanos. O dia marca ainda eventos relevantes envolvendo estudiosos das Ciências Exatas como o aniversário do físico Albert Einstein e a morte do também físico Stephen Hawking.

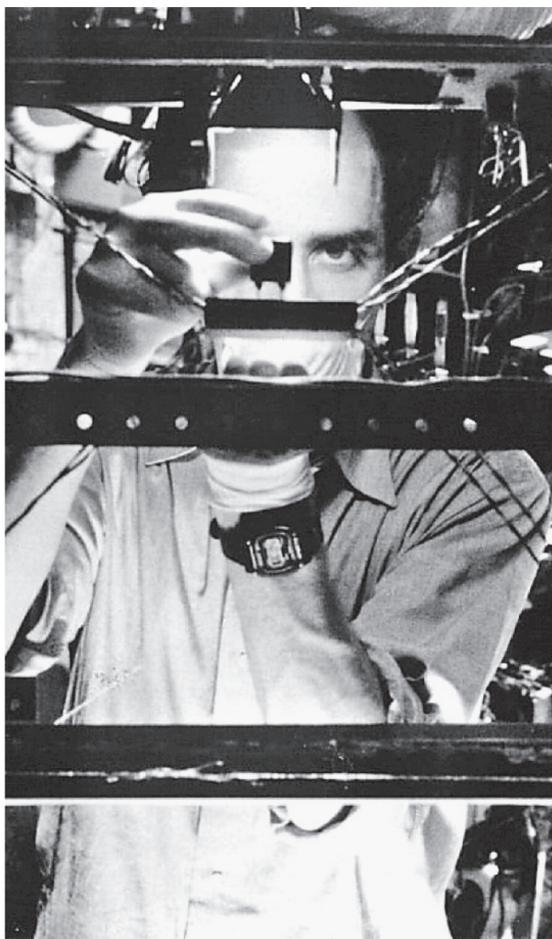


Foto: Artisan Entertainment/Divulgação

No filme 'Pi' (1998), de Darren Aronofsky, o ator Sean Gullett encarna um gênio que descobre o número completo da constante e compreende todos os segredos da existência de vida



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: poeira (1) = pó + ave (2) = ema a escutar uma composição em verso (4). Solução: composição em versos (4) = poema. Charada de hoje: Em (1) sua casa (3), ele ouvia músicas com a pretendida (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota

